



# ANNE BISHOP

Os Pilares do Mundo

*Tradução de Luís Coimbra*





Para Pat York e Lynn Flewelling,  
e em memória de Alan Mietlowski

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Blair Boon, a primeira leitora do livro, por me ter dado confiança; a Mari Anderson por ter dado voz às «Jóias do Amor»; a Deb Botes, Linda Antonnsen, Mindy Klasky, Doranna Durgin, Vonda McIntire, Deborah Wheeler, Julie Czerneda e Jennifer Robertson pela informação e as observações acerca de temas dos foros equino e canino; a Nadine Fallacar pela sua revisão de questões do foro médico; a Kandra pelo tempo e a energia que dedica constantemente ao *website*; a Michelle Zymowski, Rick Kohler, Courtney Heitzman e Hal Leader pela ajuda no desenho do mapa; a Pat e Bill Feidner por me terem acompanhado.



Nota: Este mapa foi desenhado por um autor com conhecimentos limitados de Geografia. Todas as distâncias representadas são fruto da imaginação e passíveis de modificação sem aviso prévio.



## CAPÍTULO UM

Estava prestes a encerrar-se outra estrada. Ainda faltaria algum tempo para se fechar, mas não muito. Durante mais alguns dias, esse caminho através do Véu que separava Tir Alainn do universo humano resplandeceria, como sempre o fizera desde que o povo Fae guardava memória. Então, o Véu cerrar-se-ia e a estrada deixaria de existir, qualquer Fae que tentasse percorrer aquele caminho para sair de Tir Alainn, deixaria de poder voltar para casa.

Quando a estrada fosse cortada, a parte de Tir Alainn com a qual estabelecia ligação também desapareceria: mais um pouco daquela que fora a mais extraordinária criação mágica dos Fae seria misteriosamente destruído.

«Não nos interrogamos sobre o destino dos Fae que habitavam esses espaços perdidos», reflectiu Dianna, a olhar pela janela aberta, atenta ao jardim que se estendia lá fora. «Não nos interrogamos se, porventura, terão sobrevivido nas casas dos seus clãs, isolados de nós, ou se serão hoje almas penadas, que nunca alcançarão o Reino do Verão quando a sua carne voltasse a depositar-se nos braços da Mãe.»

Afastou-se da janela, e voltou-se para o homem e a mulher que haviam aguardado, pacientes, que lhes desse atenção.

Primavam pela beleza ferina que caracterizava os Fae. Ela tinha cabelos ruivos, escuros, olhos de verde floresta com laivos acastanhados. Segundo alguns Fae, os olhos dessa cor descendiam da Casa de Gaian, clã desaparecido há tanto tempo que nem nas lendas era referido. Se isso era verdade, ou doce ilusão, ninguém podia afirmar, tal como ninguém se recordava do motivo por que a Casa de Gaian fora especial e da razão do seu desaparecimento.

Ele tinha cabelos ruivos e olhos azuis, habitualmente revestidos de uma expressão profundamente divertida. Agora, Dianna via neles tempestades e tristeza nos da mulher.

— Não descobriram nada — atirou, sem se dignar a projectar as palavras em tom interrogativo, visto que os olhos deles não lhe deixavam dúvidas.

— Não descobrimos nada — confirmou Lyrra. — Eu, a Inspira e a Cariden perguntámos a todos os poetas e contadores de histórias que encontramos. Ninguém se lembra de nada que nos ajude a perceber porque estão as estradas a fechar-se, ou como podemos impedir que isso aconteça. —

Hesitou. — Não sei se está relacionado com a informação que temos vindo a procurar, mas um velho poeta, de outro clã, lembra-se de uma estrofe de um poema antigo sobre os Pilares do Mundo, mas ouviu-a nos seus tempos de infância e não se recorda de mais nada sobre o assunto.

— Os Pilares do Mundo — disse Dianna, esforçando-se por não perder a calma. — Sabes o significado disso?

Lyrra abanou a cabeça na negativa.

— É como se, em tempos, estivéssemos tão cientes do que eram, que não havia necessidade de os explicar, era escusado preservá-los sob a forma de palavras.

Dianna sentiu o travo amargo da esperança defraudada.

— Sendo assim, é pouco provável que estejam relacionados com o que nos está a acontecer agora.

Olhou para o homem.

— Não descobri nada — afirmou Aiden, seco. — Os bardos sabem muitas cantigas sobre viagens pela estrada fora e as maravilhas que se podem encontrar além do Véu, mas nada que nos seja útil.

«Se a Musa e o Bardo não descobrem nada, a quem mais poderemos perguntar?», interrogou-se Dianna. «Onde haveremos de procurar respostas?»

Nenhum dos dois mencionou o que saberiam os clãs que usavam as estradas resplandecentes que desembocavam nos Lugares Antigos dos territórios humanos de Arktos e Wolfram: os clãs que tinham desaparecido, um a um, desde a infância dela.

Hoje, os únicos caminhos através do Véu eram aqueles que estabeleciam a ligação com Sylvalan e também esses começavam a ser cortados.

Teriam ignorado os sinais ao longo de todos aqueles anos, ou teria tudo acontecido sem aviso prévio? Teriam os Fae cujos territórios se encontravam associados aos Lugares Antigos nessas regiões teimando em menosprezar o perigo, confiando que aquilo que se sucedera aos outros clãs não poderia acontecer-lhes a eles, ou ter-se-iam refugiado nas suas casas, nas suas terras, por recearem vir a ter o mesmo destino? Ou teriam esses clãs parecido tão distantes desde sempre, que ninguém nesta parte do reino prestara muita atenção aos desenvolvimentos?

Agora o perigo já não era remoto, já não se limitava a afectar terceiros. Agora consumia os clãs deles e ainda ninguém conseguira saber porquê, ninguém fora capaz de inverter a situação.

— Lamento, Dianna — disse Lyrra, suavemente.

— Agradeço o teu esforço — respondeu-lhe, tornando a virar-se para a janela.

Ouviu-se um roçar de saias, acompanhado do som amortecido de passos a afastarem-se.

Passos de um só par de pés.

Espreitou por cima de um ombro e pareceu-lhe que a raiva de Aiden se intensificava a olhos vistos.

— Tens mais alguma coisa para acrescentar?

Juntou-se a Dianna, à janela.

— Antes de voltar para a casa do clã, investiguei uma das outras estradas. — O seu rosto apresentava uma expressão tranquila, mas os olhos...

— Visitei algumas aldeias no Nordeste de Sylvalan.

— Imagino que tenhas passado pelas tavernas, para ouvires um ou outro menestrel — comentou, esforçando-se por esboçar um sorriso amigo, com a intenção de lhe sossegar o espírito.

O gesto não foi retribuído.

— Passei — respondeu Aiden, lacónico.

Aquilo que ouvira pelo caminho não fora do seu agrado.

— Os menestréis têm cantado cantigas sobre criaturas chamadas wiccanfae.

Dianna empertigou-se ao pensar na arrogância de tais criaturas, que ousavam autodenominar-se: «Fae».

— E quem são elas?

— Entes perversos. Bruxas. Criaturas que, por maldade, são capazes de secar o leite nas tetas de uma vaca, de tornar uma mulher estéril, de se infiltrarem numa casa e devorarem a alma de um recém-nascido que a mãe depois encontra no berço, morto, sem ferimentos visíveis. Por vezes raptam bebés e sacrificam-nos em honra daquele que veneram, o Grande Mal, para que este satisfaça os seus desejos carniais. Lançam feitiços de amor sobre donzelas de bom-nome e de boas famílias, para que se deixem dominar pela luxúria e fornicem com homens sem o honroso laço do matrimónio. São praticantes de magias negras. — Fez uma pausa. — Controlam o Povo Menor, constituído por criaturas sem alma que praticam magias perversas e deviam ser eliminadas do universo, para que os homens honestos pudessem colher os frutos da terra a salvo de qualquer prejuízo. Queres ouvir mais?

— Não — replicou Dianna, sentindo um sopro de vento invernal sobre o seu rosto, embora a Primavera estivesse prestes a dar lugar ao Verão. Porém, o que ela queria era diferente daquilo que o dever lhe impunha. — Achas que essas... wiccanfae... estão por detrás do fecho das estradas? Será possível que estejam a usar magia para nos isolarem do universo humano?

— De facto, cada vez que uma estrada resplandecente se fechou no mundo dos humanos perdemos um pedaço de Tir Alainn.

Dianna viu uma alteração no olhar dele.

— O que aconteceu nas tavernas?

— Tal como a Musa tanto pode tirar a voz a alguém, como lhe pode abrir uma porta interior para que as palavras fluam, eu posso conceder o dom da música... e posso também tirá-lo.

Dianna hesitou. Apesar de ser a Senhora da Lua – título que a tornava na mulher mais influente entre os Fae –, ditava o bom senso que não devia opor-se ao Bardo. Quando se sentia provocado, não hesitava em escrever cantigas capazes de humilhar o visado e de o fazer passar por tolo.

— Se as bruxas são nossas inimigas, porque acabaste com as cantigas dos menestréis?

— Não posso acabar com algo que já existe, mas posso impedi-los de criarem mais.

Pousou uma mão no braço dele e sentiu-lhe os músculos tensos.

— Para quê acabar com elas? — perguntou-lhe, tentando adivinhar aquilo que Aiden teria omitido

— Não é preciso beber-se de um cálice para se saber se tem veneno — redarguiu, acre. — Há algo de errado naquelas cantigas. Música que não passa pelo coração antes de as mãos lhe darem corpo não tem nada para oferecer e arrisca-se a tirar-nos muito. — Fez um sorriso forçado. — Só toca essas músicas quem vendeu a alma a troco de moedas de ouro.

— Os menestréis também precisam de comer — respondeu Dianna, cautelosa.

— Há ouro quente e ouro frio, e adivinho qual dos dois lhes foi pago antes de acabarem o primeiro andamento. Aqueles menestréis tocam músicas que conspurcam o coração de quem as ouve. Além disso, inventaram letras novas para músicas antigas, músicas da nossa autoria, que outrora falavam com doçura sobre a magia e aquilo que ela nos pode oferecer. Isso é demasiado insultuoso, Dianna, porque é uma afronta ao nosso povo. A decisão de retirar o dom da música compete-me a mim e a mais ninguém.

— A Lyrra também optou por retirar o dom que a Musa concede?

Os olhos dele tornaram-se sombrios, quase negros.

«Não há dúvida alguma», reflectiu Dianna. «O Bardo ouviu muito mais do que aquilo que me contou.»

— Pedi-lhe que retirasse o dom a qualquer menestrel que cante canções daquelas — confessou, em voz baixa —, mas essa decisão fica ao critério dela.

Isso implicava que, na ausência de motivos fortes para se lhe opor, a Musa respeitaria os desejos de Aiden. Ela e o Bardo não eram amantes em exclusividade, mas não deixavam de ser amantes, e, muitas vezes, davam ou retiravam as suas dádivas em conjunto.

— Há outra razão para silenciarmos as cantigas que denigrem toda a magia por causa da sordidez das bruxas. — Aiden cruzou os braços e encostou-se à parede, junto à janela. — Nós visitamos o outro lado do Véu e usamos os nossos dons em prejuízo, ou em benefício dos seres humanos.

— Fazemo-lo para nos divertirmos, e não por necessidade — retorquiu Dianna, impaciente.

— Fazemo-lo para nos divertirmos — concordou Aiden —, mas também por nos ajudar a sentirmo-nos... vivos.

Dianna resfolegou discretamente. Sabia bem qual o tipo de «vida» que os machos do povo Fae levavam no mundo humano. Raramente as fêmeas levavam a mesma «vida» que eles ali.

Os olhos azuis de Aiden brilharam, sinal manifesto de que sabia precisamente no que ela estava a pensar. Então, o brilho sumiu-se e voltou a materializar-se uma expressão sisuda no seu rosto.

— Não era bem a isso que me referia. Viver em Tir Alainn é como flutuar nas águas plácidas de uma lagoa aquecida pelo sol. O contacto com os humanos e o universo deles é como descer os rápidos de um rio caudaloso. Aqui temos paz, lá temos excitação.

— A paz não faz mal a ninguém — insistiu Dianna. «Principalmente quando nos pode ser tirada a qualquer instante», acrescentou para consigo.

— Diz-me uma coisa — respondeu-lhe. — Quando saís com a tua matilha, para a Caçada Selvagem, cavalgas na perfeição das colinas de Tir Alainn, ou na geografia crua e imperfeita do mundo deles?

Não queria dar-lhe resposta, não queria admitir a verdade das palavras dele: os Fae visitavam o universo humano porque, ao fim de algum tempo, a paz e a perfeição de Tir Alainn se tornavam aborrecidas. Assim sendo, não teceu comentários.

Passado um instante, Aiden disse:

— Vou ver se encontro mais alusões aos Pilares do Mundo. Talvez a expressão não passe da imagem escolhida por um bardo para descrever as nossas estradas. Em todo o caso, se isso se vier a confirmar, será mais informação do que aquela que temos agora.

Ela anuiu com um aceno. Não havia mais nada para discutirem.

— Dianna — disse Aiden, fazendo uma vénia quase imperceptível.

— Aiden — respondeu-lhe.

Depois de ele ter saído, não se afastou da janela. Se não conseguissem descobrir a razão por que as estradas estavam a encerrar-se, um dia olharia lá para fora e veria... o quê? O que teriam visto os Fae que haviam desaparecido antes de o seu canto de Tir Alainn se ter extinguido?

Wiccanfae.

Os seus lábios desenharam essa palavra sem lhe darem voz.

Se fossem elas as responsáveis pela extinção do seu querido Tir Alainn, não tardariam a descobrir o que era ter-se a Senhora da Lua, também conhecida por Caçadora, como inimiga.

## CAPÍTULO DOIS

Adolfo, o Inquisidor-Mor, detinha-se à beira da sepultura aberta, com as mãos fechadas uma sobre a outra, ao nível da cintura. Um vento primaveril, excessivamente fresco para o final da estação, puxava pelas abas do seu casaco castanho, comprido, de corte austero e forrado com pele. Tão-pouco lhe importava o vento quanto o Barão Hirstun, que se erguia ao seu lado, e a plebe que se reunira no local para assistir aos desenvolvimentos; a sua atenção estava concentrada nos homens que arrastavam uma mulher a espernear, amarrada, para fora da carroça.

— Tende cautela — disse, naquela voz baixa e severa que os habitantes de Arktos e Wolfram já haviam aprendido a temer. — Não deixais que a perversidade delas vos leve a adoptar comportamentos desonrosos. Deve aproveitar o tempo que lhe resta para meditar e se arrepender do mal que fez à boa gente de Kylwode, e não perdê-lo a pensar na violência que possa sofrer nas vossas mãos.

Os homens que agarravam a mulher hesitaram, antes de assentirem.

Debateu-se para se libertar, obrigando-os a arrastarem-na para diante.

Adolfo fixou-a com os seus olhos castanhos.

— Não dificulteis a situação. Aceitai a sina a que as vossas atitudes vos condenaram. — Fez uma pausa, antes de acrescentar, brandamente: — A não ser que tenhais mais pecados para confessar...

A mulher retesou-se, com medo evidente nos olhos arregalados. Passado um instante, deixou-se levar pelas mãos dos carcereiros.

Encaminharam-na para a cova em paços miúdos, enquanto ela se arrastava entre os dois à velocidade que os grilhões permitiam. Quando a viraram para o Barão Hirstun e Adolfo, os seus olhos encheram-se de ódio por quem a havia condenado. Endireitou-se numa última manifestação de desafio que lhe conferiu um ar aristocrático e não de mulher apavorada, esfarrapada, que via a morte aproximar-se.

Adolfo sentiu um arrepio de medo nas costas, sentiu-o confrontar-se com o ódio que o norteara ao longo da vida, até ambos se confundirem sob a forma de uma dor no fundo da coluna. Esse conflito interno não transpareceu no seu semblante, nem no olhar que, como sempre, se afigurava manso e terno como o de um cordeirinho.

Os outros homens, por seu turno, inquietaram-se, perturbados quando sentiram o poder que crescia dentro dela.

«É a última vez que ganha força», garantiu Adolfo para consigo próprio. «E agora não lhe servirá de nada. Assegurei-me disso.»

— Tendes alguma última palavra a dizer? — perguntou à cativa.

Ela não disse nada.

Um dos homens que a seguravam olhou de relance para o engenho metálico que rodeava a cabeça da prisioneira e disse:

— Com o devido respeito, Dom Adolfo, não me parece que ela consiga falar com aquilo na cabeça.

— Despachem-se — rosnou Hirstun.

Adolfo ignorou o barão e dirigiu-se ao outro.

— Perceberia as palavras dela, por mais distorcidas que lhe saíssem, mas esse freio metálico impede-a de lançar um derradeiro feitiço contra os que a apresentaram perante a Justiça.

O outro carcereiro fez um sorriso rasgado para o colega.

— Devias arranjar uma coisa destas para a tua Jenny, Sax. Assim, sempre terias alguma paz e sossego.

Sax baixou a cabeça.

— É bem verdade que tem uma língua viperina, mas não me imagino a pôr uma coisa assim na minha Jenny.

— Esse freio é uma ferramenta dos homens de bem — afirmou Adolfo. — Homem que seja pai e marido dedicado, não deixa que as suas fêmeas se desencaminhem e adotem comportamentos indignos, tão-pouco permite que semeiem a discórdia em casa. É do conhecimento geral que as palavras contundentes de uma mulher podem levar a que o órgão de um homem mirre e a sua semente enfraqueça a ponto de só conseguir encher-lhe o ventre com meninas, ao invés de varões.

O rosto de Sax ficou muito corado. Baixou o olhar para o chão.

— Seja como for, parece-me uma crueldade muito grande.

Adolfo esboçou um sorriso complacente.

— Com as bruxas, usam-se estes instrumentos de metal. Com as outras, utilizam-se freios de couro e o homem trata-os com todo o cuidado que o freio da sua égua favorita lhe merece. Não faz mal nenhum às senhoras. A vergonha de usarem o aparelho é suficiente para aprenderem a ter humildade e a comportarem-se condignamente. Até a minha estimada esposa, de tempos a tempos, tem de usar este engenho. De início ficava sentida e resistia ao correctivo. Hoje, agradece esse sinal do meu afecto e preocupação pelo bem-estar dela. — Esperou um pouco e acrescentou: — Mas talvez não tenhais a mesma estima pela vossa Jenny.

Ao fim de um longo intervalo, Sax resmungou:

— Onde posso arranjar um aparelho assim?

— Tenho várias cópias do desenho — respondeu-lhe Adolfo. — Faço

questão de vos oferecer uma... assim que cumprirdes a missão que vos compete.

Olhava na direcção de Sax, mas mantivera-se atento à bruxa, apercebera-se do instante em que esta perdera o alento para continuara a desafiá-lo e se deixara dominar uma vez mais por uma resignação de animal irracional apanhado numa armadilha.

— Amarrai-lhe as pernas. Deixai folga suficiente para passardes os espigões.

Sax retirou uma tira de couro do seu cinto e pôs-se de cócoras. Quando passou com uma mão por debaixo do vestido dela, Adolfo reclamou:

— Atai-a por cima da roupa. Não queremos que os bons homens aqui presentes sejam tentados pela luxúria se ela se debater e ficar com as pernas expostas. As mulheres são o sexo mais fraco, deixam-se corromper pelo Mal com facilidade, mas até um homem forte pode ser desencaminhado pela lascívia das servas do Grande Mal.

Sax acabou de a amarrar rapidamente e deu um passo atrás, limpando as mãos no pano rugoso das calças, como se tão pouca exposição à bruxa bastasse para o pôr em perigo.

Adolfo fez um gesto discreto na direcção da cova.

— Deitai-a lá dentro. Alguém vá buscar a caixa à carroça.

Quando Sax e o seu amigo a depositaram na sepultura, recomeçou a debater-se. Relutantes, desceram à cova para a obrigarem a estender-se de costas no chão.

— Cravai os espigões no chão e predeí neles as tiras de couro, para que ela não mexa as pernas — mandou Adolfo. Fez sinal ao homem que fora buscar a caixa construída de acordo com as suas especificações. — Colocai-lhe isto sobre a cabeça e os ombros. Espetai os outros espigões nas correias.

Assim que Sax e o amigo terminaram a tarefa, os outros puxaram-nos para fora da cova.

— Já podeis tapá-la com terra — indicou Adolfo. — Primeiro os pés. A cabeça no fim.

Ele e o barão ficaram a observar, em silêncio, os homens que pegaram em pás e começaram a deitar terra para a sepultura. Quando os primeiros torrões atingiram a caixa de madeira, ouviram-na gritar.

— Nunca imaginei que o Inquisidor-Mor tivesse tanta compaixão — comentou Hirstun, em voz baixa. — Que diferença faz se a meretriz leva ou não com terra nos olhos?

— Sou, de facto, dado à compaixão — replicou Adolfo, falando igualmente baixo. — Se o não fosse, não me teria dedicado à missão de libertar a gente de bem destas malditas criaturas. A caixa deve preservar uma peque-

na bolsa de ar depois de a cova ter sido tapada, o que lhe dará tempo para se arrepender.

Hirston deitou-lhe um olhar desconfiado.

— E como poderá alguém saber se ela se arrependeu?

Adolfo fez um sorriso triste.

— A verdadeira contrição acontece no instante antes da morte. Se a vida dela fosse salva nesse momento, juraria que estava arrependida, mas seria mentira. A morte é a única libertação possível para estas criaturas, barão, mas nem através dela se verão verdadeiramente livres, pois as suas acções em vida condenam-nas a ir para o Inferno que espera todos os servos do Mal.

Não disseram mais nada até a última pazada de terra ser depositada na sepultura.

— Pronto. Está feito — afirmou Hirstun, observando o seu criado, que distribuía moedas de cobre pelos homens que haviam cumprido a tarefa. — Convido Dom Adolfo a vir a minha casa para... fazermos contas.

— Irei daqui a pouco. Quero ficar de vigia durante mais alguns minutos.

— Sois muito diligente no desempenho das vossas funções — replicou Hirstun, afastando-se com o seu criado e os aldeãos no seu encalço.

— Sou, sim — disse Adolfo, a meia voz, quando já não havia ninguém por perto que o pudesse ouvir. — Não admito que nenhuma bruxa sobreviva.

Deitada na escuridão, sentia o peso da terra que lhe comprimia o peito. Restava-lhe pouco ar, não tinha muito tempo.

Já tentara concentrar os seus poderes, tentara fazer com que a terra se mexesse para fugir dali. Porém, o ramo da Mãe do qual derivava energia era a água, não a terra, e os esforços não surtiram efeito.

Porque teria mudado a situação? Porquê? Há muitas gerações que as mulheres da sua família e os habitantes de Kylwode viviam e trabalhavam em convivência pacífica. Quantos aldeãos e reideiros das terras do barão teriam beneficiado das mezinhas da sua avó quando lhes faltava dinheiro para pagarem ao médico, profissional que, na verdade, só tinha interesse em tratar dos nobres e das famílias burguesas que residiam na região? Quantos teria ela própria ajudado, mostrando-lhes onde deveriam abrir poços? E era assim que lhe agradeciam todo o auxílio que lhes havia prestado?

Tentou abrandar a respiração, tentou poupar ar, sabendo que era escusado ter fé, mas, ainda assim, incapaz de evitar a esperança de que alguma das pessoas que a sua família ajudara ao longo dos anos, fosse quem fosse, desafiasse o Barão Hirstun e voltasse para libertá-la.

Porque teriam começado os ânimos a ferver em Kylwode? Teria sido porque o povo olhara para os poucos produtos que arrancava da terra esgotada, e cobiçara os prados férteis e as florestas – bem como a caça nelas existente –, que pertenciam às mulheres da sua família desde que a bruxa original traçara as fronteiras do Lugar Antigo pelo qual se encarregara de zelar?

Há quantos anos diziam ao povo, vezes e vezes sem conta, que a Mãe era generosa, assim se lhe desse algo e não apenas se lho tirasse? Os habitantes de Kylwode simplesmente não queriam atentar nas palavras delas. A Mãe era generosa e contavam que assim continuasse para todo o sempre. Além do mais, recentemente haviam começado a chamar «conversa de bruxa» a qualquer sugestão no sentido de retribuírem à terra, entreolhando-se com desconfiança, afirmando que tais «retribuições» implicavam sacrifícios de sangue e insinuando que os produtos da horta dela eram recompensas do Grande Mal pelo prazer carnal que lhe dava.

Nunca ouvira falar do Grande Mal até Dom Adolfo ter visitado o Barão Hirstun. Porém, tinha a certeza absoluta de que tal entidade existia, de que se encontrava, realmente, neste mundo e o seu nome era Adolfo, o Inquisidor-Mor, o Flagelo das Bruxas.

Ele parecia exalar maldade com o seu discurso sussurrado e a doce tristeza que lhe revestia os olhos, características que mascaravam a sua alma corrompida.

Pois sim, tratai a bruxa com cuidado, para que se possa arrepender. Não olheis para as suas pernas, para que a luxúria vos não desencaminhe.

Na verdade, o biltre corrupto só não queria que ninguém visse os vergões, os golpes e as queimaduras que lhe infligira para a «ajudar» a confessar-se. Os grilhões eram um modo inteligente de justificar a dificuldade que ela tinha em caminhar. Claro que ele próprio não hesitara em dar largas à sua lascívia. Usava o sexo como um instrumento de tortura, tal como o tição e os anjinhos com que lhe apertara os polegares.

Levara-a por três vezes para junto da pequena escrivãzinha que se encontrava numa sala detestável na adega do Barão Hirstun, convertida na sua câmara de tortura inquisitorial. Por três vezes insistira que confessasse os seus crimes contra o bom povo de Kylwode.

Em duas das ocasiões recusara-se a assinar a confissão que ele redigira, da primeira até exigira que lhe dissesse quem a acusara de malfetorias. Não cometera nenhum dos actos referidos como seus «crimes». Fazer o mal aos outros seria contrariar as convicções defendidas pela sua família.

Recusara-se duas vezes. Todavia, na terceira, ele dera-lhe a conhecer outro instrumento de tortura, que se veria obrigado a utilizar se continuasse a resistir aos seus esforços para levá-la a arrepender-se. Tratava-se de

um freio equipado com aquilo que Adolfo designara por «ferra-bruxas»: pregos que lhe furariam as faces e a língua. Também lhe exibira os outros instrumentos que teria de utilizar para a convencer a confessar-se de «livre e espontânea vontade».

«Maldito!», pensou.

Os olhos encheram-se-lhe de lágrimas.

A respiração começava a ser-lhe difícil. Terrivelmente difícil.

Deu graças por a mãe e a avó terem ido assistir a um parto numa aldeia vizinha antes de os homens do barão e Dom Adolfo terem ido prendê-la. Esperava que alguém do Povo Menor as tivesse avisado antes de voltarem a casa, para terem oportunidade de fugir.

Não lhe restava muito tempo. O corpo debatia-se para respirar.

A água era a sua força e a sua paixão. Todavia, tinham-na enterrado no meio de um campo seco, no lado oposto da aldeia, local demasiado afastado do Lugar Antigo que fora o seu lar para ter sequer esse consolo. Se ao menos pudesse sentir água escorrer sobre a sua mão uma vez mais, talvez fosse capaz de aceitar. . .

Ouviu o som abafado e distorcido do seu próprio grito de angústia.

Longe daquele terreno, por trás de um aglomerado de árvores, o riacho pareceu hesitar. O seu leito tremeu e abriu-se uma brecha. A brecha cresceu. A água entrou nessa fenda e serpenteou por entre as raízes das árvores até ir ter a um canal recém-aberto que continuou a estender-se, fendendo a terra para ir deixando correr a água no subsolo.

Sentiu a mão molhada, não apenas refrescada pela terra húmida, mas francamente encharcada.

As águas do riacho descobriram a abertura na caixa e rumorejaram aos ouvidos dela, como tantas vezes no passado.

Fechou os olhos e deixou-se embalar por aquela música.

A água acariciou-a. Já não sentia o peso do corpo. Não sentia dores. Sentia só a água que parecia procurar a superfície, levando o seu corpo com ela.

— Será isto o suficiente? — perguntou Hirstun, ao consultar a confissão.

— Foi mais do que suficiente em Arktos e Wolfram — replicou Adolfo. — Existe uma lei semelhante em Sylvalan. Qualquer pessoa condenada por atentados à comunidade perde o direito às suas propriedades, que são depois entregues ao nobre de maior estatuto na região, para que as reparta como lhe aprouver.

Tratava-se de uma lei que Hirstun sabia de cor; pelo menos três dos seus rendeiros eram ex-proprietários de terrenos, até que um antepassado do barão descobrira «crimes» pelos quais condenara as famílias deles, o que lhe permitira apropriar-se das terras que cobiçava e acrescentá-las ao seu património.

— Só está aqui uma cópia — reparou Hirstun.

— A outra cópia ficará em minha posse — respondeu-lhe. *Essa* cópia incluía ainda outra confissão, que só viria a lume se o barão se mostrasse difícil.

— Calculo que não vos podeis demorar muito mais nestas bandas.

O tom adoptado pelo barão, misto de desprezo e autoridade, enfureceu Adolfo, mas a voz deste manteve-se suave quando replicou:

— A não ser que mais alguém em Kylwode seja suspeito de praticar bruxaria...

O Inquisidor-Mor projectou essas palavras em tom quase interrogativo.

— Aquelas três eram as únicas bruxas em Kylwode — respondeu Hirstun, com frieza.

«O que não quer dizer o mesmo», penou Adolfo, «de maneira nenhuma». Os nobres de Arktos e de Wolfram haviam cometido o mesmo aquando das primeiras negociações com ele. Tinham passado a tratá-lo como seu servo assim que o seu trabalho produzira os resultados que lhes convinham. Todavia, posteriormente tinham vindo a descobrir, tal como os nobres de Sylvalan também haveriam de constatar, a violência com que o Flagelo das Bruxas podia castigar uma aldeia, a maneira como o frenesi de acusações podia disseminar-se com o incentivo certo, o facto de nem uma família nobre lhe estar imune.

Hirstun abriu uma gaveta da sua escrivaninha, retirou uma pequena bolsa com moedas de ouro e despejou-a sobre o tampo.

— Da primeira vez que falámos sobre as perturbações em Kylwode, prometestes pagar-me dois sacos de ouro pelos meus serviços — disse Adolfo, em voz baixa.

— Só tivestes de confrontar uma bruxa, não as três — redarguiu, ríspido. — E as outras já não voltam. Metade da verba acordada por um terço do trabalho parece-me um negócio mais do que justo.

Portanto era assim que lhe agradeciam.

Adolfo recostou-se na cadeira, voltando a cabeça quanto bastasse para lançar o olhar pela janela e observar os filhos do barão, que se haviam reunido com os amigos no jardim.

— O Mal é um adversário pernicioso — afirmou Adolfo. — Por vezes, um indivíduo deixa-se enleiar sem se aperceber, até ser convencido a pôr

a mão na consciência e a confessar-se. Por vezes serve o Mal através dos pecados da carne. A dor é a única purga espiritual para quem se deixou seduzir pelos encantos de uma bruxa.

Hirstun espreitou pela janela, fixando o olhar no seu primogénito durante muito tempo, antes de se voltar para Adolfo.

— Acusais o meu filho de se ter entregue aos prazeres carnis com uma bruxa?

— Estávamos a conversar sobre o vosso filho? — perguntou o inquisidor, placidamente.

A palidez que cobriu o rosto de Hirstun bastou para confirmar que as semelhanças entre a bruxa que haviam condenado e a filha dele tinham razão de ser.

Instalou-se um silêncio prolongado e confrangedor na divisão.

Adolfo aguardou pacientemente, como fizera muitas vezes antes. Era um homem de meia-idade, calvo, com o rosto magro de um sábio e o corpo robusto de um lavrador. Usava roupas de cores mortíferas e corte simples, como um plebeu, mas fabricada com as melhores lãs e os tecidos mais requintados. A sua voz conjugava inflexões características de uma educação aristocrática com a aspereza de quem aprendera tudo nas ruas. Pessoas como o barão nunca sabiam ao certo se ele seria o benjamim de uma família proeminente caída em desgraça, ou se fora um pirralho marginal que, ao longo dos anos, aprendera a imitar os seus superiores até poder passar por um deles. Embora a falta de deferência que demonstravam para consigo o enfurecesse, via vantagens em permitir que os nobres se convencessem de que lidavam com um cão, para mais tarde descobrirem o lobo que os apanhara pelo pescoço.

Por fim, com relutância, Hirstun tirou mais um saco da gaveta.

— Agradeço, Barão Hirstun — disse Adolfo. — Faço aquilo a que sou obrigado por ser a missão que me calhou, mas o meu trabalho tem custos associados.

— Pareceis ganhar bem como Flagelo das Bruxas — comentou, apreciando as pequenas pedras preciosas que revestiam o enorme medalhão que Adolfo usava sobre a túnica de lã acastanhada e a camisa de linho branco.

O inquisidor acariciou o ornato com um dedo.

— Há trinta anos que me dedico a esta causa. Cada uma destas pedras preciosas representa uma aldeia na minha terra que livre de bruxas... e de todos os outros sinais de bruxaria.

— Estamos perfeitamente entendidos — atirou Hirstun, com aspereza. — Espero que esse bom entendimento se mantenha.

— Partilho da mesma esperança — respondeu-lhe, guardando os sa-

cos de ouro. — Agora, se me dais licença, tenho de dar notícias aos meus inquisidores-assistentes.

— Porquê?

Adolfo esboçou um sorriso estreito.

— O trabalho que fazemos é muito perigoso. Temos o hábito de nos mantermos mutuamente informados sobre o paradeiro actual de cada um e o seu próximo destino. Assim, se acontecer alguma coisa a um de nós, os outros saberão onde começar a procurar o servo do Mal responsável pelo sucedido.

— Compreendo — disse Hirstun, com a voz tensa.

«Só agora começa a compreender», pensou Adolfo, despedindo-se com uma vénia, antes de abandonar a divisão. «Por agora, isso basta.»

À luz pardacenta que antecede a aurora, Morag permitiu que o seu cavalo negro avançasse com cuidado no terreno empapado, avançando para uma jovem sentada num monte de terra.

Vendo o medo e a tensão no rosto desta, puxou as rédeas a alguns metros de distância e permitiu que se instalasse um silêncio confortável.

— Consegue ver-me — disse a jovem.

Os lábios de Morag desenharam um sorriso ténue.

— Sou a Ceifeira. Vejo todos os fantasmas.

O medo e a tensão da mulher desapareceram, substituídos por algo que parecia esperança.

— Vai levar-me para o Reino do Verão?

Por instantes, Morag não teceu comentários, sem saber o que pensar dos seres humanos que lhe falavam do Reino do Verão. Era a primeira viagem de longo curso que fazia no mundo deles desde que se tornara na Ceifeira, há menos de um ano. Aliás, tratava-se da sua primeira visita ao nordeste de Sylvalan. Até há bem pouco tempo, nenhum dos humanos cujas almas recolhera lhe havia perguntado pelo Reino do Verão.

— Posso levá-la até ao Véu Oculto. O que fica para além dele já foi conhecido por vários nomes. Talvez seja mais do que um só reino. A sua alma conhece o destino que lhe compete. Se for o Reino do Verão, será isso o que encontrará do outro lado. — Estendeu-lhe uma mão e a manga do seu vestido abriu-se como a asa de um corvo. — Venha.

A mulher levantou-se do chão e poisou atrás da Ceifeira. Assim que se instalou, perguntou-lhe, a medo:

— Acha que algum dia vou encontrar a minha mãe e a minha avó no Reino do Verão?

Quando a sua montada deu meia-volta, para regressar pelo caminho por onde viera, Morag lembrou-se das mulheres cujos corpos haviam sido abandonados à beira da estrada para aquela aldeia, as duas cujas almas recolhera e levara ao Véu Oculto. Só depois de o monte e o campo terem desaparecido de vista, disse:

— Vai encontrá-las lá.

## CAPÍTULO TRÊS

Ari esforçou-se por não suspirar quando pousou as cestas pesadas no piso da loja da Avó Gwynn, rezando para que Odella e as outras jovens das boas famílias de Ridgeley concluíssem rapidamente as suas transacções.

Apercebendo-se daquele movimento, Odella fulminou Ari com o olhar, antes de se voltar novamente para a velhinha encarquilhada que se encontrava atrás do balcão de madeira ao fundo do estabelecimento.

— Sempre tem aquilo, Avó?

A Avó Gwynn soprou.

— Sua malandra. Francamente, magoa-me muito que ache que eu seria capaz de me esquecer de preparar o docinho para as minhas lindas meninas. Claro que o tenho. Esperem aqui.

Desapareceu detrás do reposteiro que separava a arrecadação da frente de loja.

Odella e as outras começaram a bichanar e a trocar risinhos abafados entre si.

Ari ficou à espera, fingindo que lhe era tão fácil ignorá-las quanto era para elas ignorarem-na. Não devia ter menosprezado a estranheza que pressentira no ar de manhã e não devia ter saído de casa. Devia ter ficado a trabalhar na horta, ou acabado de limpar a casa. Devia ter levado o seu bloco de esquisos e alguns pedaços de giz colorido para a floresta, e ter passado o dia sossegada, a fazer esboços para mais tarde transformar em tapeçarias artesanais que lhe proporcionassem rendimentos.

Porém, na véspera os seus sonhos tinham-se deixado contagiar pela solidão e ficara desejava de companhia, mesmo que fosse meramente ilusória. Assim sendo, enrolara a tapeçaria que a Dona Brigston lhe encomendara e os frascos com mezinhas que preparara para vender na loja da Avó, metera as cestas no seu carrinho de mão e percorrera os cinco quilómetros de distância até à aldeia.

A Avó Gwynn voltou a aparecer com as mãos cheias de pequenos artigos embrulhados em papel encerado castanho.

— Tomem, minhas lindas. Uns docinhos para se divertirem quando chegar a primeira Lua do Verão.

Odella e as outras debruçaram-se sobre o balcão enquanto a Avó Gwynn desembrulhava os artigos, um a um. Algumas das meninas ficaram afogeadas e esconderam os seus sorrisos com as mãos.

— Agora, guardem bem isto, até ser hora de o usarem — aconselhou a Avó Gwynn, depois de entregar um embrulho a cada uma. Semicerrou os olhos e perguntou-lhes: — Onde está a outra?

Odella agitou uma mão, com impaciência.

— Não interessa. O que fazemos com isto? Como funciona?

— Interessa, sim, menina Odella — disse a Avó Gwynn, com uma voz sinistra. — Queriam sete, fiz sete, sete têm de levar.

— Sendo assim, fico com o que sobra.

A Avó Gwynn abanou a cabeça.

— Ninguém pode prever o que acontecerá se um ficar inutilizado, ou se a mesma pessoa levar dois.

Odella empalideceu um pouco. Olhou à sua volta com ar de predadora.

— Nesse caso, dê o último à Ari. — Chamou a dita com um gesto. — Anda cá. É só uma brincadeira, para festejarmos a primeira Lua do Verão.

Ari olhou com desconfiança para as outras, que a fixavam agora, cheias de interesse. Uma voz dentro dela sussurrou: «*Cuidado. Cuidado. Não te querem bem*». A solidão apertou ainda mais o cerco sobre o seu coração e segredou-lhe: «*É uma oportunidade para te misturares com elas, mesmo que seja por pouco tempo.*»

Avançou para o balcão.

— Dá-me a tua mão esquerda — mandou a Avó Gwynn.

Quando Ari hesitou, pegou na mão dela e despejou ali os conteúdos do embrulho.

Ari soprou baixinho quando sentiu um fogacho de magia subir-lhe pelo braço acima e picar-lhe o coração. Passado um instante, essa sensação desapareceu. Olhou para os objectos e encheu-se de nervosismo.

Eram duas guloseimas de açúcar mascavado. Uma delas tinha os contornos de uma mulher de formas generosas. A outra parecia um falo.

— Agora arruma isso — disse a Avó Gwynn, com um sorriso matreiro, e entregou-lhe o papel encerado.

Ari apressou-se a embrulhar os artigos e tê-los-ia deixado no balcão, se a velha não a tivesse vigiado com atenção até a ter visto guardá-los no bolso da saia.

— Pronto — prosseguiu a Avó, pousando uma mão sobre a outra, de encontro à barriga descaída. — Termos lua cheia daqui a três dias. Nessa noite, têm de sair e de cirandar por aí. Escolham bem o caminho, pois terão de oferecer a metade feminina da encomenda ao primeiro homem que encontrarem que não seja da vossa família, dizendo: «Com este gesto, ofereço o calor do meu corpo desde a vinda da lua cheia até a nova chegar. Juro pelo Senhor do Sol e a Senhora da Lua. Que nunca mais incidam sobre mim se não cumprir o prometido.»

Ari estremeceu. Assim sendo, não era apenas uma brincadeira de Verão. Se implicava uma promessa àqueles dois, não poderia ser.

— Se o homem aceitar a parte que lhe compete — continuou —, a escolha está feita. Quem tiver oferecido tem de comer a outra metade à frente dele, para que o feitiço funcione em pleno, e tem de lhe dar todo o carinho que ele quiser até termos lua nova. — Fez outro sorriso matreiro. — Calculo que não seja um sacrifício.

— E se não quisermos o primeiro homem que encontrarmos? — perguntou Bonnie, uma menina loura e rechonchuda.

A Avó deitou-lhe um olhar severo.

— Tem de ser o primeiro. Se esse recusar, são livres de procurar outro. Se aceitar... estão vinculadas ao feitiço, minha linda. Se o contrariarem, se quiserem rejeitá-lo, fazem-no por vossa conta e risco. Se não usarem esses doces para atraírem a alegria do afecto, atrairão grandes tristezas.

As raparigas remexeram-se, nervosas. Até Odella se mostrou preocupada.

Ari sentiu-se enjoada.

A Avó deu palmadinhas na mão de Odella.

— Durante os próximos dois dias, guardem alguns minutos de sossego antes de irem para a cama e meditem sobre aquilo que gostariam de ter num amante. Não tentem imaginar um homem específico — avisou, levantando um dedo estendido —, apenas as qualidades que querem no homem que será o vosso amante entre a vinda da lua cheia e a chegada da nova... e talvez por muito mais tempo, se forem espertas.

— Mas... — começou Odella a protestar.

— Os homens de Ridgeley não são os únicos que se fazem à estrada na noite da primeira Lua do Verão — atalhou a velha, com um sorriso perverso.

— Aaah — disse Odella, meneando-se. Dedicou um sorriso maldoso a Ari.

— Imagino que o meu irmão Royce deve ter assuntos para tratar nessa noite.

Ari sentiu um nó na garganta e dificuldade em engolir.

— Agora, ide daqui — atirou a Avó Gwynn, enxotando as clientes pela porta. Então, chamou Ari com um gesto: — Vem cá.

Ari pegou nas cestas repletas de mezinhas e acompanhou a Avó Gwynn para o outro lado do reposteiro.

Assim que pousou as cestas na mesa que estava no meio da divisão, a velha fez-lhe sinal para que se afastasse e começou a vasculhá-las.

— Ótimo. Ótimo. Ainda ontem vendi o último frasco disto que aqui tinha.

Continuou a fazer comentários entredentes à medida que ia lendo, um a um, os rótulos com letras perfeitinhas. Por fim, deu um passo atrás, cruzou os braços à frente do corpo e semicerrou os olhos para Ari.

— Pago-te um cobre e meio por cada frasquinho.

Ari ficou a olhá-la fixamente durante muito tempo, antes de recuperar a fala:

— Tínhamos combinado três cobses por cada frasco.

— Isso foi antes de o Senhor Kenton ter comprado um para a sua esposa delicada. Talvez lhe tenhas acrescentado uns pozinhos de má vontade quando a fizeste. Digo isso porque a Dona Kenton ficou terrivelmente maldispota depois de ter tomado meia dúzia de colheradas. Passou tão mal que tiveram de chamar o médico a casa. Quem julgas tu que o senhor descompôs e ameaçou pôr em tribunal se não pagasse os serviços dele?

— Tomada de acordo com as instruções, a poção não tinha nada que lhe devesse ter feito mal — ripostou Ari. «Excepto aquilo que talvez lhe tenhas acrescentado para poderes dizer que foi criação tua», acrescentou para consigo. «Partindo do princípio que a Dona Kenton chegou a adoecer.»

As faces da Avó Gwynn ruborizaram-se, como se tivesse ouvido aquilo que a outra apenas pensara.

— Um cobre e meio. Não te pago mais do que isso.

Com a maior tranquilidade e frieza, Ari começou a arrumar os frascos nas cestas.

— Nesse caso, vendo isto noutro lado.

— Noutro lado? — atirou a Avó, subindo o tom de voz. — Quem julgas que te comprará alguma coisa a ti? Ninguém em Ridgeley comprará mezinha nenhuma se tiver de admitir que foi feita por ti.

— Se assim for, vendo-as em Wellingsford, ou Seahaven.

— Isso obriga-te a fazer um dia de viagem para lá e outro para cá, vás a qual delas fores, já para não falar do tempo necessário para venderes os teus artigos. Serias capaz de passar tanto tempo longe de casa?

A malícia deliberada que temperou a voz da Avó fez com que Ari levantasse o olhar para ela.

Na Primavera anterior chegara a acordo com Ahern, um velho rabugento, que era o seu vizinho mais próximo, no sentido de este pedir a um dos homens que trabalhavam nos seus estábulos que cuidassem da vaca e das galinhas dela, de modo que pudesse viajar até Seahaven para vender algumas tapeçarias. O comerciante a quem as mostrara ficara satisfeito com a qualidade do trabalho e comprara-as a todas, comprometendo-se a apreciar quaisquer outras peças que viesse a produzir. Animada pela expectativa de vender as suas obras por um preço justo que não era capaz de obter da parte dos fidalgos de Ridgeley, dançara pela estrada fora, depois de

a carroça que fazia o transporte nocturno ao longo da via litoral que ligava Seahaven a Wellingsford a ter largado na encruzilhada com o caminho para Ridgeley e Brightwood, onde morava.

Mais tarde, à luz pardacenta do amanhecer, descobrira a prenda de «boas-vindas» que a aguardava em casa.

Os animais tinham sido chacinados, desfeitos em pedacinhos. A cabeça da vaca e duas das galinhas haviam sido despejadas no poço da propriedade. Algumas das vísceras tinham sido espalhadas na parede de trás do casebre.

O empregado de Ahern chegara pouco depois dela, dera uma vista de olhos ao espectáculo e voltara atrás, para contar ao patrão. Passado algum tempo, Ahern aparecera com todos os seus trabalhadores. O velhote investigara a casa com ela, mas os feitiços que protegiam a residência tinham mantido o interior a salvo.

Os empregados limparam o poço, desfizeram-se das carcaças dos animais, até limparam as traseiras do casebre. Ainda assim, durante várias semanas, todas as manhãs foi buscar água para beber ao riacho mais próximo.

Em finais do mesmo ano, quando Ahern lhe perguntou se pretendia voltar a Seahaven, para vender as suas tapeçarias, inventou desculpas para não ir. Tinha percebido o aviso. O povo de Ridgeley estava disposto a tolerar que morasse na periferia da aldeia, dependente dos restos que se dignassem a dispensar-lhe, mas não admitiam que se soltasse da trela, a não ser que abrisse mão de Brightwood, propriedade que era pertença das mulheres da sua família desde que a primeira bruxa definira as fronteiras do local.

Não podia abandonar aquela terra. Era a sua herança... e o fardo que carregava.

— Está bem — disse a Avó Gwynn, arrastando os pensamentos de Ari de volta ao tempo presente. — Pronto. Dois cobres. É o melhor preço que vais conseguir.

Ari estendeu-lhe a mão.

O rosto da Avó ensombrou-se. Resmungando, tirou um porta-moedas do bolso da saia. Parecia ter vontade de cuspir em cada cobre antes de o depositar na mão de Ari.

Sem comentários, esta guardou o dinheiro no bolso fundo da sua própria saia, antes de voltar a retirar os conteúdos das cestas.

Quando pegou nas cestas vazias e afastou o reposteiro, a Avó Gwynn, viperina, disse:

— Espero que o doce que te dei te traga tudo o que mereces.

«Ou, pelo menos, que não me traga mal nenhum», pensou Ari, à saída da loja.

Odella e as outras continuavam reunidas por perto. Quando nenhuma destas sequer olhou para ela, Ari permitiu-se suspirar de alívio.

— Vou experimentar um dos caminhos que atravessam a floresta — disse Bonnie. — Se algum *deles* andar por aí, não será na estrada principal.

Outra jovem abanou-se com um lençinho de renda. A sua voz trepidou de excitação e medo quando perguntou:

— Achas mesmo que *esses* vêm visitar-nos na noite da primeira Lua do Verão?

— É mais provável que acabes com o Eddis ou o Hest — comentou Bonnie, com alguma malícia.

— Com o Hest, não — choramingou a do lençinho. — Tem borbulhas.

— Bem — replicou Odella, com um sorriso matreiro —, sabes qual é o melhor remédio para as borbulhas segundo os rapazes, não sabes?

As meninas riram-se.

Despejando as cestas no carrinho de mão, Ari afastou-se o mais depressa possível sem que saltasse à vista que estava a fugir.

De facto, não devia ter menosprezado a estranheza que pressentira no ar de manhã.

A Dona Brigston tentara furtar-se a pagar a tapeçaria que lhe encomendara. Tendo já aprendido, com grande pena sua, que os fidalgos não viam nada de desonroso na tentativa de intrujar quem quer que fosse, exceptuando os seus pares, recusara-se a permitir que a mulher levasse a tapeçaria para casa «para ver melhor as cores» antes de lhe pagar. Depois tivera de negociar com a Avó Gwynn, que era uma curandeira suficientemente versada nas artes mágicas para pôr em perigo quem quer que confiasse nas suas poções e feitiços, além de ser tão gananciosa que só fazia negócios justos quando não podia evitá-lo.

Portanto, voltava agora para casa com uma tapeçaria que ninguém lhe queria comprar, poucos cobres no bolso e um intenso desejo de fugir antes que lhe acontecesse mais alguma coisa.

Não foi suficientemente lesta.

Royce, o herdeiro do Barão Felston, estava à espera dela, à saída da aldeia, numa curva no caminho.

A maioria das meninas desfazia-se em suspiros perante a figura elegante e o rosto belo de Royce, emoldurado em caracóis louros, mas Ari conhecia o mau génio que se escondia por detrás dos seus olhos azuis, a maldade do espírito que nenhuma palavra de elogio poderia suavizar.

Ari, educada, acenou-lhe friamente com a cabeça, esperando que a deixasse passar.

Com um sorriso satisfeito no rosto, Royce acertou o passo com ela.

— Ouvi dizer que tens um doce para a noite da lua cheia. Deixa ver.

Esquivou-se das mãos dele e colocou o carrinho entre os dois.

— Não me toques.

Estava tão atenta a ele que quase não se deu conta do poder que começava a acumular-se dentro de si: a força da terra e o calor do fogo.

— Porque não? — atirou Royce, com desprezo. — Não seria a primeira vez que levantavas as saias para mim. — Olhou-a de alto a baixo. — Não foste má de todo, mas não prestas para muito. Foste fria e não mereceste outra tentativa, mas pode ser que a magia que está dentro desse doce te aqueça e te dê outro interesse.

«Pode ser que te aqueça? Pode ser que te aqueça?!», pensou Ari. Se fervesse mais do que fervia agora, volatilizava-se.

— Deixa-me. Em. Paz! — ripostou, intervalando as palavras.

— Como a senhora quiser — disse Royce, com uma vénia trocista. Então, a expressão no seu rosto endureceu e avisou: — Mas nessa noite hei-de passar na estrada à beira-mar e conto cruzar-me contigo no caminho. — Dirigiu-se para a aldeia, antes de se virar uma vez mais, apontando um dedo para ela. — E se vier a saber que levantaste as saias para outro antes de me satisfazeres, hás-de arrepender-te.

Ari esperou um pouco, até se sentir segura de que ele estava realmente de partida. Depois, pegou no carrinho de mão e apressou-se, estrada abaixo, na direcção oposta.

Percorreu cerca de um quilómetro e, então, teve de parar. Trémula e febril, despiu o seu manto curto.

— Não vomites agora — disse para si mesma, dobrando o manto e arrumando-o numa das cestas. — Não...

Parou, concentrou-se, sentiu o rumor da energia que precisava de libertar.

— Tonta — resmungou, afastando-se do carrinho. — Tonta, tonta, tonta. Quantas vezes te disse a mãe que canalizar energias sem se dar por isso é tão perigoso para a bruxa como para o mundo à sua volta?

Fechou os olhos, sentindo um aperto no peito, como se tivesse posto o dedo na ferida que ali fora deixada pela morte da mãe dois invernos atrás.

Respirou fundo uma ou duas vezes, para se recompor, e descarregou na terra, com vagar e cautela, a energia que acumulara sem pensar, devolvendo-a à Mãe Universal. Assim que terminou o processo, sentiu-se esgotada, cheia de sede, mas também mais calma.

Em tempos, segundo lhe contara a sua avó, as bruxas eram capazes de controlar a força de todos os ramos da Mãe: a terra, o ar, a água e o fogo. Todavia, algo acontecera com o passar dos anos e o poder das bruxas tinha vindo a diminuir. Ao longo das últimas gerações as mulheres da sua família haviam nascido com o dom de acederem ao poder de um ramo principal

e apenas a vestígios do poder de outro. Ela era a primeira, desde há muito, muito tempo, a derivar quase a mesma força dos dois ramos da Mãe que se encontravam ao seu dispor: a terra e o fogo.

— Mas nem essa força é particularmente útil no trato com gente como a Dona Brigston ou a Avó Gwynn — disse baixinho, ao mesmo tempo que vasculhava no bolso da saia, para dali tirar o doce. Estava imbuído de magia suficiente para não se atrever a ignorá-lo. Visto que não podia ignorá-lo, que tipo de amante desejava encontrar?

— Um homem que tenha em si bondade, além de força — disse para o artigo mágico. — Homem que me aceite como sou. Homem que não seja de Ridgeley.

«Assim desejo...»

Abanou a cabeça e tornou a guardar o objecto no bolso da saia. Talvez a Avó Gwynn fosse uma curandeira com poder suficiente para lançar meia dúzia de feitiços perversos, mas ela própria, tal como todas as antecessoras da sua família, era uma feiticeira na plenitude dos seus poderes. E uma feiticeira não desejava nada sem pensar duas vezes.

Tornando a pegar no carrinho de mão, recomeçou a caminhar para casa, perseguida por pensamentos e memórias.

Royce começara a «fazer-lhe a corte» pouco depois do seu décimo quinto aniversário. Fora o primeiro homem de Ridgeley a tratá-la com delicadeza e Ari deixara-se seduzir pelo mel das suas palavras, convencida de que estava tão apaixonado por si quanto ela por ele – até à noite em que Royce fora ao seu encontro no prado e lhe pedira que manifestassem o seu amor através de uma união física. Como fora ensinada a encarar a intimidade como uma dádiva da Mãe, aceitara consumir aquela paixão. Não tivera prazer no sexo despachado e abrutalhado de que ele parecera desfrutar. Depois... depois Royce agradecera-lhe, com desdém, por lhe ter aliviado a verga e por o ter ajudado a ganhar uma aposta em como conseguiria dormir com ela antes da primeira mudança da Lua após o início do «namoro».

Voltara para casa arrepiada, envergonhada, de coração despedaçado. A mãe e a avó tinham-se mostrado compreensivas, nunca haviam confessado a tristeza que Ari sabia que sentiam por a sua primeira vez lhe ter deixado memórias tão tristes.

Respirando fundo, espireceu as ideias. De nada servia remoer algo que tinha acontecido há dois anos, algo que nunca permitira que voltasse a repetir-se desde então.

Talvez estivesse naquele estado de espírito porque pressentia algo no ar que conferia àquele dia de Verão uma frescura penetrante como se se aproximasse uma tempestade de Inverno. Detectava ali uma mensagem, pena que não soubesse decifrá-la. A terra e o fogo eram os ramos da Mãe

que lhe davam força e não tinha sensibilidade para perceber o que a água e o ar tinham para dizer.

«Pensa noutro assunto», disse rispidamente para consigo. «O que pensas depende da tua vontade e só chamas a ti própria aquilo que desejas.»

A solidão ajudara a que os desenvolvimentos do dia desabassem sobre ela. Da próxima vez que lhe contagiasse os sonhos, haveria de ignorá-la. Vivia sozinha desde que a sua mãe morrera, volvidos poucos meses sobre a partida da Avó Astra. A seu tempo, adaptar-se-ia à situação, não se deixaria abater por ela. Não tinha alternativa, visto que era o último elemento que restava da família.

«Somos bruxas. Não o posso negar», dissera-lhe Astra, a dada altura. «Se vemos isso como uma dádiva ou um fardo, é uma decisão que cada uma de nós tem de tomar. Dito isso, minha neta, “bruxa” é apenas uma palavra e só tu poderás decidir o significado que terá. Deixares que os outros te definam é dares-lhes o maior poder de todos.»

Palavras de uma mulher forte e muito sábia. Contudo, nem Astra poderia ter antevisto que num dia só uma delas restaria, sendo esta uma jovem com dezassete anos e grande dificuldade em afirmar-se numa aldeia em que todos se esforçavam por redefini-la e diminuí-la.

Tentando conter as lágrimas, Ari olhou em volta e avistou um falcão que a vigiava, empoleirado numa árvore por perto. Sentiu uma mudança no seu estado de espírito, como acontecia sempre que via um dos filhos selvagens da Mãe de Todos, e sorriu pela primeira vez naquele dia. Levantou uma mão para o saudar e gritou-lhe:

— Que a Mãe te abençoe, irmão falcão.

O falcão achou por bem não dar resposta. Ari pôs-se a caminho, mas, cada vez que espreitava por cima do ombro, via que ele continuava a observá-la.

«É só um falcão», reflectiu, enquanto aquela impressão que pressentia no ar voltava a oprimi-la. Claro que era apenas um falcão. Por outro lado, talvez fosse um dos soberanos dos Fae de Tir Alainn. Constava que cada um deles tinha duas formas entre as quais podia alternar livremente.

Tir Alainn. O Reino Belo. O Outro Mundo. O reino da magia onde moravam os Fae, os filhos mais poderosos da Mãe Universal.

Antes fosse apenas um falcão. Ao contrário do que Odella e as outras poderiam pensar sobre um encontro romântico com um Senhor Fae num caminho ao luar, os Fae nem sempre eram afáveis no trato com os humanos.

Atravessada por um súbito arrepio, Ari apressou-se a retornar ao conforto da sua casa.

Tinha dois dias para perceber a magia de que a Avó Gwynn imbuíra o doce, dois dias para saber se haveria alguma maneira segura de contrariar o feitiço. Se não conseguisse, teria de acatar as regras do encantamento e de fazer uma promessa que invocasse os nomes dos mais poderosos de todos os Fae: a Senhora da Lua e o Senhor do Sol, ou Senhor do Fogo.

A Caçadora... e o Lúcífero.

## CAPÍTULO QUATRO

Dianna estava num dos terraços sobranceiros aos jardins da casa do clã, a observar o seu irmão até o caminho o ter levado para onde a vista não alcançava.

— Passou a manhã a deambular nos jardins — anunciou Lyrra, sentando-se em cima do muro baixo que cercava o terraço. — E tem aquela expressão nos olhos que não augura nada bom para quem quer que lhe ofereça companhia.

— Referes-te a quem quer que se ofereça para ir para a cama com ele — disse Dianna, defensiva. — O Lucian aceita esses convites quando lhe convém e procura prazer onde lhe apraz. — A impaciência endureceu a sua voz. — Além disso, os homens não estão sempre a pensar nisso.

— Não me digas — atirou Lyrra, seca. — Nem mesmo hoje, com a chegada da primeira Lua do Verão?

Emitiu um ruído obscuro, que exprimiu nitidamente a sua opinião sobre o assunto.

Virando costas ao jardim, Dianna sentou-se ao lado dela, no muro do terraço. Suspirou. Por mais que tivesse tentado fingir que desconhecia o porquê do desassossego que reinava entre os Fae do sexo masculino, Lyrra tinha razão. Encaravam aquela noite como outros homens encarariam um banquete com uma série de iguarias ao seu dispor. E os acepipes mais conhecidos eram os menos apetecíveis.

«O que não me faz diferença nenhuma», reflectiu Dianna. «Hoje também é noite de Caçada Selvagem e quem nos aparecer à frente presta-se a ser perseguido.»

— O Aiden também se vai juntar àqueles que hoje vão atravessar o Véu? — quis saber.

— Não faço ideia — replicou Lyrra, num tom excessivamente descomprometido.

«Fazes, fazes», pensou Dianna, ao perceber o modo como a amiga olhava fixamente para os jardins, sem os ver. «Fazes e o à-vontade com que ele procura outras amantes magoa-te.»

— Se nos cruzarmos hoje à noite, queres que o traga de volta ao seu amor? — perguntou-lhe. As palavras foram lançadas com ligeireza, mas a pergunta não era de todo indiferente.

— Ainda não percebeste, Caçadora — disse Lyrra, num tom igualmente descontraído —, que os Fae não têm coração?

Sem saber o que dizer, Dianna remeteu-se ao silêncio até a amiga se ter retirado para o interior da casa do clã.

Quando saiu do terraço e enquanto percorria os meandros do jardim, Dianna concluiu que o comentário de Lyrra não correspondia à verdade. Não exactamente. Os Fae não eram naturalmente... calorosos... uns com os outros. Não nesse sentido. Tinham prazer nas uniões carnavais, mas não achavam que fossem assuntos do coração. Porque haveriam de ser?

Como não eram, não havia motivo para não desfrutarem das mulheres nascidas no universo humano. Não exigiam muito deles e os Fae davam-lhes pouquíssima importância. Além disso, os clãs eram constituídos por mulheres de um número bastante restrito de famílias alargadas. Por essas mulheres e os seus filhos. Os Fae do sexo masculino costumavam fazer visitas prolongadas a outros clãs para evitarem depositar a semente no seio da própria família. Quem ajudava as Fae a criarem os seus descendentes eram os homens da família, os irmãos e os primos, e não o pai das crianças. Era raro as Fae terem interesse suficiente nos humanos para os escolherem como amantes, mas que importância teria o facto de os Fae se divertirem nas camas das humanas?

Um ganido levou-a a olhar para o lado esquerdo. As linhas dos seus lábios suavizaram-se e desenharam um sorriso.

Os cães das trevas eram a sua alegria: lustrosos e letais, com belos pêlos cinzentos raiados de negro. Quando corriam, pareciam luar e sombras em movimento, e não havendo presa de quatro ou duas patas com velocidade ou astúcia suficiente para lhes escapar quando caçavam.

A cadela ao seu lado voltou a ganir, abanando a cauda, hesitante.

Dianna estava prestes a estender-lhe uma mão, para a cumprimentar. Então, as três crias da sua última ninhada juntaram-se à progenitora e recordou-se do porquê de aquela cadela já não ser a sua favorita, o motivo pelo qual não se sentia capaz de lhe dedicar as festas e os mimos que outra lhe tinham saído naturalmente.

Dois dos cãesinhos eram perfeitos, mas o terceiro...

As patas dianteiras, acastanhadas, que manchavam o cinzento e negro do resto do corpo, não a deixavam esquecer que a cadela perseguira outro tipo de caça da última vez que Dianna levara a matilha para o outro lado do Véu.

Era admissível que um Fae deixasse um rebento no ventre de uma humana. A mulher gerava assim melhor descendência do que teria sido possível através da união com um homem da sua raça, mesmo que os filhos

nascessem sem quaisquer poderes mágicos. Era bem diferente permitir que criaturas inferiores habitassem em Tir Alainn.

Devia ter mandado destruir os cachorros assim que vira aquele. Não podia permitir que eles procriassem, pois a influência do pai poderia manifestar-se na geração seguinte. Todavia, a cadela protegera-os com grande ferocidade, não admitindo que ninguém se aproximasse da ninhada enquanto Dianna não visitou o canil. Mostrara-se tão satisfeita por ver a dona, tão disposto a partilhar as suas crias, que...

Fizera-lhe as festas e os mimos que o bicho desejava e não dera qualquer instrução para que pusessem termo à vida dos cachorros, mas nunca mais fora capaz de se obrigar a tocar nela.

Dianna virou-lhe as costas, ignorando o ganido infeliz do bicho.

Antigamente, havia entre os Fae mulheres que achavam os seres humanos suficientemente tentadores para se divertirem com eles. E houvera ocasiões em que esses divertimentos tinham resultado no nascimento de crianças. Todavia, nenhuma Fae ficara com tais criaturas em Tir Alainn. Filhos nascidos dessas circunstâncias eram deixados à porta dos pais, para fazerem deles o que quisessem.

Agora que os cachorros tinham sido desmamados, talvez lhes devesse fazer o mesmo, soltá-los no universo humano da próxima vez que atravessasse o Véu.

Não, isso seria inadmissível. Os cães das trevas pertenciam aos Fae. Se os humanos tivessem sequer acesso a um rafeiro, a raça deixaria de lhes ser exclusiva. Ficaria... diminuída tornar-se-ia vulgar. Isso era impensável, portanto tinha de pensar noutro destino para aqueles cachorros imprestáveis.

— A Lua está rodeada de sombras, minha irmã — disse uma voz de barítono. — É sinal da escuridão que te oprime a alma, ou o coração?

A voz fez com que se concentrasse no homem que se detinha à sua frente e replicou:

— Podia perguntar-te o mesmo, Lucian.

Sem mais comentários, o irmão deu-lhe o braço. Enquanto passeavam juntos no jardim, Dianna observou-o pelo canto do olho.

Era seu gémeo, o seu oposto e o seu igual. Uma vez, a mãe deles comentara que devia ter havido uma troca no útero, pois cada qual transmitia a imagem oposta daquilo que, no fundo, era por dentro. De certa forma, era verdade. Ela, a Senhora da Lua, era a menina dourada, com cabelos louros e olhos de âmbar, pele que tostava quando beijada pelo sol; ele, por seu turno, tinha cabelos ruivos e olhos cinzentos, pele pálida que o sol não podia tocar. Todavia, era o Senhor do Sol. O Senhor do Fogo. O Lucífero.

— Hoje à noite vais atravessar o Véu? — perguntou Dianna.

— Ainda não decidi — respondeu Lucian, seco.

«A Lyrra tinha razão», pensou a irmã. «Este mau génio é mau sinal para todos nós».

— Acho que deves ir. Parece que não gostaste da última visita que fizeste a um dos outros clãs. Consta que foste muito receptivo. — Fora por esse motivo que ficara na defensiva quando Lyrra o acusara de evitar companhias. Era invulgar um Fae recusar convites para se deitar na cama de uma mulher quando na casa do clã dela. Era, aliás, considerado indelicado da sua parte rejeitá-la sucessivamente, a não ser que já estivesse comprometido e tivesse prometido a mínima fidelidade a outra. Assim sendo, as queixas implícitas nas frases floreadas que constavam nas mensagens que recebera, tinham-na perturbado e levado a defendê-lo prontamente naquela discussão – mesmo antes de a discussão ter começado. Era o seu irmão. Por instinto, tomava o partido dele sempre que havia discórdia, excepto, naturalmente, quando essa discórdia era com ela.

Sentiu-se tentada a afastar-se de repente quando percebeu que o irmão começava a enfurecer-se. Só com esforço manteve o braço unido ao dele quando este se voltou e lhe viu com nitidez os olhos.

— Não controlo aquilo que fazes na tua cama, mana — disse Lucian, mantendo o controlo sobre a voz ameaçadora. — Porque te julgas no direito de controlares o que faço na minha?

Dianna engoliu em seco, cautelosa.

— Tenho menos tendência do que tu a procurar esse tipo de companhia. — Assim que ele se afastou, percebeu o erro que fora dizer aquelas palavras. — Lucian...

— O que lhes recusei eu para se queixarem à minha irmã? — rosnou. — O que acham elas que não conseguirão da minha parte se me fizerem um pedido sincero, em vez de o associarem àquilo que se passa na cama?

— Não é bem assim — protestou Dianna.

— Não? — Lucian afastou-se com passos convictos, deu meia-volta e tornou a aproximar-se. — Por quem foram elas rejeitadas, Dianna? Pelo Lucian... ou o Lúcífero?

— Tu és o Lúcífero, portanto, como podes...

— Qual deles? — insistiu. — Quando te fizeram queixinhas, qual dos dois acusaram de ter rejeitado as suas solicitações?

Não lhe respondeu. Não se atreveu a fazê-lo. Não enquanto ele estivesse naquele estado de espírito. Estaria errado que uma mulher quisesse o mais forte e o melhor de todos os Fae como amante, possivelmente para ser pai do filho dela? Quando ficara ele de tal modo amargurado? Era um rancor demasiado entranhado para só ter surgido aquando da última visita

que fizera a outro clã. Porque só teria visto isso agora? Como haveria de convencê-lo a descarregar aquela fúria num alvo que não fosse o povo dele?

— Costumamos oferecer um presente em agradecimento pelos prazeres da alcova — afirmou, a medo. — É uma tradição nossa.

— Não te parece que o valor desses presentes já não condiz com o prazer que é dado? — respondeu-lhe, suavemente. A expressão no seu rosto endureceu. — Não sou o pau-mandado de ninguém. Podes passar essa mensagem aos clãs.

Desta feita, quando lhe virou as costas, não voltou para trás.

Dianna não arrancou atrás dele. Não tinha nenhum argumento para lhe apresentar que lhe desanuviasse o espírito. Na verdade, ela própria nunca fizera a distinção que ele acabara de fazer. Agora, recordando-se do modo como as missivas que recebera tinham sido fraseadas, interrogou-se se ele não teria razão. Estariam as mulheres do outro clã desiludidas por não terem desfrutado de Lucian como amante, ou por não lhes ter sido concedido o favor que haviam solicitado ao Lucífero, que tinha autoridade sobre tudo e todos em Tir Alainn, excepto a Senhora da Lua?

Dianna regressou à casa do clã, necessitada da solidão que os seus apoentos lhe poderiam proporcionar.

Esperava que Lucian atravessasse, realmente, o Véu naquela noite, embora tivesse pena de quem quer que se viesse a cruzar com ele.

Ouvindo a harpa de Aiden, Lucian mudou de direcção. Não queria falar com ninguém, muito menos ouvir um dos sermões, por vezes contundentes, do Bardo. Assim sendo, dirigiu-se para a parte dos jardins que evitara ao longo de toda a manhã.

Por instantes, hesitou, antes de descer as escadas que passavam sob um arco de pedra. Ergueram-se duas paredes de pedra, uma de cada lado. Por cima da sua cabeça, as copas das árvores formavam uma cúpula que ia filtrando o sol. Ainda ouvia a harpa de Aiden, mas as notas confundiam-se com os sussurros das folhas, uma música natural que lhe dava consolo.

«Tal como este sítio», pensou, percorrendo o carreiro, roçando com as cabeças dos dedos nas pedras. Não sabia identificar o porquê de aquele local lhe transmitir uma sensação diferente do resto do jardim, mas o silêncio ali era total, associado a um sossego que livrava o coração de toda a angústia.

Talvez a raiva que sentia fosse injusta. Meia dúzia dos caminhos que ligavam Tir Alainn a Sylvalan tinham-se encerrado e muitos dos que permaneciam abertos eram agora mais difíceis de percorrer. Os Fae ainda não tinham conseguido impedir que essas estradas se encerrassem, tão-pouco

podiam abrir novos caminhos. Eram os filhos mais poderosos da Mãe Universal, mas já não conheciam a magia necessária para esse efeito. Tornava-se inclusive mais difícil viajar entre os territórios dos vários clãs, que eram como ilhas interligadas por pontes através da bruma. Por vezes, mesmo quando não fechava nenhuma estrada através do Véu, essa bruma cortava uma ponte algures, impedindo a comunicação entre dois clãs.

Por esse motivo, compreendia o porquê de as mulheres quererem aproveitar a presença de qualquer macho de outra família enquanto fosse possível. Todavia, o fogo tinha forte ascendente sobre ele e não gostava da frieza com que tinham começado a abordar os prazeres da cama. Nos últimos dois anos, desde que se tornara no Lucífero, parecera-lhe que o brilho que via nos olhos das Fae que o solicitavam se tornara mais calculista do que fogoso, mais sagaz do que sedento.

Talvez, nos últimos tempos, aquilo que sentia na cama não fosse frieza, mas fastio. Nunca havia surpresas, sabia aquilo que ali se dava e aquilo que dali se obtinha, sabia-o tão bem que todo o processo perdera alguma da importância que antes tinha. O que não sabia era a razão de se sentir assim.

Tinha vinte e quatro anos. Era, de longe, demasiado jovem para estar farto de sexo. Porém, talvez o número de mulheres com quem estivera durante o seu primeiro ano como Senhor do Sol justificasse o desinteresse que sentia agora. Ou talvez a sua paixão tivesse adormecido, como o Sol no Inverno, e ainda não houvesse voltado a despertar. Sentia mais o aumento e a diminuição do poder hoje do que quando era apenas um jovem aspirante a Senhor do Fogo.

Ganhava e perdia intensidade. Como o Sol com o passar das estações. Como a Lua no decurso do seu ciclo. Como os Fae que mais se notabilizavam através da mestria com que dominavam os respectivos poderes.

Parecia que quase todos os clãs tinham um aspirante a Senhor do Fogo, mas só um destes sentia o seu poder aumentar na véspera das colheitas, quando confrontava o actual detentor desse título. Só um conseguia eclipsar a força decrescente desse notável e tornar-se ele próprio no Senhor do Fogo, o Senhor do Sol, o Lucífero. Embora o título não fosse disputado anualmente, os jovens aspirantes congregavam-se sempre nessa noite, onde quer que o Lucífero decidisse medir forças com eles. De tempos a tempos um tolo impaciente tentava usurpar o título antes de o poder do actual detentor ter minguido o suficiente. Esses incautos arriscavam-se a descobrir quão brutal poderia ser a derrota, por vezes fatal. No entanto, quando se conjugavam o momento e o pretendente ideais, o desafio acabava por ser uma mera formalidade, um ritual que permitia ao mais velho passar o testemunho ao mais novo.

Assim acontecia em todas as esferas dos Fae. Embora não se encon-

trassem todos no mesmo sítio, nem na mesma altura, entre os Fae que partilhavam um certo dom mágico, um deles dominava os demais. E todos estes notáveis eram governados pelo Senhor do Sol e a Senhora da Lua.

Assim sendo, não era de admirar que ele fosse hoje mais pretendido do que alguma vez fora antes, mas surpreendia-o que, ao mesmo tempo, se sentisse cada vez mais só.

Lucian abanou a cabeça. Estava outra vez macambúzio e se voltasse à casa do clã antes de se libertar daquele desânimo, Aiden haveria de desencatar alguma cantiga sobre a loucura dos governantes, plena de farpas que o deixariam com o ego ferido. Com a sua argúcia e mordacidade, o Bardo nunca pedia tréguas e raramente as dava, nomeadamente a quem era da sua família.

Além disso, tinha mais em que pensar.

Aiden e Lyrra tinham comunicado em segredo com os bardos e contadores de histórias do povo Fae. Nenhum destes ouvira falar das wiccanfae, e as únicas cantigas sobre bruxas que chegavam aos ouvidos de Aiden eram-lhe já conhecidas. Se os bardos e os contadores de histórias não sabiam quase nada acerca do seu potencial inimigo, seguramente o resto do povo nunca teria ouvido falar daquelas criaturas.

«Que a Mãe tenha piedade de nós!», pensou. Como poderiam proteger Tir Alainn, quando nem sequer sabiam de onde vinham as wiccanfae? Seriam oriundas de trás dos montes que faziam a fronteira oriental com Arktos e Wolfram? Teria sido por isso que os clãs cujos territórios estavam ligados aos Lugares Antigos nessas regiões haviam sido os primeiros a desaparecer? Estaria em curso uma banal, mas brutal, disputa por determinados territórios? Teriam as bruxas destruído os caminhos através do Véu para se apropriarem dos Lugares Antigos?

Cada pergunta escondia novas interrogações, mas entre ele, Aiden, Lyrra, e Dianna, tardavam em encontrar respostas. Os únicos bardos que tinham ouvido cantigas sobre as bruxas moravam na parte oriental de Sylvalan. Os que trabalhavam no centro da região não tinham ouvido absolutamente nada e aqueles que pertenciam aos clãs ocidentais... esses, em todo o caso, tinham pouca afinidade com o resto dos Fae. Sentiam-se obrigados a convidá-los para os dias dos desafios, mas, felizmente, era raro marcarem presença nessas ocasiões. Quando apareciam... tornava-se embaraçoso terem de reconhecer que também eram Fae. Tinham uma rudeza intrínseca que a sua delicadeza aparente não conseguia esconder. A presença deles deixava os outros... confrangidos.

Abanando a cabeça, Lucian abandonou o seu recanto nos jardins. Enquanto não encontrassem respostas, não havia nada a fazer. Assim sendo, decidiu-se a atravessar o Véu naquela noite, mas não pelos motivos que

Dianna imaginava. Pretendia fazer uma longa corrida ao luar e desfrutar de outro tipo de paixão: a Mãe Universal. A paisagem no universo humano. Ao contrário das outras senhoras com quem travara conhecimento, essa nunca perdia o interesse.

## CAPÍTULO CINCO

Adolfo fechou o trinco da janela e, então, correu as cortinas, escondendo a noite que caía lá fora. A refeição que encomendara estava na mesa, a arrefecer.

Atravessou a divisão, encheu um cálice de vinho, mas não bebeu.

Era a noite da primeira Lua do Verão, noite de magia e de libertinagem, noite em que qualquer homem decente ficava em casa depois de a Lua se mostrar, protegido por paredes sólidas e fechaduras consistentes.

Porque teria um dos cavalos que puxavam o coche perdido uma ferradura ao final daquela tarde, obrigando-o a hospedar-se naquela estalagem, em vez de concluir a viagem até a casa do Senhor Westun, em Bainbrydge, como havia planeado? E porque teria o cocheiro que trabalhava para ele há dois anos sugerido insesperadamente que seguissem viagem assim que o cavalo tivesse nova ferradura, pois a claridade da lua cheia iluminaria a estrada quase tão bem como o Sol? Porque teria um homem que já devia conhecer o seu patrão sugerido que estariam seguros se levassem meia dúzia de bolos de fada e garrafas de vinho para poderem apaziguar quem quer que porventura encontrassem pelo caminho?

Teria acontecido por acaso ou por patifaria? Teria sido por sorte que haviam encontrado aquela estalagem poucos quilómetros mais à frente, ou teria o cavalo perdido a ferradura precisamente no momento previsto, de modo a serem obrigados a pernoitar naquele local?

Não pressentia qualquer magia ali, apesar de lhe ser tão sensível como uma ave de rapina ao cheiro de uma lebre. Todavia, o facto de não a pressentir não implicava que o sucedido não tivesse sido provocado por artes mágicas. As esconjuras não tinham efeitos imediatos: exploravam uma vulnerabilidade e transformavam-na numa desgraça, fosse grande, ou pequena.

Não teriam os olhos do cocheiro parecido brilhantes e ansiosos em demasia quando lhe propusera que viajassem à noite? Bolos de fada e vinho. Será que o tolo acreditava que tais objectos chegariam para proteger alguém dos Fae?

Fora assim que interpretara a conversa. O cocheiro contava cruzar-se com uma criatura que só conhecia das lendas, contava com um encontro ligeiramente arriscado com um dos Fae.

Tolo desgraçado. Os Fae não eram tão perigosos quanto as histórias faziam parecer, pelo menos hoje em dia, embora não devessem ser menos-prezados. Tinham poderes mágicos e esse dom dava-lhes a capacidade de

controlarem o mundo, mesmo que só alguns elementos deste reagissem a cada variedade específica de magia. Oh, todos eles tinham o dom da persuasão, a capacidade de iludirem pessoas de espírito mais fraco para que cumprissem as suas instruções, e também a capacidade de se transfigurarem, escondendo os seus rostos verdadeiros por detrás de máscaras humanas. Com a excepção dessas capacidades, a magia deles estava vinculada a talentos, ou a elementos específicos no mundo. Isso, por vezes, tornava-os perigosos, dependendo daquilo que eram capazes de controlar. Todavia, eram apenas visitantes, que percorriam as estradas resplandecentes que os traziam do Outro Mundo para se divertirem no meio dos humanos, para seduzirem meninas incautas, ou levarem meninos igualmente imprudentes à perdição. Eram semelhantes ao Povo Menor no sentido em que evitavam os redutos da civilização: as cidades, as vilas e aldeias de maior dimensão. Os locais onde os homens reinavam. E eram parecidos com o Povo Menor na medida em que, quando a magia era eliminada de um território, desapareciam. Em Wolfram ainda se contavam histórias de encontros com gente do Povo Menor nos confins das florestas, mas há muitos anos que ninguém via um Fae.

Adolfo levantou a tampa do seu prato e sentou-se, para consumir a refeição.

Teria de tratar do cocheiro. Era evidente que a permanência numa região que tresandava de magia durante algumas semanas afectara o homem, que já não merecia confiança. Além do mais, as conversas que tinha nas horas vagas com os cocheiros e os moços de estrebaria de Sylvalan haviam começado a despertar a sua curiosidade a respeito de criaturas que antes achava abomináveis.

Adolfo recostou-se na cadeira, sem tocar na comida.

Os homens – seres humanos – deviam ser os senhores mundo, mas a terra mais parecia uma amante pudibunda, por vezes era generosa, por outras não partilhava os seus tesouros. Tinha de ser conquistada, despida das suas roupagens bravias.

Fazia lembrar as mulheres. Nenhum homem que alguma vez se tivesse deixado cativar pelos seios e as coxas de uma mulher se podia dizer senhor do seu destino, pelo menos enquanto não a despojasse de tudo aquilo que era necessário para ela se sujeitar a ser uma companheira condigna. Então, tal como acontecia com a terra, podia desfrutar daquilo a que um homem tem direito. Depois de domesticadas, a terra e as mulheres perdiam algum encanto, mas tornavam-se muito mais úteis.

Vinte anos atrás, em Wolfram, onde nascera, os homens estavam prontos para a mudança e ele fora a chave que permitira que o território fosse completamente transformado. Os homens tinham-se tornado em

conquistadores, senhores em cujas mãos estavam os destinos da terra e das mulheres.

Os fidalgos de Sylvalan também estavam prontos para mudar. O solo produzia cada vez menos com o passar dos anos e muitos habitantes invejavam os tesouros em que não podiam tocar: os terrenos férteis que pertenciam a mulheres cuja magia era um obstáculo no seu caminho.

Assim sendo, apresentar-lhes-ia a mesma solução que ele e os ajudantes que treinara com afincos ao longo dos anos haviam apresentado aos homens de Wolfram... e de Arktos. Tinha os seus próprios motivos para alimentar a cobiça dos fidalgos até esta se tornar num desejo de exterminar tudo o que era indomável, mas, no final de contas, tanto ele como os barões conseguiriam os seus objectivos. Os barões ficariam com as terras que cobriam e o domínio sobre tudo o que estava ao seu alcance. Ele destruiria as bruxas.

Morag concentrou-se no fogacho de luz que viu no coração da floresta antiga. Quando descera aquela estrada na noite em que chegara a lua nova, aquela luz mostrava-se intensa e constante. Era verdade que o Véu entre este mundo e o Reino Belo lhe parecera um pouco mais espesso do que o habitual e demorara mais tempo a atravessá-lo, mas não pensara mais nisso. Actualmente, havia muitas estradas onde se tornava difícil transitar.

O cavalo negro ficou nervoso, antes de avançar na direcção daquele brilho.

— Não — disse Morag, pousando uma mão no pescoço da montada, para a acalmar. — Não podemos voltar para casa por ali. — «Já não», acrescentou para consigo.

O cavalo bateu com uma pata no chão. Deu mais um passo em frente.

— Não — insistiu Morag, com mais firmeza. Puxando as rédeas, convenceu-o a desviar-se do brilho... e da tentação. Era um cavalo Fae e via tão bem como ela o caminho através do Véu, mas não percebia que a magia que associava à sua terra já não tinha força suficiente para chegarem ao destino em segurança.

Interrogou-se sobre o que teria mudado entre a lua nova e a lua cheia, enquanto o cavalo avançava com cautela no carreiro, ainda arreliado por estarem a ir na direcção oposta àquela para onde queria ir. O que teria mudado? E porquê?

Estava cansada e preocupada com o número de mulheres cujas almas recolhera nos últimos tempos, para as levar ao encontro do que quer que as esperava do outro lado do Véu Oculto. Muitas delas eram jovens, vítimas de mortes brutais.

Por causa do cansaço, não prestara atenção quando entrara no Lugar Antigo, concentrado-se exclusivamente em apanhar a estrada através do Véu e em regressar a Tir Alainn, onde poderia repousar.

O ar pareceu-lhe algo acre. Cheirava sempre assim no universo dos humanos, exceptuando nos Lugares Antigos. Eram os pontos deste lado do Véu que mais se assemelhavam a Tir Alainn. Todavia, aquele sítio já começava a perder a sua doçura. Porquê? Porquê?!

Expôs-se à magia do local, sentindo necessidade de absorver alguma daquela energia. Passado um instante, tornou a isolar-se e encolheu-se na sela, com um punho cerrado de encontro ao peito.

A energia soubera-lhe a sopa aguada, em vez de estufado rico. Pior, em vez de a terra lhe ter dado força, tentara tirá-la do seu corpo, como se para preencher uma lacuna.

Quando entraram numa clareira onde se erguia um casebre, Morag endireitou-se em cima da sela. Por mais cansada que estivesse, sentia-se capaz de aguentar um feitiço que a disfarçasse durante tempo suficiente para ir ali pedir comida e bebida. Não lhe era assim tão difícil esconder as orelhas pontiagudas e as feições ferinas por detrás de uma máscara mais humana. Muitos dos Fae não se davam a esse trabalho e era certo que também não o fazia quando se apresentava como Ceifeira. No entanto, os Fae tinham o dom da magia e inspiravam terror, portanto seria sensato assumir uma aparência humana quando se acercasse de uma residência onde moravam seres humanos, para não se assustarem e lhe trancarem a porta.

No meio da clareira, desistiu do disfarce, segura de que não era necessário. Na noite de lua nova, quando contornara a clareira ao voltar a casa, cheirara-lhe a lenha queimada, vira a luz de candeias nas janelas. Agora o casebre estava às escuras e vazio. Não o vazio expectante de uma casa cujos residentes se ausentaram e só voltarão mais tarde, mas o vazio absoluto e manifesto de um local abandonado.

Em redor do casebre, Morag pressentiu que uma fonte de magia seca, morria como uma árvore cujas raízes tivessem sido arrancadas do chão.

Afastando-se dali, conduziu o cavalo negro até ao limite da clareira. Pressentiu a presença de membros do Povo Menor, teve a certeza de que a viram passar, mas não se apresentaram para saudarem uma das notáveis de Tir Alainn. Outro sinal da mudança que ocorrera nos últimos anos.

Todavia, foram o som que se sobrepôs ao sussurrar das folhas e a água que viu escorrer sobre as pedras que a levaram a incitar o cavalo para que galopasse. Só voltou a abrandar minutos mais tarde, ao chegar a uma estrada construída pelos seres humanos. Aí, puxou as rédeas e pôs-se à escuta.

O som que ouvira fora emitido pelas ninfas dos bosques e os espíri-

tos das águas. Compreendia isso. No entanto, parecia-lhe que o riacho e as árvores choravam, como se a própria terra lamentasse a perda de... algo.

Quem teria morado naquele casebre? Porque se teria ido embora? Porque teria a partida dessa pessoa feito tanta diferença em tão pouco tempo num Lugar Antigo. Seria por a magia estar a esgotar-se naquele lugar que o caminho através do Véu já não tinha força suficiente para a conduzir de volta a casa?

— Vamos procurar um sítio para descansarmos — disse Morag, fazendo uma festa no pescoço do cavalo. «Aqui, não.», pensou a seguir.

Tremendo por causa do cansaço e do ar nocturno que lhe parecia subitamente mais frio, observou atentamente a estrada. Tinha vindo a viajar lenta mas persistentemente rumo ao sul de Sylvalan, até ter chegado àquele Lugar Antigo e ter tomado o caminho através do Véu para regressar a Tir Alainn e ali repousar. Quando voltara a percorrer a estrada resplandecente na noite de lua nova, passara nos arredores das aldeias vizinhas antes de ter regressado àquele local. Não queria voltar a nenhuma dessas povoações, não queria ver o que teria acontecido às outras mulheres dessas localidades.

Mudando a direcção do cavalo, retomou a viagem para sul.

## CAPÍTULO SEIS

Ari apressou-se a rechear a sua sacola com queijo, maçãs e dois dos bolos de fada que cozera em honra da primeira Lua do Verão. Prendeu dois cantis de água nos devidos lugares na sacola e, por fim, deu uma vista de olhos em volta. Seria bom levar uma manta, mas não queria ir demasiado carregada. A capa teria de fazer as vezes de roupa de cama. Atendendo à intensidade que o luar atingiria naquela noite, era escusado levar lanterna, embora estivesse disposta a correr o risco de levar um objecto que pudesse ajudar terceiros a localizá-la.

Limpou a mão às calças e fixou o olhar na pequena embalagem que se encontrava pousada sobre a mesa, debatendo-se com a aversão que viera a crescer em si ao longo do dia. Então, cerrou os dentes e enfiou o amuleto no bolso esquerdo das calças. Arrumou o canivete no bolso do lado direito.

Foi buscar a sua capa escura e passou uma última vez com a vista pela divisão. Deixara que o fogo na lareira principal se extinguisse e abafara as chamas que ardiam no fogão. As persianas estavam todas fechadas e trancadas. Lançara todos os feitiços de defesa que conhecia sobre o casebre, para o manter em segurança. Dedicara até um dos encantamentos à protecção do estábulo e do jardim.

Não havia mais nada a fazer.

Respirando fundo, para ganhar coragem, saiu discreta do casebre e parou, à escuta.

Silêncio. Nem os habituais sons nocturnos se faziam ouvir.

Sairia a Caçadora naquela noite, com a sua matilha de canzarrões, para correr todo o território enquanto a Lua, sua serva, eliminava todos os esconderijos que as presas costumavam descobrir nas sombras nocturnas?

«Pateta», pensou Ari, ao fechar e trancar a porta. A Caçadora não seria a única a deambular pela região naquela noite. Na verdade, se tivesse de escolher entre cruzar-se com Royce, ou com a Caçada Selvagem, preferia arriscar-se a fazer frente à matilha. Pelo menos, com os cães, o fim chegaria depressa.

Encostou a palma da mão à porta, em jeito de despedida, e rumou na direcção do mar.

A caminhada em passo apressado transformou-se em corrida até uma pontada de dor no flanco a ter obrigado a parar. Nessa altura, já perdera o casebre de vista.

Royce não se lembraria de procurá-la naquela praia. Decerto não iria ali. Mesmo que se lembrasse da sua existência.

Congeminara aquele plano com toda a cautela. Pouco mais lhe ocupava os pensamentos ao longo dos últimos dois dias. Se havia magia de que as mulheres da família Gwynn eram dotadas, centrava-se na sua capacidade para produzirem poções de amor, portanto, não podia menosprezar o aviso da Avó Gwynn quanto à possibilidade de o feitiço se virar contra elas se não fosse correctamente executado. Isso implicava que não podia simplesmente ficar escondida no casebre. Se Royce lhe fosse bater à porta, teria de lhe oferecer o amuleto... e o seu corpo, pois tinha a certeza que ele o aceitaria. No entanto, se não se cruzasse com ninguém naquela noite, não estaria a contrariar a magia de que o amuleto estava imbuído, e, como tinha de ser oferecido naquela noite específica, a força do feitiço dissipar-se-ia inocuamente.

Tinha esperança disso.

Dali a menos de um quilómetro, chegaria ao caminho irregular que se estendia até à praia e à gruta pouco funda na rocha da falésia. A sua mãe adorava ir àquele sítio, sozinha, nas noites de Verão. Hoje permitiria a Ari abrigar-se do vento, e, o mais importante de tudo, escondê-la-ia de quem quer que pudesse olhar para a praia de cima dos rochedos.

Pairaram nuvens frente à Lua, estancando a luz, no mesmíssimo instante em que Ari pressentiu que já não estava sozinha.

O seu coração acelerou quando deu meia-volta, esforçando-se por ver o que se encontrava no fundo do caminho. Mãe Bendita, seria possível que Royce já tivesse visitado o casebre? Teria ele adivinhado quais eram as intenções de Ari? Viria agora atrás dela?

A estrada continuava vazia, mas algo se aproximava. Pressentia-o, embora não lhe chegasse qualquer som aos ouvidos.

As nuvens seguiram o seu caminho.

A Lua voltou a mostrar-se, lançando luz suficiente para projectar sombras.

Ari esqueceu-se de respirar quando avistou o cavalo negro que por ali galopava. Era um misto de força e elegância, um animal de tamanha beleza que fazia com que o mais belo cavalo de caça de Royce parecesse uma pileca por comparação.

Não vinha a fugir de nada, decidiu quando o viu dirigir-se para a antiga estrada marginal que acompanhava o desenho da costa. Corria simplesmente pela felicidade de correr, como forma de festejar a vida.

Deteve-se, sossegada, até a criatura desaparecer de vista.

Interrogou-se de onde teria vindo e retomou o caminho na direcção do mar. Teria vindo da quinta de Ahern? Ele criava cavalos magníficos, mas

nem nos seus estábulos havia exemplar comparável àquele. A não ser que fosse um dos seus cavalos «especiais», montadas que Ari nunca tinha visto.

Talvez tivesse fugido de Tir Alainn propriamente dito. Conseguia imaginar a Caçadora montada em tão bela criatura.

A ideia de que era bem possível que fosse ela a presa incitou-a a avançar até chegar aos penhascos sobranceiros ao mar. Apesar de saber o que procurava, demorou vários minutos a descobrir a fenda na falésia. Desceu o carreiro irregular tão depressa quanto lhe foi possível, escorregando meia dúzia de vezes, tal era a sua pressa, até ter ido parar à praia vazia.

Ao longo dos anos, a sua mãe recolhera pequenas pedras e madeiras trazidas pelas marés para construir dois muros baixos, usando o próprio penhasco como terceiro lado de uma divisão a céu aberto. Uma vez por outra, como se fossem ocasiões especiais, Meredith convidara Ari a passar a noite ali, mas, essencialmente, aquele fora um sítio que a sua mãe reservara para si própria.

Nunca visitara aquela praia sem ela e nunca ali fora desde que Meredith morrera. Aliás, por esse motivo, quase podia fingir que Meredith fora simplesmente fazer um passeio à beira-mar e voltaria dentro em breve. Então, quando a sua mão roçou no bolso que guardava o amuleto, até essa ilusão se esfumou, afiando o gume da solidão e relembrando-a de que fora ali para se esconder, não para desfrutar de uma noite de Verão à beira-mar.

Tendo-se assegurado de que a pequena gruta não estava ocupada por mais ninguém, arrumou a sacola lá dentro. Havia um pequeno monte de lenha no fundo na caverna. Aninhada com a capa na rocha escavada, teria conforto suficiente.

Ari fechou os olhos e respirou fundo uma ou duas vezes, permitindo que o ritmo das marés e o enrolar tranquilo das ondas lhe amansasse o coração.

Ninguém a vira ir para ali. Ninguém a iria descobrir.

Abriu os olhos e viu o cavalo negro a galopar junto à água.

De olhos fixos nele, reflectiu que devia ter encontrado outro caminho até ao areal. Contudo, não seria estranho que o cavalo tentasse, sequer, descer do penhasco sozinho? Não podia beber daquela água e não havia nada que comer na praia. Talvez apenas gostasse da sensação da areia sob os cascos e da espuma das ondas nas patas. Teria de perguntar a Ahern, da próxima vez que o visse. Os seus cavalos «especiais» tendiam a comportar-se de maneira algo distinta da dos outros animais.

Não sabia se o cavalo a detectara, ou se lhe teria sentido o cheiro, à boleia de alguma mudança do vento, mas, num instante, estava a galopar na espuma das ondas e no instante a seguir carregava praia acima, avançando direitinho a ela.

Ari deu um passo atrás, prestes a esconder-se na gruta.

O cavalo parou a alguma distância do muro e empinou-se.

Uma vaga de calor alastrou no corpo de Ari, deixando na sua esteira uma estranha sensação de luxúria conjugada com a ilusão de poder voar.

O cavalo baixou as orelhas para trás e pisoteou na areia.

— Tenho tanto direito a estar aqui como tu — afirmou Ari.

Tornando a empinar-se, o cavalo relinchou, em tom de desafio.

Nitidamente, não gostava de partilhar a praia com ela. Pois, azar o dele. Nada o impedia de galopar de volta à quinta de Ahern, ou a de onde quer que tivesse vindo. Além disso, estava a fazer demasiado alarido, o que poderia chamar a atenção de alguém.

Ari levou as mãos às ancas.

— Ora, escuta, meu lindo — disse, em voz ríspida. — Exibires a quinta pata pode fazer com que as tuas amigas quadrúpedes batam as pestanas e abanem a cauda, mas, a mim, não me diz nada.

Sentiu-se atravessada por um fogacho de pânico. Porque teria dito aquilo? Faria a magia do amuleto com que uma mulher falasse com tal descaramento?

As patas dianteiras do garanhão afundaram-se na areia. Resfolegou, indignado.

Ari riu-se.

— É escusado ficares com o ego ferido. Tenho a certeza de que as tuas amigas são grandes apreciadoras do teu... — interrompeu-se, esboçando um gesto indeciso na direcção do corpo dele.

O bicho tornou a resfolegar.

Ari sentiu um aperto no peito. Visto que já se sujeitara a ela, não podia fazer frente à magia que animava o amuleto. O feitiço virar-se-ia contra ela se o fizesse. Assim sendo, tinha de encontrar algum modo inofensivo de canalizar aquela energia. No entanto, Senhor do Sol e Senhora da Lua, o seu corpo começava a parecer-lhe um ente desconhecido no qual não podia confiar e os seus pensamentos seguiam rumos que lhe eram pouco familiares. Mesmo quando cometera a insensatez de se julgar apaixonada por Royce, não se sentira assim.

O garanhão bateu com as patas na areia.

Ari estendeu-lhe uma mão e deu alguns passos na direcção do animal.

— És mesmo bonito, não és? — disse, suavemente.

O garanhão deteve-se a contemplá-la, por instantes, antes de avançar para lhe ir cheirar os dedos.

Ari deixou-se ficar enquanto ele a farejava e lhe lambia a palma da mão, mas quando começou a tocar-lhe com os beiços nos cabelos longos, ruivos, inclinou-se para trás.

— Isso não é palha.

Ele resfolegou baixinho, parecendo quase divertido.

Enquanto o garanhão lhe encostava o focinho à pele por debaixo da capa e lhe farejava as ancas, reflectiu que era a primeira vez que via um cavalo de olhos cinzentos. Ao luar, aqueles olhos trouxeram-lhe à memória o vaso de estanho da sua avó, que hoje se encontrava na prateleira do fogão.

O garanhão empurrou com o focinho o bolso esquerdo das calças dela, endireitou-se, emitiu um ruído de irritação e recuou de um salto. Baixou as orelhas para trás e bateu com as patas no chão, sem despregar o olhar dela.

Baralhada, Ari levou uma mão ao bolso esquerdo. Tirou dali o amuleto embrulhado em papel castanho. Engolindo a aversão àquele artigo, abriu o embrulho e despejou o conteúdo na palma da outra mão.

— É só um brinde, um reбуçado de açúcar mascavado com um feitiço de amor — explicou, em voz baixa, enquanto tirava as medidas ao cavalo. — Já confrontei o encantamento com todos os feitiços que conheço e não faz mal a ninguém. O único senão é que, o feitiço de amor, se não for cumprido, só é vinculativo para a mulher, não para o macho. A ti, não te faz mal.

O garanhão espetou as orelhas no ar. Não se aproximou, mas, pelo menos, não fugiu para longe dali.

«Não te faz mal.»

Essa ideia criou raízes no seu espírito, deixando-a algo estonteada.

— Quando a Avó Gwynn me passou isto para as mãos, não sabia o que era e depois já era tarde de mais, porque, assim que lhe toquei, fiquei vinculada ao feitiço. Mas a Avó Gwynn falou, realmente, do primeiro macho com quem me cruzasse na noite de lua cheia e não com o primeiro homem. Oh, claro que ela se referia ao primeiro homem, mas não foi isso o que disse. — O problema de todos os feitiços da Avó Gwynn era invariavelmente esse. Do modo como eram fraseados, havia sempre a possibilidade de algo correr mal. Todavia, desta feita, talvez isso funcionasse em prol de Ari. Se usasse o amuleto de acordo com o que a Avó Gwynn dissera, em vez de se concentrar naquilo que ela queria dizer... — Calculo que açúcar não faça muito bem aos cavalos, mas o velho Ahern dá-lhes um torrão de vez em quando e isto não é muito maior.

Sem se dar tempo de pensar no que poderia acontecer se estivesse enganada quanto à importância do modo como o feitiço fora fraseado, Ari voltou a enfiar o papel no bolso, guardou o falo de açúcar mascavado na mão esquerda e ofereceu a figura da mulher de formas sinuosas com a direita. Lambeu os lábios e respirou fundo.

— Com este gesto, ofereço o calor do meu corpo desde a vinda da lua

cheia até a nova chegar. Juro pelo Senhor do Sol e a Senhora da Lua. Que nunca mais incidam sobre mim se não cumprir o prometido.

O garanhão ficou muito quieto.

Ari aguardou. O ar pareceu ficar mais denso, dificultando-lhe a respiração, impedindo-a de raciocinar com lucidez. Havia algo de estranho naquele cavalo. Algo que não batia muito certo, mas... Tinha uns lindos olhos cinzentos. Além disso, era muito grande, muito forte. Aceitaria que lhe fizesse uma festa, que sentisse as cordas dos músculos por debaixo da pele quente?

Ficou com uma sensação esquisita. De onde viria aquela estranheza? O que estaria o encantamento a fazer-lhe?

Avançando com algum receio, o cavalo demorou vários segundos a cheirar a oferenda, antes de a aceitar.

Ari colocou a parte que lhe cabia na boca e tentou não se engasgar.

Era apenas um reбуçado, independentemente da forma que tinha. Todavia, trouxe-lhe à memória a fúria de Royce quando se recusara a recolhê-lo na boca como prelúdio antes da cópula. Trouxe-lhe à memória o modo como se rira dela depois de ter acabado e todos os insultos cruéis que lhe atirara antes de se ir embora.

O doce a derreter-se-lhe na língua deixou-a enjoada, portanto mastigou uma ou duas vezes para que a náusea passasse.

— Pronto, está feito — suspirou, passado um minuto —, e o negócio correu-me melhor do que teria corrido com qualquer um dos homens de Ridgeley. Sendo assim, bonitão, se os teus passeios te levarem para perto do meu casebre, serás bem-vindo. Nem tens de ir muito longe, já que é a casa mais próxima da quinta do Ahern. — Riu-se para consigo, aliviada. — Talvez o espaço fique um pouco atafalhado se lá entrares e não faço a mínima ideia de como havemos de enfiar essas tuas patorras na minha cama, que é onde devo dar-te os meus afectos, mas as promessas são para se cumprir. Não que isso tenha algum interesse para ti.

O garanhão resfolegou suavemente.

Ari fez-lhe uma festa no focinho.

— Mas essa é só uma de muitas variedades de afecto, não é? — disse-lhe, baixinho, enquanto a sua mão lhe acompanhava os contornos do pescoço robusto. Penteou com os dedos a crina farta. — Há outras alternativas, não há? Como a amizade. Isso é algo que te posso oferecer de bom grado.

Oh, como gostava de o afagar. Gostava de lhe sentir o calor na pele da mão. Gostava do modo como a crina negra lhe roçava na pele.

— Sinto-me esquisita — sussurrou.

Ele emitiu um ruído que parecia ser sinal de concordância, ou compreensão.

Estreitou-lhe o focinho entre as mãos.

O cavalo tocou-lhe no queixo com os beiços.

Por instantes, não conseguiu desviar o olhar daqueles estranhos olhos cinzentos. Então, encostou os seus lábios ao focinho dele.

— Toma. Um beijo para celebrar o contrato. — De súbito, sentindo-se envergonhada, foi até à gruta e retirou dali a sacola. — Como agora somos amigos, vou partilhar o jantar contigo. Não me parece que queijo tenha o mínimo interesse para ti, mas os cavalos gostam de maçãs, não gostam?

O cavalo acenou convictamente com a cabeça.

Ari deixou-se ficar a olhar para ele.

— És, de facto, um cavalo, não és?

A criatura voltou a cabeça para si própria, como se precisasse de verificar o corpo que se estendia para trás dela. Deu à cauda e deitou-lhe um olhar tão caricato que Ari não conseguiu conter uma risada.

— Está bem. Foi uma pergunta parva, mas não me ficaria nada bem ofender um Fae oferecendo-lhe comida tão fraca.

O cavalo abanou a cabeça.

«Não se passa nada», disse Ari para consigo, para se tranquilizar enquanto cortava as maçãs com o canivete. Não passavam de devaneios e da memória de demasiadas histórias contadas pela avó sobre os Fae e o modo como se transfiguravam. O cavalo estava acostumado a pessoas e os cavalos «especiais» de Ahern tendiam a comportar-se como se percebessem o que os homens diziam, portanto, talvez a sua voz tivesse alguma inflexão à qual esta criatura reagia, algum indício de que ela não se apercebia, mas que fazia com que o animal parecesse estar, realmente, a responder-lhe. Não passaria de um cavalo que, por qualquer motivo, estava suficientemente curioso acerca daquela mulher para se deixar ficar ali.

Tal como ela esperava, o bicho não se mostrou interessado no queijo, mas roeu com alegria a sua quota-parte das maçãs. Visto que parecia decidido a comer também a parte que lhe cabia dos bolos de fada, deu-lhe um, esperando que não lhe fizesse mal. Não havia água fresca por perto, portanto, foi despejando água do cantil para a palma da mão até ele se ter saciado.

Depois de matar a sua própria sede, voltou a guardar a sacola na gruta e foi-se juntar ao outro na praia.

O bicho arqueou o pescoço e saracoteando à volta dela.

— Não te parece que está na hora de voltares para casa — perguntou-lhe Ari.

O cavalo parou e abanou a cabeça. Bateu com uma pata dianteira no chão.

— Vais ter de me explicar melhor o que desejas, amigo — disse Ari, afectada.

Ele assim fez. Assim que a mulher lhe virara as costas, aproximou-se por trás dela e empurrou-a com firmeza.

— Também és assim, mandão, com as tuas amigas? — perguntou-lhe, indignada.

O bicho não se deu ao trabalho de responder. Continuou a levá-la de volta aos rochedos. Ari tentou contorná-lo, sorrateira, uma ou duas vezes, mas o cavalo tinha maior envergadura e era mais rápido do que ela, além de ser mais experiente na arte de arrebanhar do que Ari na de fugir.

— Pronto. Pronto — resmungou, passado um instante. — Já me encostaste à parede. Estás satisfeito?

O garanhão abanou a cabeça. Avançando rente à parede, apresentou-lhe o lado esquerdo do seu corpo.

Aí, sim, estava um convite perfeitamente explícito.

— Raras foram as vezes que montei a cavalo, quando era menina — respondeu-lhe, hesitante. — Não sei se ainda me lembro como se faz. — Porém, na verdade queria montá-lo. Naquela noite. Ali. Já. Vontade, tinha-a e muita.

O animal voltou a cabeça para a mirar.

Ari despiu a capa, dobrou-a e pendurou-a nas rochas. Pegou numa mão-cheia de crina, passou uma perna por cima do dorso da montada, dando graças pelas calças folgadas e a túnica larga que optara por vestir, que usava habitualmente, exceptuando as alturas em que ia a Ridgeley.

O garanhão afastou-se da falésia a um ritmo tranquilo, dando-lhe tempo para se habituar àquele corpo sob o dela.

Acusou alguma estranheza por ter as coxas afastadas daquele modo, por sentir o calor do corpo estranho no local onde a sua carne se comprimia de encontro à dele.

Deram uma volta ao longo da espuma da rebentação. Não se ouvia barulho, mas o mar desdobrava-se em ondas brandas que iam beijar a costa.

Ari respirava fundo, expulsando do seu corpo uma espécie de tensão.

O cavalo acelerou, para um meio galope, mudança tão subtil que não lhe deu tempo de retesar os músculos. O vento que lhe soprava no rosto sabia a maresia. Tinha noção de que se estavam a deslocar muito mais devagar do que quando ele galopara no areal; ainda assim, Ari sentiu-se como se estivesse a voar. Naquele momento não havia problemas nem infelicidade. Havia apenas o mar, o vento, a areia... e o corpo poderoso que se movimentava sob o seu.

O cavalo deu meia-volta e dirigiu-se novamente para o refúgio da mãe dela, antes de o deixar para trás, levando Ari para mais longe, pelo areal

abaixo. Quando voltou a mudar de direcção, ela levantou o olhar para o limite do penhasco.

Os seus músculos retesaram-se involuntariamente, desequilibrando-a. O cavalo abrandou de imediato o andamento, agitando as orelhas para trás e para a frente.

— Já chega — disse Ari, em voz baixa, tentando manter-se atenta à falésia sem que isso fosse evidente em demasia. — Chega.

O cavalo resfolegou suavemente, parecendo desiludido, mas voltou a encaminhar-se para o refúgio da mãe dela.

Incapaz de resistir, Ari espreitou por cima de um ombro e atentou por alguns instantes nos penhascos. Não estaria um homem agachado à beira do precipício, a observá-la? Seria apenas uma rocha metamorfoseada por capricho do luar? Não fazia diferença. Deixara-a suficientemente assustada para a relembrar do motivo pelo qual devia ter ficado escondida, em vez de cavalgar na praia.

Assim que se aproximaram dos muros baixos, de pedra, deixou-se cair de cima do dorso do cavalo, sem esperar que este travasse.

— Fica manso — sussurrou-lhe, ríspida, antes que o garanhão pudesse opinar sobre o facto de ter feito as vontades de uma cavaleira errática. Ari correu até aos penhascos, mal se atrevendo a respirar enquanto não se sentiu abrigada em segurança.

Por instantes, o cavalo hesitou, antes de lhe seguir os passos.

Ari fez-lhe festas no pescoço.

— Obrigado pela boleia — segredou-lhe —, mas agora tens de ir. Ainda alguém repara em ti e desce para investigar porque vieste passear sozinho. Não posso correr esse risco. Hoje, andam por aí demasiados caçadores — afirmou, com um estremeção.

Os olhos cinzentos dele demoraram-se em demasia sobre ela. Então, deu meia-volta e trotou pela praia abaixo, na direcção de onde viera inicialmente.

Ari foi buscar a capa e agasalhou-se. Isso não a impediu de tiritar. Sentada de encontro à pedra, levantou os joelhos e pousou neles a testa.

«Por favor, Senhora da Lua. Não deixes que ninguém me encontre hoje.»

Ari não sabia ao certo se a sua súplica se dirigia à Mãe ou à Senhora da Lua. Optou por dedicá-la à Mãe, levantando a cabeça para o céu nocturno, um pouco desiludida por não ver a lua cheia de onde se encontrava. Naquela noite, a Senhora da Lua estaria revestida de outra figura, que não era nada meiga.

Acabou por deixar de tremer. Encostando-se à parede, deixou-se embalar pelo canto perpétuo do oceano e o sono levou-a.

Sonhou que um cavalo atônito, de olhos cinzentos, voltara sorrateiro para ficar de vigília sobre ela.

Neall estava encostado a uma árvore no limiar do bosque que fazia fronteira com o prado por trás da casa de Ari.

«Se ainda tivesses o juízo com que nasceste, hoje tinhas ficado no teu quarto... com a porta trancada. Há homens que chamam, por brincadeira, Lua do Coito à primeira Lua do Verão, mas aqueles que já se deitaram com uma mulher com quem nunca se teriam casado tendem a chamar-lhe Lua do Enleador... com ótimos motivos para isso.»

O seu coração levava a melhor sobre a cabeça. Sabia que Royce viria ali naquela noite, motivo pelo qual se esgueirara para fora de casa do tio e cavalgara até Brightwood. Porém, quando se escapulira, o primo ainda se encontrava à mesa, a emborcar cerveja, portanto, ainda tinha algum tempo para tomar decisões.

Estava perfeitamente ciente de como Royce reagiria se fosse o primo o contemplado com o brinde de Ari. Royce haveria de lhe infernizar ainda mais a vida do que já fazia neste momento. Porém, Ari merecia qualquer sofrimento que pudesse vir a resultar dessa situação. Merecia muito mais do que isso, ainda que desse sempre sinais de nem sequer reparar na existência dele.

Era por isso que ali estava, para garantir que seria o primeiro homem que ela veria. Quando ouvira os boatos sobre os brindes que Odella e algumas das outras meninas haviam encomendado à Avó Gwynn, insistira várias vezes para consigo que estava a comportar-se apenas como amigo. Um homem podia aceitar a oferenda sem desfrutar do prazer físico que era prometido com ela. Talvez pudesse aceitá-lo uma vez só, somente para cumprir o acordo e para assegurar à jovem que era fruto apetecível.

Disse para consigo que se refrearia, para que Ari percebesse que não era como Royce, que ela era demasiado importante para que se aproveitasse de um feitiço de amor que não lhe dava alternativa. Era essencial que fosse ela a tomar essa opção. Caso contrário, se se limitasse a tolerá-lo na cama por obrigação...

«Se te desse a oferenda, passavas o máximo de tempo possível na cama dela, antes de o compromisso expirar. E se filho teu lhe inchasse o ventre depois disso...»

Neall fechou os olhos. Mesmo que a engravidasse, Ari não teria, forçosamente, de o acompanhar no Solstício de Verão e fazer os votos que os tornariam marido e mulher. Caso não o acompanhasse, teria de enfrentar, sozinha, aqueles nove meses e o parto que se seguiria. Não era capaz de lhe

fazer isso. Também não era capaz de se abster de tirar proveito de qualquer compromisso que a vinculasse a ele.

— Raras são as presas que têm a bondade de ficar à espera da flecha que lhes vai acertar no coração — disse uma voz áspera e baixa.

Neall retesou-se, mas não esboçou qualquer outro movimento. Quando abriu os olhos, voltou lentamente a cabeça na direcção de onde viera a voz.

O homem diminuto não seria mais alto do que a extensão do braço de Neall, era um indivíduo atarracado, vestido com roupa castanha e acinzentada que o tornaria indetectável na floresta. Tinha uma seta carregada no arco que empunhava.

— Que a Mãe o abençoe — disse Neall, num tom afável. Quando o homem não reagiu ao cumprimento, sentiu um aperto no peito. Sempre fora educado e cuidara de não ofender os membros do Povo Menor com quem calhava cruzar-se. Não eram tão poderosos como os Fae, mas as travessuras mágicas de que eram capazes podiam dificultar a vida de qualquer um, e, quando suficientemente enervados, podiam inclusive ser mortíferas. Todavia, ele conhecia este exemplar, falara com ele um sem número de vezes e, portanto, não compreendia a raiva que pressentia entre eles agora.

— O que o trás a Brightwood, meu senhor? — perguntou o homem diminuto.

«Ah, então é isso.»

— O mesmo que ao senhor — replicou Neall, dedicando-lhe um pequeno sorriso.

— Duvido que seja.

O sorriso apagou-se dos lábios de Neall.

— O que faço aqui, não lhe diz respeito — atirou, antes de acrescentar: — Não é o único que se preocupa com Brightwood e com as bruxas que aqui moram.

— A bruxa — frisou o homenzinho, com alguma amargura. — Só resta uma, não é?

Antes que Neall pudesse reagir, ouviram um cavalo a descer a estrada. Neal agachou-se. O seu olhar foi alternando entre o troço do caminho que lhe era visível e a porta do casebre às escuras.

Apareceu Royce, puxando as rédeas com força suficiente para o cavalo se empinar. Demorou-se a olhar para o casebre, antes de desmontar e avançar em passos largos na direcção da porta principal.

— Não se vê luz — constatou o homenzinho, que, entretanto, se colocara junto a Neall. — Não sai fumo da chaminé. Não há qualquer motivo para alguém supor que ela está em casa.

Era isso o que o preocupava. Não vira o clarão de nenhuma vela ou lam-

parina desde que ali chegara, não vira qualquer sinal de Ari. Porém, ela devia estar ciente de que não podia contornar a oferenda assim. Onde estaria?

O homenzinho disse:

— Se ela deixar a porta trancada...

— Os feitiços de amor não funcionam assim — reclamou Neall. — Se tentar desafiá-lo, vira-se contra ela.

— É um feitiço muito conveniente, esse — comentou o homenzinho, com uma voz terrivelmente branda.

Foi então que ouviram Royce bater à porta de casa, viram-no contornar a construção e bater na porta da cozinha. As pragas que rogou chegaram-lhes nítidas aos ouvidos.

Ainda assim, não se fez luz por detrás de nenhuma janela, nenhum dos estores se entreabriu para indicar que alguém lá dentro estava à espreita.

— Sua cabra! — bradou Royce. Atirou o peso do seu corpo contra a porta, uma vez e mais outra, até a fechadura se partir e a divisória se escancarar para o lado de dentro. — Vais dar-me aquilo que vim buscar, quer queiras, quer não.

Tentou dar um passo em frente, mas acabou por dar um passo atrás. Fez várias tentativas para avançar, mas não conseguia passar a soleira.

— Cabra!

Deu meia-volta e todos os vincos no seu rosto denunciaram a sua intenção de descarregar a raiva em alguma vítima.

«Que se lembre de outro alvo», pensou Neall, levantando-se e olhando para o casebre ainda escurecido. «Tu sobrevives a uma sova.» Quando começou a afastar-se da árvore, o homenzinho agarrou-o pelo pulso, impedindo-o de seguir.

— Não sente nada? — segredou-lhe, com aspereza, puxando Neall, para que voltasse a agachar-se.

— Não sinto o q...?

O chão foi atravessado por ondas de magia. Instantes mais tarde, rompeu um uivo no ar.

— Mãe misericordiosa — sussurrou Neall.

— É melhor ficar de cabeça baixa e fazer pouco barulho, meu senhor — aconselhou o homem mais baixo. — A Caçada Selvagem vem a Brightwood.

Neall estremeceu. Viu Royce ficar empedernido, antes de correr para a frente da casa, onde deixara a sua montada. Vislumbrou-o a açoiar o cavalo para que este arrancasse em galope, antes de montada e cavaleiro desaparecerem de vista.

Torcendo o corpo para um lado, olhou atentamente para o seu corcel, que não se inquietara de todo.

— Dei-lhe uns pozinhos para adormecer — disse o homenzinho, num sussurro. — Ainda vai dormir mais um pouco. Talvez tempo suficiente — acrescentou, a meia voz.

A matilha de cães sombrios despontou da floresta contígua com o limite mais longínquo do prado, correndo silenciosa rumo à estrada.

Neall ficou de respiração cortada, suspenso, tolhido pelo medo e o assombro. Os cães mais pareciam fantasmas que deslizassem por entre o arvoredo do que seres viúvos. Quando passaram lestos pelo seu esconderijo, não se atreveu a mexer-se. Os bardos e contadores de histórias itinerantes conheciam muitas narrativas sobre homens convidados a participarem na Caçada Selvagem, na qualidade de presas. Era verdade que os protagonistas dessas histórias eram sempre patifes cujas maldades tornavam a caçada no seu merecido castigo. Porém, uma coisa era ouvir-se essas lendas junto à segurança da lareira; outra bem diferente era estar-se a céu aberto quando a matilha passa a correr.

Foram os dedos do homenzinho a enterrarem-se-lhe no pulso que levaram Neall a desviar o olhar dos cães a tempo de ver a Caçadora e a sua égua pálida, que entrou no prado a trotar.

Quando parou ao lado do esconderijo, puxou as rédeas. Ficou a observar a casa de Ari, com a porta da cozinha arrombada, durante muito tempo. Por fim, virou a cabeça e pareceu olhar directamente para ele.

O aperto dos dedos do homenzinho no seu pulso tornou-se doloroso. O olhar da Caçadora era suficientemente sedutor para lhe doer de outra maneira.

«É fria como gelo», pensou Neall. «Um homem teria de ser louco para depositar a vida nas mãos dela.»

Um dos cães sombrios voltou atrás, como se curioso para saber o motivo pelo qual a sua dona parara de seguir a matilha.

Ela olhou para o cão, hesitou... e seguiu caminho.

Quando já não lhe seria fácil avistá-lo, Neall ousou espetar a cabeça de fora para olhar para a estrada. A matilha encontrava-se ali reunida, a farejar o rasto. Alguns dos cães olhavam fixamente na direcção de Ridgeley, rumo que Royce seguira.

A Caçadora também parou ali, antes de atravessar a estrada. Incitou a égua para que acelerasse e encaminhou-se para a velha quinta de Ahern, com os cães encarreirados de um e de outro lado da montada.

— É melhor ir-se embora, antes que ela volte para aqui — recomendou o homenzinho, largando, finalmente, o braço de Neall.

— Porque acha que ela vai voltar? — perguntou-lhe, levantando-se devagar.

— Acredite que voltará.

Neall dirigiu-se para *Darcy* e pousou uma mão no pescoço do corcel. Acordando, espavorido, o animal afastou-se de repente da sua mão, antes de voltar a cabeça para ele, como se precisasse do consolo de um cheiro e um toque familiares.

— É melhor abalar, meu senhor, antes que ela comece a interrogar-se sobre si — insistiu o homenzinho.

— Interrogar-se sobre o quê? — replicou Neall, escusadamente, enquanto soltava as amarras de *Darcy*. — E olhe que o facto de ser parente pobre do Barão Felston não faz de mim um «senhor».

— Não estava a pensar nesse fulano — atirou o outro, irritado. Olhou para Neall com atenção e um ar muito sério. — Julga que o meu povo fala com qualquer jovem que venha à nossa procura? Olhamos para eles como quem olha para as ratazanas, não vão elas fazer mal aos nossos filhos. A única diferença entre a maioria dos humanos e as ratazanas é que elas são mais honestas. Mas todas as espécies reconhecem indivíduos da sua laia, mesmo quando as parecenças já se diluíram no sangue... e o seu não está tão diluído quanto o senhor finge. Foi por isso que o Povo Menor se lhe deu a conhecer e é por isso que a Caçadora se há-de interrogar sobre si.

Neall olhou fixamente para o homenzinho.

— Está enganado.

— Estou? — perguntou-lhe o outro, tranquilamente. — De verdade, meu senhor? — Encolheu os ombros. — Como queira. Mas o menino que o senhor já foi fez-se homem e uma mentira infantil não se engole tão bem quando é dita por um adulto. Não se esqueça disso.

Neall não se apercebeu de qualquer movimento, mas o homenzinho já desaparecera dali.

— Vamos para casa, antes que aconteça mais alguma coisa — resmungou para *Darcy*.

Avançou pelo meio do arvoredo enquanto lhe foi possível, contornou as quintas trabalhadas pelos reideiros que o seu tio controlava e, por fim, chegou à herdade dos Felston. Enquanto tratava apressadamente de *Darcy*, reparou que o cavalo de Royce ainda não se encontrava na cavalição, o que provavelmente significava que o primo parara nalguma taverna em Ridgeley. Ocorreu-lhe que, naquela noite, o estabelecimento estaria a abarrotar de jovens que queriam uma casa cheia de testemunhas, para o caso de alguma moça apontar um dedo na direcção deles. Não importava se o homem em causa tinha saído cedo, ou chegado tarde. Defender-se-iam mutuamente, para evitarem que algum fosse apanhado.

Esgueirando-se para fora do estábulo, Neall encaminhou-se para as traseiras da casa. Encontrou a porta da cozinha destrancada e não estava ninguém a dormir junto ao fogão. Bem, nem a criadagem era excluída das

delícias – nem dos perigos – que aquela noite reservava e não lhe era difícil imaginar o que aconteceria a um jovem criado se fosse o primeiro homem que uma dama fidalga encontrasse, principalmente Odella, caso ainda estivesse na rua.

Usando as escadas de serviço, Neall dirigiu-se para o seu quarto e foi com agrado que trancou a porta. Despindo-se depressa, às escuras, meteu-se na cama, deixando escapar um suspiro de alívio.

Não que alguma das fidalguinhas tivesse querido fazer-lhe a oferenda. Não tinha mais para lhes dar do que qualquer um dos criados. Pelo menos, não tinha nada que estivesse disposto a admitir.

Fizera vinte e um anos há poucas semanas. Agora já podia ter propriedades em seu próprio nome, sem que o «Tio» Felston pudesse reclamá-las na qualidade de seu encarregado de educação. Podia, finalmente, abandonar Ridgeley e retornar ao sítio do qual guardava apenas memórias difusas, mas que fora o seu lar na infância. A casa da sua mãe. A terra da sua mãe.

*«Porque é que eu tenho de ir com eles?», perguntou Neall. Os olhos encheram-se-lhe de lágrimas, apesar do esforço feito por conter o choro, à medida que via Ashk rechear calmamente a arca com as suas roupas e os brinquedos de madeira que o seu pai talhara para ele. «Não os conheço», prosseguiu, em voz de criança que subiu de tom num pranto.*

*Ashk voltou-se para ele, com os seus olhos de verde-floresta repletos de uma angústia sem lágrimas.*

*«O teu pai era um bom homem. Se ainda fosse vivo, ter-te-ia ensinado tudo o que precisas de saber sobre o mundo, mas já partiu, portanto terás de aprender isso com a gente dele, com a sua família.»*

*«Mas não os conheço! Porque não posso aprender essas coisas contigo? Porque não posso ficar contigo?»*

*Ajoelhou-se ao lado dele e passou com os dedos pelos cabelos do menino.*

*«Primeiro, tens de aprender o que a família do teu pai tem para te ensinar. Depois, quando fores crescido e voltares para aqui, ensino-te outras coisas sobre o mundo.»*

*Neall fungou, observou atentamente os olhos da amiga mais próxima de sua mãe – olhos que lhe faziam lembrar os da sua mãe.*

*«Posso voltar para cá?»*

*«Esta casa e estes terrenos estarão aqui, à tua espera. Prometo-te que sim.» Hesitou. «Mas não podes falar destas terras à família do teu pai. Pertencem às filhas e ninguém, senão elas, tem uma palavra a dizer sobre esse assunto.»*

Assim sendo, ao longo de todos os anos desde então, guardara o segredo das terras, omitindo-as ao Barão Felston. Um dos muitos segredos

que julgava ter guardado bem desde que fora levado para casa do barão em menino, quando ainda chorava a morte de ambos os pais.

Agora que era homem feito e, de acordo com a lei, já não se encontrava ao cuidado da família Felston, só uma coisa o impedia de preparar o cavalo e abalar para a parte ocidental de Sylvalan: Ari. Queria que esta fosse com ele, mas não lhe parecia que fizesse tenções de algum dia deixar Brightwood. E apesar dos seus devaneios sobre como seria amante e marido dela, Neall estava ciente de que ficar ali com Ari não seria bom para nenhum dos dois. Mesmo que se casassem, não deixaria de ser considerado parente pobre do Barão Felston enquanto ficasse na região de Ridgeley. E Felston, reivindicando o laço «familiar» que os unia, lançaria os seus olhos cobiçosos na direcção dos tesouros que Brightwood encerrava, contanto aproveitá-los.

Ari ainda era jovem, pouco mais do que uma menina. Agora que a sua mãe e a sua avó tinham desaparecido, talvez estivesse, de facto, disposta a sair de Brightwood e deixar para trás a crueldade com que era confrontada cada vez que ia a Ridgeley, para começar uma nova vida noutro lugar... ao lado dele.

Neall estava preparado para esperar mais um ano... e para dedicar mais um ano ao trabalho desde a aurora ao sol-pôr como camareiro oficioso do Barão, vestindo roupa herdada de Royce, enquanto este, Odella, o barão e a baronesa esbanjavam todos os proveitos que conseguissem espremer da herdade, por entre queixas acres e constantes sobre como ele não se esforçava o bastante para extrair mais frutos da terra que já fora explorada até à exaustão.

Esperaria mais um ano. Depois, com ou sem ela, voltaria para casa e entregaria o seu suor e dedicação a terras que eram suas.

Fazendo das mãos almofada para deitar a cabeça, Neall fixou o olhar no tecto.

Se Ashk tivesse percebido o significado de se ser parente pobre no seio de uma família da fidalguia, tê-lo-ia, ainda assim, enviado para casa da gente do seu pai? Teria decidido que as lições que pretendia que ele aprendesse valiam a angústia de saber que era indesejado e mal-amado por aquelas pessoas?

Fora-lhe tornado explícito ao longo dos últimos quinze anos que o seu pai tinha sido... uma vergonha... uma nódoa na árvore genealógica do barão: mancha que toda a família olvidara de bom grado assim que atingira idade suficiente para singrar sozinho na vida. Fora concebido na noite da primeira lua cheia do Verão e a sua mãe, avó de Neall, recusara-se calmamente a denunciar qualquer dos homens da aldeia como pai dele, teimando que a criança era rebento de um Senhor dos Fae. Era uma tese

invocada com bastante frequência por jovens que engravidavam na noite da primeira Lua do Verão e não queriam casar-se com o pai da criança, ou se confrontavam com a recusa dele em assumir qualquer responsabilidade pelo sucedido.

Havia casos em que a verdade era realmente essa.

Reflectindo sobre o que o homenzinho lhe dissera, interrogou-se se Ari o veria com outros olhos se soubesse a verdade acerca dele: que o seu avô paterno fora, realmente, um Senhor dos Fae... e que a sua mãe fora bruxa.

## CAPÍTULO SETE

— Fica o aviso — disse Lyrra, servindo mais uma chávena de chá quando Dianna se juntou a ela à mesa onde se encontravam a fruta e os bolos. — Os ânimos estão algo sombrios hoje de manhã. — Espreitou por cima do ombro, na direcção das janelas diante das quais Lucian se erguia, de costas para a divisão. — Ou macambúzios.

Dianna passeou o olhar pela ampla divisão em volta. Havia muitas salas de convívio semelhantes na casa do clã. As mulheres apresentavam-se enfasiadas, mas Dianna suspeitava que essas expressões eram máscaras usadas para esconderem o ressentimento que sentiam pela ausência de amantes disponíveis na véspera. Os homens mostravam-se... desiludidos... e acenavam com as cabeças enquanto ouviam Falco. Ainda tocava baixinho a sua harpa, arrancando-lhe não tanto uma música como um fio de notas... algo que ganhara o hábito de fazer ultimamente, sempre que se sentia perturbado com as suas meditações. E Lucian...

— Então e tu? — perguntou Lyrra. — Gostaste da Caçada Selvagem?

— Porque está o Falco tão indignado hoje? — quis saber Dianna, fazendo uma mudança abrupta no assunto da conversa. Não queria falar sobre a noite anterior, nem sobre o casebre com a porta arrombada, ou aquela magia estranha, porém familiar, de que se apercebera na orla na floresta.

Lyrra deitou-lhe um olhar demorado, bebericou o seu chá e encolheu os ombros.

— Ouve e logo saberás.

Dianna aproximou-se até se deter à beira dos bancos almofadados onde os Fae se encontravam a escutar o Senhor dos Falcões.

— O que dizes é verdade, Falco — comentou um dos homens, abanando a cabeça com franca tristeza. — Lembro-me de histórias sobre mulheres suculentas que alegravam a vida de um homem. Não vi nada de suculento nas fêmeas que encontrei a rondar ontem à noite.

— O que elas são é predadoras — disse Falco. — Parecem as fêmeas daqueles insectos, que devoram os machos durante o coito. — Estremeceu. — Não admira que os machos tenham aprendido a esconder-se.

— Nem todos os machos se escondem — atirou Aiden, com um sorriso. Tocou uma corda e entoou: — Na Primavera as donzelas florescem e é no Verão que amadurecem. — Pressionou as cordas com a mão, para as silenciar. — Há muitas gerações que a noite da primeira Lua do Verão é o

clímax... — a palavra escolhida arrancou-lhe um sorriso —... das festas da Lua dos Namorados, em Sylvalan. É uma noite em que as mulheres são livres de demonstrar o poder do seu sexo. Muitas vezes, nessa noite, escolhem realmente um companheiro. Por vezes, só mesmo para essa noite. Por outras, trata-se do homem com quem se casarão. Para muitas, as aventuras dessa noite são apenas a consumação daquilo que os seus corações já tinham decidido, e os votos feitos no Solstício são uma formalização do compromisso perante testemunhas.

— Se os homens estivessem predispostos a assumirem esses compromissos, não lhe chamariam a Noite das Armadilhas — rebateu Falco.

A boa disposição deu mais cor aos olhos azuis de Aiden.

— O homem tem direito a aceitá-los, ou a recusá-los. Se aceitar, corre os seus riscos. Se essa noite resultar apenas numa aventura, o par pode separar-se e guardar na memória o prazer que teve. Se resultar em gravidez, então o homem tem a esposa escolhida. Também isso faz parte da tradição deles.

— A não ser que o homem seja dos Fae — ressaltou outro, com alguma malícia.

— Ora aí está mais uma questão — disse Falco. — Sempre que há filhos e o casamento não acontece, lançam-nos as culpas pelo nascimento da cria.

— Claro que as culpas são injustas, não é verdade? — atirou Lyrra, o mel de cuja voz contrariava o gelo que lhe revestia os olhos. — Afinal de contas, nunca poderia corresponder à verdade, pois não?

Pelo canto do olho, Dianna apercebeu-se de que Lucian amansava, então, viu os ombros deste descaírem. Sabia que ele não enchera o ventre de uma humana com uma criança. Estava segura disso. Assim sendo, porque teria reagido assim?

— Na minha opinião — disse Aiden, pousando com cuidado a sua harpa —, foi a tradição dos presentes que tirou o... encanto... a estes encontros.

— Precisamente — intrometeu-se Falco, de acordo com o outro — Assim que se aborda uma mulher, só se ouve: «dá-me ouro, dá-me prata, dá-me jóias, dá-me beleza, dá-me, dá-me, dá-me». Isso não seria tão mau se o que nos dão em troca valesse o preço.

— Nesse caso, tiram-lhes o que quiserem e não lhes dão nada excepto a verga em troca? — perguntou Dianna, num tom brando, sentindo que o seu ânimo esfriar. — Admira-me que consigam convencer uma única mulher a aceitar essa troca.

Falco arregalou os olhos. Fitou a Caçadora e a Musa, que se postavam agora lado a lado.

— Não me referia às Fae!

Aiden encolheu-se.

«Pelo menos, temos aqui um macho que não se vai interrogar sobre o porquê de o tratarem com frieza», reflectiu Dianna.

— Como eu estava a dizer — começou Aiden, deitando um olhar de advertência na direcção de Falco —, em tempos, os homens deixavam uma prenda depois de passarem a noite com uma mulher, um presente do agrado dela. Era um hábito masculino e não uma expectativa feminina. Percebem a diferença? — Esperou até Lyrra ter assentido. — Talvez tenha sido uma falha do Bardo em alguma altura do passado; há uma cantiga sobre as jóias que um amante leva à sua dama, por ela o rejeitar se não lhas oferecer. Hoje em dia, uma cantiga não chega, a não ser que seja acompanhada de uma bolsa cheia de ouro. E quando estamos com uma mulher dessas, notamos que está a matutar sobre como gastará o ouro e, quando se digna a pensar em nós, é para se interrogar sobre quanto tempo ainda vamos demorar. — Estendeu a mão para a harpa. — Isso não serve de desculpa para os nossos próprios defeitos, mas talvez explique o porquê de muitas vezes desiludirmos... e sermos desiludidos.

Instalou-se na sala um silêncio constrangedor, até que Falco o desfez:

— Não era isso o que eu queria dizer. O que me ofende é o modo como as humanas abordam os Fae. Em parte, a culpa é nossa. — Acenou com um braço, para incluir todos os presentes na divisão. — Temos sido tolerantes com estas... criaturas... desde há demasiado tempo. Não nos pedem ajuda, exigem-na; como se tivessem algum direito à magia que dominamos. Já não nos abordam com respeito. Tratam-nos como se estivéssemos ao mesmo nível. Precisam de medo nas suas vidas insignificantes. É isso o que lhes falta. Ora, ainda no outro dia, uma das mulheres que moram naquele casebre à beira-mar cumprimentou-me. «Que a Mãe te abençoe, irmão falcão», imitou, num tom francamente desagradável.

— Se te apresentaste com a tua outra figura, ela não podia adivinhar que devia cumprimentar-te de outro modo — disse Lyrra, em tom seco.

Falco desprezou o comentário com um aceno.

— Se ela não tivesse, no mínimo, suspeitado de alguma coisa, não me teria, sequer, cumprimentado. Os humanos nunca reconhecem nenhum dos outros filhos da Mãe Universal.

— Se te cumprimentou, foi com sinceridade.

Dianna olhou para o irmão. Fora a primeira vez que Lucian se pronunciara, o primeiro indício de que estava a ouvir a conversa.

— Foi uma manifestação de insolência e uma falta de respeito — defendeu Falco, fazendo uma pausa, antes de acrescentar: — Apeteceu-me voltar àquele casebre e arranhar a cara daquela criatura com as presas.

Lucian virou costas à janela e enfrentou Falco:

— Deixa-a em paz.

Fez-se silêncio.

«Não sejas tolo, Falco», pensou Dianna. «Não te esqueças de com quem estás a falar... e cuida-te.»

Falco desviou o olhar.

— Peço desculpa, Lucian. Foi só conversa fiada. Não estava a falar a sério.

Ninguém se mexeu enquanto Lucian não tornou a virar-se para a janela. Nessa altura, todos os outros, excepto Dianna, saíram encolhidos da divisão. Pousando a sua chávena na mesa mais próxima, aproximou-se com cautela do irmão.

— Foi só da boca para fora, Lucian — afirmou, hesitando momentaneamente antes de lhe pousar uma mão num braço. — Sabes que o Falco, às vezes, é assim. E se a tal mulher realmente...

— De certeza que não foi por mal...

Dianna perscrutou o rosto dele. Não percebia a raiva e a frustração que via ali, mas o que mais a preocupou foi a tristeza que lhe encontrou nos olhos.

— Conhece-la?

— Cruzámo-nos ontem à noite.

Era evidente que ele estava a omitir informação. Parecia-lhe também evidente que o irmão queria, aliás, precisava de conversar.

— O que aconteceu?

«Para além daquilo que seria de esperar que acontecesse na noite da primeira Lua do Verão.»

— Ela fez-me uma oferenda... um rebuçado com um feitiço de amor.

Dianna cerrou os dentes. Afinal de contas, talvez Falco tivesse alguma razão.

— Depois de me ter assegurado de que o feitiço não era vinculativo para mim, prometeu-me o aconchego do seu corpo até a lua cheia desaparecer, assim jurando ao Senhor do Sol e à Senhora da Lua. — Esboçou um sorriso murcho. — Eu estava com a minha outra aparência quando fez essa promessa.

Dianna ficou de queixo caído.

— Comprometeu-se com um cavalo?

A tristeza nos olhos dele aprofundou-se.

— Assumi esse compromisso com um cavalo porque não queria assumi-lo com nenhum homem.

— Mas... mas fez-te a promessa a ti. — Atenta ao irmão, de súbito compreendeu aquela melancolia e decidiu-se a pressioná-lo. Noutra ocasião, talvez tivesse tentado dissuadi-lo de qualquer interesse que pudesse

ter numa humana, mas não agora. Não era seguro que assistiriam ao aparecimento de outra lua cheia no Verão, portanto, porque não haveria ele de espremer todo o prazer que pudesse de cada dia que lhe restasse. — Fez-ta a ti, Lucian, independentemente do aspecto com que te apresentaste.

— Fê-la a um cavalo.

— Assumi o compromisso contigo — teimou Dianna. — Se quiseres... — Engasgou-se, momentaneamente. Como poderia Lucian desejar uma daquelas fêmeas de tal modo que ficara naquele estado de desatino? — Se quiseres que o acordo seja cumprido, é um direito que te assiste.

— O que é feito de toda a tua fúria feminina em relação aos homens que não oferecem nada além da verga?

Tratava-se de um assunto diferente. Quando abordara esse assunto, não estavam a conversar sobre o seu irmão. Todavia, estava explicado o motivo pelo qual a conversa o tinha perturbado.

— Se a situação envolveu um feitiço de amor, algum homem haveria de ter-se aproveitado dela, não é verdade? — Apercebendo-se do modo como ele se contraiu, arrependeu-se do modo como colocara a questão, mas voltou a insistir. — Nesse caso, porque não hás-de ser tu?

Presentiu que a raiva dele fervia e a experiência levou-a a adivinhar que ele se tornaria absolutamente casmurro em relação ao assunto e se recusaria a ceder, independentemente dos desejos que sentia.

— Porque te negas esse prazer? — quis saber Dianna.

— Porque ela não tem alternativa! — respondeu-lhe, num grito.

— Não lha podes dar?! — ripostou, gritando também.

Lucian olhou-a fixamente.

— Não lha podes dar? — voltou a perguntar a irmã, em voz baixa. Dedicou-lhe um sorriso matreiro. — Se lhe dessem oportunidade para escolher, talvez ela achasse o homem tão interessante quanto o cavalo... se realmente não quiser nenhum amante, podes despedir-te, não podes?

— Eu... — Os músculos de Lucian descontraíram-se um pouco. — Sim, posso. O que não posso é ir pura e simplesmente bater-lhe à porta.

«É precisamente isso o que tens vontade de fazer.»

— Não se recusaria a receber um viajante necessitado de abrigo. E ninguém disse que tinhas de lhe aparecer sem nada para dar.

Lucian semicerrou os olhos.

— Porque precisaria eu de abrigo?

— Por causa da chuva, pois claro.

— Vou apanhar uma molha?

Dianna fez um sorriso doce.

— Vais ficar encharcado. Sugiro que leves uma muda de roupa no alforge.

O sorriso aflorou-lhe lento aos lábios, mas desenhou-se caloroso e sincero. Deu-lhe um beijo na face e foi-se embora.

Sozinha, Dianna voltou para junto da mesa onde estavam a fruta e os bolos, mas nada daquilo lhe aguçava o apetite.

Mais caminhos através do Véu haviam fechado. Mais Clãs tinham desaparecido por causa do que quer que ia devorando Tir Alainn. Não estavam mais perto do que dantes de descobrir um modo de travar o processo. Não chegara mais nenhuma informação aos ouvidos de Lyrra, ou de Aiden, acerca dos wiccanfae e da sua magia negra, e a única réstia de informação que um bardo transmitira recentemente a Aiden sobre os Pilares do Mundo indiciava que, em dada altura, estes tinham estado de algum modo associados à Casa de Gaian, o que de nada lhes servia, visto que a Casa de Gaian desaparecera há tanto tempo que nem Lyrra, nem Aiden faziam a mínima ideia do que seriam os ditos, quando muito de onde se encontravam.

De momento, Dianna nada podia fazer por Tir Alainn, mas podia, de facto, fazer algo para ajudar o seu irmão a conseguir o prazer que procurava.

Saiu da divisão. Há muito que os Fae haviam perdido a capacidade de controlarem os elementos da Natureza, mas, com algum esforço, estava convicta de que seriam capazes de provocar uma pequena tempestade à volta de determinado casebre.

## CAPÍTULO OITO

Ari encolheu-se ao ouvir troar os trovões por cima do casebre e os primeiros pingos de chuva a baterem nas janelas. Correndo apressada para o seu quarto, acabou de trancar as persianas e de correr as cortinas de inverno para tapar os vidros. Normalmente gostava de ver as tempestades que chegavam do mar, mas esta parecia, de certo modo, um mau presságio.

— Estás a ficar tonta, Ari — resmungou para consigo, enquanto despia a roupa de trabalho e vestia a sua camisa de noite mais pesada. — Primeiro, pões-te a conversar com cavalos e agora parece-te que as tempestades têm estados de espírito.

Mas as tempestades tinham, de facto, os seus humores e esta deixava-a inquieta.

Uma rajada de vento atingiu o casebre com força suficiente para abanar as janelas.

Ari estacou por instantes, antes de abanar a cabeça. Só um louco sairia a cavalo numa noite assim.

Calçou meias lavadas, enfiou os pés nos chinelos e embrulhou um agasalho por cima da camisa de noite. Passando com a mão ao longo da lã grossa, fez um sorriso melancólico.

O agasalho fora ideia da sua mãe. Farta de xailes, que pareciam nunca ficar no sítio que lhes competia, Meredith pegara num dos seus, juntara as pontas e cosera-as, convertendo-as em mangas folgadas. Ari guarnecera-o de colchetes, para que a peça pudesse ficar fechada. O resultado foi um misto de xaile com casaco, que Meredith, experimentando o produto dos seus esforços com uma risada, dissera que as manteria quentes e agasalhadas, mesmo em dias de forte ventania.

Nova rajada de vento levou Ari a deslocar-se para a divisão principal do casebre. Deteve-se diante da lareira, com a respiração regular e o olhar fixo na lenha. O poder do fogo acumulou-se em si, provocando-lhe um formigueiro na mão direita. Abafou com jeitinho aquela força. Levantando uma mão, descarregou a que restava para cima da lenha seca. Evoluiu-se um fio de fumo das acendalhas. Então, saltou uma ténue chama, que pegou fogo a mais lenha e ganhou intensidade. Continuou a alimentar aquele pequeno lume até o último toro começar a arder com facilidade.

Passando para a cozinha, respirou o aroma do coelho estufado e apertou com uma mão a barriga que protestava. Começou a sorrir, mas desa-

pareceu-lhe a alegria quando olhou para a porta da cozinha, com os novos trincos e ferrolhos reluzentes.

Como teria o velho Ahern descoberto que aquela porta fora arrombada na véspera? Decerto não teria passado por ali na noite anterior por causa da chegada da primeira Lua do Verão. Certamente, não teria sido por isso. Nunca a olhara desse modo. No entanto, ao seu estilo cru característico, sempre a tratara com bondade.

Dissera-lhe que haveria de procurar o garanhão cinzento e ela sabia que uma criatura dessas visitava os seus terrenos ao entardecer, de tempos a tempos, para pastar no prado: lembrava-se de o ver ali desde que tinha memória.

Mas Ahern nunca antes fora ali à procura do cavalo cinzento. Aliás, em dada altura, quando ela lhe perguntara se seria um animal tresmalhado, surgira um brilho nos olhos do velho, ensombrado por alguma tristeza, quando lhe contou que esse cavalo se deixara desencaminhar para longe de mais na sua juventude, mas que isso tinha sido há muito tempo e que Ari escusava de se preocupar com a criatura. Então, deitara-lhe um olhar interrogativo e perguntara-lhe se as visitas do animal cinzento a incomodavam. Não a incomodavam e assim lho afirmara. Assim sendo, porque teria Ahern voltado ali à procura do garanhão na noite anterior?

«Não compres sarilhos», disse Ari para consigo, com firmeza, servindo uma tigela de coelho estufado. «Ele veio cá pela razão que te apresentou e, por cá ter vindo, apercebeu-se do estado da porta e voltou hoje de manhã, para a consertar. Se teimares nessa linha de raciocínio, ainda acabas com uma dor de cabeça, para acompanhar as dores de barriga.» Cortou duas fatias finas de queijo e cortou uma fatia de pão que cozera naquela manhã. Por gulodice, espalhou aquilo que considerava ser uma quantidade extravagante de manteiga no pão.

Depois de ter levado a loiça suja para a mesa na divisão principal, acendeu meia dúzia de velas. Satisfeita com os preparos, apressou-se de volta a cozinha, tirou a caçarola de cima do fogão e pôs a chaleira ao lume, antes de encher um copo de água para acompanhar a refeição.

De volta à mesa, deu graças à Mãe pelas suas dádivas, então trincou o pão e quase gemeu de prazer. À medida que mastigava, devagar, olhou para a sala em volta.

Depois de jantar, poderia trazer o pequeno tear da sala de costura, instalar-se junto à lareira e tecer um bocadinho. Alternativamente, poderia sentar-se na cadeira de baloiço que alguém oferecera à sua avó há muitos anos, deixando-se sonhar à beira do fogo. Também poderia enroscar-se na cama para desfrutar do sono necessário para enfrentar o que quer que amanhã lhe reservasse.

«Como os estragos que a tempestade fizer às alfaces verdes e às plantas que semeaste nos últimos dias. Ou a inundação na despensa subterrânea, visto que ainda não conseguiste acertar no feitiço para impedir a água de entrar.»

Ari abanou a cabeça e pegou na colher. Estava outra vez a comprar sarilhos. Nunca lhe haviam ocorrido feitiços daquela variedade quando a sua mãe era viva, porque os poderes de Meredith estavam ligados à  gua. Quando ela mandava, a água obedecia. Contudo, os feitiços aquáticos não funcionavam quando lançados por uma bruxa cujos pontos fortes eram a terra e o fogo, portanto Ari vira-se obrigada a aprender encantamentos relacionados com o solo para impedir as águas de penetrarem onde não deviam. Aliás, na verdade, continuava a esforçar-se por descobrir o feitiço certo, visto que as tentativas anteriores tinham surtido pouco efeito. Claro que mesmo a sua mãe se teria atrapalhado com uma tempestade assim.

Bastou-lhe uma trinca cuidadosa para confirmar que a comida estava suficientemente fria para a consumir. Enterrou a colher na tigela e estava prestes a comer a primeira colherada quando alguém bateu à porta.

A colher escorregou-lhe entre os dedos. Cravou o olhar na porta, de corao aos pulos.

Mãe misericordiosa! Royce!

Ouviu nova batida, agora mais impaciente.

Com algum esforço, recompôs-se o suficiente para ser capaz de raciocinar, em vez de entrar em pânico. Mesmo que fosse Royce, os feitiços defensivos impedi-lo-iam de entrar a não ser que o convidasse a isso e não tinha a mínima inteno de o deixar passar da soleira da porta. E se fosse Ahern, vindo para lhe pedir uma mezinha por um dos seus empregados ter adoecido?

— Se ficares aí espedada, nunca vais descobrir — resmungou Ari, para consigo, dirigindo-se para a porta.

A terceira batida que ouviu fez com que estacasse, fixa no ferrolho. O facto de quem quer ali estava ainda não ter tentado forçar a entrada deu-lhe coragem para abrir a porta.

Não era Royce, tão-pouco era Ahern. Tratava-se de um desconhecido bem vestido, encharcado até aos ossos, tão encolhido quanto o espaço lhe permitia sob o telhado.

— Boa noite — disse Ari.

Estalou um trovão. Romperam relâmpagos. O desconhecido fulminou o céu com um olhar sinistro, antes de esboçar um sorriso miúdo e lastimável.

— Será?

Algo nele fez com que Ari hesitasse. Apesar da chuva e do vento frio, a imagem dele deu-lhe a sensao de que o casebre estava quente de mais.

«Bem, não o podes deixar ali fora. Nitidamente, é um fidalgo, portanto, propor-lhe que durma no estábulo seria ofensa que não te perdoaria.»

— Entre e seja bem-vindo — disse Ari, recorrendo à frase que adormecia os feitiços com que protegia a casa. Deu um passo atrás, para o deixar entrar.

O homem hesitou no limiar e ela interrogou-se se teria sentido a magia dispersar-se, como uma cortina que se abrisse, para tornar a fechar-se assim que ele entrasse na sala. Então, entrou, chegando-se para o lado, de modo que Ari pudesse fechar a porta.

— Fico... grato... pela hospitalidade, minha senhora — agradeceu, afastando os seus cabelos ruivos do rosto. — Está uma noite complicada.

Ela reparou que gratidão não era algo que o homem sentia com frequência. Não era de admirar que assim fosse. Tanto quanto Ari pudera constatar, não era emoção frequente em nenhum fidalgo. Ao menos este era suficientemente delicado para proferir a palavra, o que era mais do que algum dos habitantes de Ridgeley teria feito à sua frente.

Apercebendo-se dos alforges que o homem segurava numa mão, perguntou-lhe:

— E o seu cavalo?

Os olhos dele, cinzentos, encheram-se de surpresa, com laivos de diversão.

— O meu cavalo?

— Pô-lo no estábulo? — Ari trincou o lábio inferior, preocupada. — Tenho palha para lhe fazer a cama, mas não há feno nem nada mais que ele possa comer.

— O cavalo fica muito bem onde está — afirmou o homem, com um tom algo estranho na voz.

Ari anuiu com um aceno. O visitante parecia animado de uma tensão ansiosa que ela não compreendia. O olhar fugaz que deitou à mesa serviu-lhe de justificação.

«Tem fome.» Essa ideia fez com que tremesse. De súbito, perdeu a vontade de partilhar o espaço com ele, desejosa de se afastar, pelo menos durante alguns minutos, o que lhe trouxe à memória outros problemas.

— Devia despir essas roupas molhadas — sugeriu, antes de fechar a boca, com os lábios muito apertados. Não tinha alternativa para lhe oferecer e não lhe parecia sensato ter em casa um homem embrulhado apenas numa manta, despido de tudo excepto das roupas mais íntimas, partindo do princípio que essas não estavam empapadas como as demais.

— Tenho uma muda de roupa — anunciou a visita, levantando ligeiramente os alforges. Demorou-se a olhar para ela, expectante.

As alternativas eram poucas. Endireitando os ombros, fez sinal na direcção da porta entreaberta do seu quarto.

— Pode mudar ali.

Inclinando discretamente a cabeça, ele entrou nos aposentos e fechou a porta.

Comprimindo com as mãos o ventre nervoso, Ari deixou cair o olhar no chão. Gemeu, baixinho e acabou por encolher os ombros, resignada. A camisa de noite dava-lhe pelos tornozelos e era suficientemente grossa para a tapar, além de que o agasalho lhe caía ao nível das coxas. Não havia nada de impudico nas suas vestes e, se aquele fidalgo presumisse que invadir o domicílio de uma mulher preparada para ir dormir era equivalente a um convite, podia voltar lá para fora, à chuva, com votos de boa viagem.

Pegando no seu prato de coelho estufado, apressou-se a entrar na cozinha. Passando a chaleira para a parte de trás do fogão, voltou a pôr a çucarola ao lume, despejou os conteúdos da tigela lá para dentro e mexeu a comida. Cortou mais fatias de pão e barrou-as com manteiga, fatiou mais um pouco de queijo. Por fim, apoiou-se com as mãos na banca e fechou os olhos.

Onde haveria ela de o pôr a dormir naquela noite? As divisões do andar de cima não eram limpas desde o Verão passado. Nem sequer chegara a varrê-las, ou a limpar o pó. Não as utilizava e tinha sempre demasiadas tarefas para resolver. Mesmo que fizesse uma das camas, seria preciso acender a lareira, para cortar o frio que se fazia sentir e não rachara lenha suficiente para alimentar outro fogo até de manhã. Restava-lhe ceder-lhe a sua própria cama e improvisar para si própria uma enxerga com mantas, junto à lareira na sala.

Teve nova hesitação ao servir duas tigelas generosas de coelho estufado. Esperava que ele não tivesse demasiada fome. Contava que aquela comida lhe proporcionasse refeições para alguns dias e os cobres que a Avó Gwynn lhe pagara pelas mezinhas não dariam para muito, se tivesse de ir comprar provisões a Ridgeley. Deitou uma mirada ao pão doce que se encontrava na banca, cuidadosamente envolto numa toalha. Cozera-o à laia de agradecimento a Ahern por lhe ter consertado a porta, mas talvez conseguisse trocá-lo por meia dúzia de ovos.

Abanou a cabeça, enquanto transportava loiça da cozinha para a mesa de jantar.

«Faças o que fizeres, ser-te-á retribuído a triplicar.» Essa máxima fazia parte das convicções das bruxas. Cada dádiva dada era uma dádiva recebida e a Mãe era a entidade mais generosa de todas.

Daria a comida e o acolhimento que lhe fosse possível hoje de consciência tranquilo, amanhã, logo se veria.

Estava a colocar as tigelas na mesa quando ele saiu do quarto, vestido apenas com calças escuras e camisa branca. Trazia uma garrafa numa mão e um pequeno saco pendurado na outra.

— Posso dar um pequeno contributo para a mesa — anunciou, entregando-lhe o saco.

Depois de o depositar na mesa, retirou do interior um pequeno pote vedado com tampa e uma caixa trabalhada. Abrindo ambos, demorou bastante tempo a analisar os conteúdos antes de concluir que deveriam ser uma variedade de biscoito e um qualquer queijo amanteigado.

Quando levantou a cabeça para lhe agradecer, reparou no modo como o visitante franziu o sobrolho perante aquilo que trouxera, como se acabasse de perceber que se tratava de alimentos que alguém levaria consigo se fosse fazer um tranquilo passeio vespertino... ou se soubesse que não teria de fazer um longo trajecto. Era possível que tivesse comprado os artigos nalguma estalagem por onde tivesse passado para almoçar... porém, Ari duvidava que assim tivesse acontecido. Isso levou-a a interrogar-se sobre exactamente de onde o homem teria vindo. Talvez fosse um fidalgo de outra parte de Sylvalan que tivesse vindo à quinta de Ahern, para apreciar os cavalos que este tinha para vender. Todavia, a quinta não ficava longe do casebre dela e, assim sendo, por que motivo não teria ele ido directamente para lá?

— Quer que abra a garrafa de vinho? — perguntou-lhe o visitante, olhando-a com alguma preocupação.

Ari anuiu com um aceno e retirou-se para a cozinha, onde foi buscar copos.

Quem quer que passasse na estrada vizinha e subisse a primeira encosta no caminho veria a propriedade de Ahern. E alguém que fosse surpreendido por uma tempestade teria facilidade em chegar lá. A não ser que o homem tivesse perdido o rumo na escuridão e na tormenta, ou procurasse apenas refúgio até passar o mau tempo, antes de voltar para a quinta, ou seguir viagem até Ridgeley. Talvez fosse hóspede do Barão Felston ou amigo de Royce.

Ari estremeceu.

Sabia perfeitamente o que comentaria o povo de Ridgeley se descobrisse que um desconhecido passara a noite em casa dela. Na perspectiva dos nativos, bruxa não passava de um sinónimo de meretriz. Se o desconhecido contasse a alguém onde passara a noite, Ari imaginava que vários homens de Ridgeley, casados ou não, lhe viriam bater à porta, à procura do mesmo tipo de «hospitalidade».

Depois de ter passado algum tempo a remexer nos armários, descobriu os dois cálices de cristal que lhe restavam, herdados da sua bisavó. A última vez que os usara fora quando se sentara com a mãe, frente à lareira, a bebericar uma garrafa de vinho com que Ahern as presenteara em honra do Solstício de Inverno. Meredith falecera passado pouco tempo.

Ari limpou o pó dos cálices e voltou para a sala.

O vinho estava na mesa, pronto a servir. O homem encontrava-se de pé, junto de uma das cadeiras.

— Peço desculpa, minha senhora — disse ele, dando a impressão de que estivera a ensaiar para consigo a frase. — Já me devia ter apresentado mais cedo. Chamo-me... Lucian.

Foi atravessada por tremuras quando ouviu aquele nome e teve a certeza de compreender como se sentiam as trutas quando se debatem com o anzol, mas não deixam por isso de ser por ele arrastadas.

— Sou a Ari — respondeu, relutante. Os nomes são palavras poderosas e ela não queria dizer-lhe o seu, mas o facto de o visitante lhe ter confesado o dele não lhe deixara alternativa.

«Pateta», pensou, pousando os cálices e sentando-se no seu lugar à mesa. «O homem não te conhece. Podias ter-lhe dito qualquer nome, que não o teu. Diga-se de passagem, como podes estar segura de que não foi precisamente isso o que ele fez contigo?»

Agora que pensava no assunto, apercebera-se de uma hesitação momentânea antes de ele lhe ter dito como se chamava: como se não fosse com aquele nome que habitualmente se apresentava.

Tirou-lhe as medidas. Os dedos dele assentavam suavemente sobre a colher e estava a olhar para a anfitriã, na expectativa. Demorou um pouco a perceber que aguardava que ela comesse para poder comer. Contendo um suspiro, Ari pegou na colher. Mais um costume da fidalguia que não era do seu conhecimento... embora o velho Ahern não fosse fidalgo e, das poucas vezes que tomara chá com ele, tivesse feito o mesmo compasso de espera.

A comida estava excessivamente quente para ela, portanto pegou num pedaço de queijo para ter algo que roer. Assim que o trincou, ele deu início à refeição. Não teve tempo de o avisar de que o coelho estava quente antes de o visitante o ter levado à boca. Arregalou os olhos, surpreendido, mas não jogou mãos ao vinho, para arrefecer o ardor na boca. Mastigou, engoliu e dedicou-lhe um sorriso.

— Está uma delícia.

Não teceu mais comentários durante vários minutos.

Devorou meia tigela de estufado, a maior parte do queijo, e uma ou duas fatias de pão com manteiga, antes de ela ter provado a sua primeira colherada.

Ari trincou um pedaço de batata e multiplicou-se em pequenos sorvos de ar para arrefecer o centro a esquentar. Julgou que dera pouco nas vistas, mas ele levantou de imediato a cabeça, para a observar. Assim que conseguiu engolir, perguntou-lhe:

— Como foi capaz de comer isso sem se queimar?

— Gosto do fogo — replicou ele.

Pegando no seu cálice, a anfitriã bebeu um grande gole de vinho, antes de olhar para o cristal com o fito de se assegurar que não pegara, por engano, no copo de água.

— Também gosto de fogo, mas não me agrada esquentar a língua.

— Mas a natureza do fogo é essa. Queima.

— Aquece — respondeu-lhe, terminante. Não fora sua intenção adotar tão nítido tom de desafio, mas algo no modo como ele dissera: «queima» a arrepiara.

— Não acredita que o fogo é capaz de destruir? — perguntou-lhe, em voz branda.

Depreendeu do modo como ele apertou os dedos em volta do pé do cálice que não estava acostumado a que o contradissem e nitidamente não gostava de tal situação. Ainda assim, esperou algum tempo, antes de lhe dar resposta. O fogo era um ramo da Mãe que fazia parte dela. Conhecia-lhe as qualidades, o seu lado sombrio e também a luz que o animava. Porém, como haveria de explicar a um desconhecido algo que nunca se vira obrigada a articular?

— Sim, o fogo é capaz de destruir — afirmou, com cautela —, mas também proporciona o calor que coze o pão, o consolo que nos agasalha nas noites de Inverno e a luz que nos conduz a casa na escuridão. — Brincou com a colher. — Deve parecer-lhe uma perspectiva simplista.

— Parece-me... mais meiga — respondeu Lucian, desviando o olhar. — E muito mais sensível do que foi o meu comentário. — Bebendo um trago de vinho, o seu sobrolho enrugou-se. — Peço desculpa, minha senhora. Este vinho não é digno desta refeição.

— Tem um paladar delicado — comentou Ari. Na realidade, apesar do tom vermelho-escuro que o caracterizava, era praticamente insípido, como se não contivesse mais do que vestígios de sabor. Espalhou um pouco de queijo amanteigado sobre um biscoito, trincou-o e esforçou-se por conter um suspiro. O queijo e os biscoitos eram tão maus quanto o vinho. Nunca lhe ocorrera que os fidalgos pudessem preferir comida tão... desenhada.

O resto do jantar desenrolou-se num silêncio alimentado pela tensão.

Ari olhou para a sua tigela meio vazia e desistiu. Perdera o apetite, tinha a barriga demasiado cheia de uma convicção cada vez maior de que o convidado estava à espera de algo.

— Qual é o seu destino, meu senhor? — perguntou-lhe, esperando que fosse suficientemente longe para ele preferir deitar-se cedo, de modo a abalar de manhã cedo.

— Não tenho nenhum destino específico — replicou, evasivo, de olhar fixo no cálice que os dedos inquietos viravam para um lado e para o outro.

Ari cravou o olhar nele. Se não ia para nenhum lado, o que estaria a fazer na rua numa noite assim?

— Ontem à noite, gostou do seu passeio a cavalo à beira-mar? — perguntou-lhe, abruptamente, ainda sem olhar para ela.

Ari sentiu-se aquecer e arrefecer ao mesmo tempo, ficando enjoada... e furibunda.

— Se foi para isso que aqui veio, meu senhor, já veio tarde. A primeira Lua do Verão foi ontem à noite.

— Eu sei — reagiu, em voz baixa, pregando-a à cadeira com os seus olhos cinzentos. — Não respondeu à minha pergunta.

— Nem vou responder — barafustou Ari. — Isso não lhe diz respeito. — Ficou de tal modo arrelviada que olhou em volta, à procura de algo para lhe atirar, mas não se podia dar ao luxo de estragar comida, nem de partir loiça. — Bem me parecia que estava alguém a vigiar-me nos penhascos.

— Estava? — perguntou-lhe, com uma violência na voz que a levou a olhar para ele.

— Sim. O senhor. De que outra maneira poderia ter sabido disso?

A voz de Lucian suavizou-se quando respondeu:

— Eu estava na praia.

Ari abanou a cabeça.

— Não estava ninguém na praia, senão o...

— Deste-me maçãs e um bolo qualquer; além de uma oferenda.

Ari não parava de abanar a cabeça.

— Deste-me um beijo e fizeste uma promessa.

— Não — sussurrou. Diante dos seus olhos, o rosto dele transfigurou-se abruptamente, adquiriu um aspecto ferino e as suas orelhas tornaram-se algo pontiagudas.

«É um Fae.»

Afastou-se da mesa com um pulo, derrubando a cadeira. Ele deixou-se ficar ali sentado, a observá-la com o mesmo misto de receio e fome nos seus olhos de cinza.

— És... és um Fae — reagiu Ari, com a voz trémula.

O outro inclinou ligeiramente a cabeça.

— Mas... disseste que eras um cavalo. Eu perguntei-te e disseste que eras um cavalo.

Juntaram-se indícios de divertimento ao cansaço e à fome que lhe marcavam os olhos.

— Quando me perguntaste, eu era, de facto, um cavalo.

Ari fechou os olhos. Mãe misericordiosa. Fizera a oferenda a um Se-

nhor dos Fae metamorfoseado. Bem, talvez isso não fosse muito mau. Afinal de contas, acabara por conseguir evitar qualquer dos homens de Ridgeley. E talvez ele fosse um Senhor menor, como o Senhor dos Galináceos, ou coisa parecida. Existiria um Senhor dos Galináceos? Nesse caso, não deveria a sua figura alternativa ser um pinto? Aliás, um galo, corrigiu-se Ari, rapidamente, assim que lhe passou pela cabeça a imagem de um pénis com patas a correr na capoeira. Tapou a boca com uma mão, para conter o riso, certa de que, começando a rir-se, acabaria com um ataque de histerismo.

Respirou fundo, uma, duas vezes, para se recompor, entrelaçou com firmeza os deus das mãos e, por fim, abriu os olhos.

— Qual deles és tu?

Perscrutou-a durante muito tempo.

— Sou o Lucífero.

Ari fugiu para a cozinha. Debruçada sobre a bacia, deu graças por ter comido pouco, visto que, assim, teria menos sujidade para limpar, se vomitasse.

«O fogo queima.»

Oh, sem dúvida ele saberia muito sobre fogo. Com toda a certeza.

Era o Senhor do Sol. O Senhor do Fogo.

«Acode-me, Mãe de todos nós.»

Ouviu o som de vinho a ser vertido para um cálice, depois o arranhar amortecido das pernas de uma cadeira a recuar. Retesou-se, à espera que ele entrasse na cozinha e lhe apresentasse as suas exigências. Em vez disso, chegou-lhe aos ouvidos o ranger ritmado da cadeira de baloiço da sua avó.

Ganhando coragem, Ari saiu da cozinha, pé ante pé. Havia que levantar a mesa e arrumar devidamente a comida que sobrara. Além disso, tratava-se de tarefas seguras, que não lhe eram estranhas. Olhou na direcção dele, mas estava atento às chamas na lareira e não pareceu dar-se conta de que Ari estava na sala. Depois de recolher toda a loiça que pôde, levou-a de volta à cozinha. Quando fez a segunda viagem, ouviu-o dizer em voz baixa:

— Não vim para te fazer mal.

Olhou-o, baralhada com o constrangimento que lhe detectou na voz. Não confiando na sua própria capacidade para falar, limitou-se a anuir com um aceno e voltou para dentro da cozinha. Pousou a loiça na banca ao pé da bacia e apertou as mãos trementes uma de encontro à outra.

«Tudo o que fizeres ser-te-á retribuído... Tem cuidado com o que desejas... Assim desejas...», reflectiu.

Teria ela sido, até certo ponto, responsável pela actual situação? Não quisera entregar-se a um homem de Ridgeley, muito menos a Royce. Não lançara nenhum feitiço com o intuito de evitar que isso acontecesse, mas os seus pensamentos e os seus sentimentos tinham apontado nesse senti-

do. Teria isso bastado para atraí-lo até à praia na véspera? Tratando-se de alguém que também tinha o dom da magia, seria mais sensível aos chamamentos delas, não seria? Além disso, Ari fizera uma jura solene, e, tendo em conta quem ele era, quando jurara, em nome do Senhor do Sol e da Senhora da Lua, honrar o compromisso, esse voto adquirira ainda mais peso do que seria expectável.

Ainda para mais, ele parecia tão... sozinho...

Essa impressão espantou-a de tal modo que resolveu concluir as tarefas mundanas que tinha para resolver na cozinha. À medida que tratava das limpezas e arrumava a comida, começou a sentir-se mais segura e capaz de pensar com nova lucidez.

Ele podia ter mudado de figura assim que ela lhe fizera a oferenda, para lhe exigir que satisfizesse os seus desejos na noite anterior. Apesar disso, não o fizera. Podia ter-lhe dito quem era e o porquê da sua visita assim que entrara no casebre, mas não o fizera. Apresentara-se com um nome que não a assustaria e dera-lhe tempo para conversar com ele e se acostumar à sua presença, antes de aludir à praia e à oferenda.

Tudo isso tinha o seu peso. E havia outro factor a ter em conta: a única experiência que ela tivera com um homem fora penosa, fora uma desilusão. Quão diferente seria estar com alguém como Lucian? Se não se arriscasse agora, alguma vez teria outra oportunidade assim? Mesmo que não corresse melhor do que correra com Royce, haveria alguma possibilidade de correr pior?

«É ele sente-se sozinho. Não sei porque será, mas sente-se sozinho. Como eu.»

Quando acabou tudo que tinha para fazer na cozinha, respirou fundo e deixou o ar sair, lentamente, dos pulmões.

«Tem coragem, Ari, e confia na sabedoria da Mãe. Há coisas que estão predestinadas.»

Aproximou-se, a pouco e pouco, da lareira, antes de parar, insegura, até ele se dignar a contemplá-la.

— Tem de compreender uma coisa, meu senhor — esclareceu, sentindo calor nas faces. — Só fiz isto uma vez.

— O quê? Uma oferenda?

— Não — respondeu-lhe, precipitada. — Isso, nunca tinha feito. Refiro-me ao resto.

Por momentos, ficou aturdido, antes de a sua expressão se suavizar.

— Uma?

Ari engoliu em seco e assentiu.

Ele deitou-lhe um olhar atento.

— E não foi agradável.

A anfitriã abanou a cabeça.

Lucian despejou o cálice e pousou-o junto à cadeira de baloiço.

— É uma escolha que tem de ficar ao teu critério, Ari.

— Escolhi quando fiz a oferenda.

— Não sabias a quem estavas a fazê-la.

— Cumpro as minhas promessas, meu Senhor. — «As bruxas cumprem sempre.»

Ele levantou-se e aproximou-se devagarinho. Emoldurou-lhe o rosto com as mãos.

— Assegura-te de que tens a certeza.

— Tenho a certeza, meu senhor.

Roçou com os seus lábios nos dela e murmurou:

— Lucian.

— Lucian — disse ela, obediente.

Preparou-se para um beijo intenso e uma invasão da língua, mas a boca e as mãos dele não perderam suavidade, produzindo uma agitação em Ari, como se estivesse a ser afagada por asas delicadas. Macias, tão macias.

As mãos de Lucian despediram-se do rosto dela e desceram ao longo das suas costas, tão leves que mal as sentia através da camisa de noite e do agasalho.

Os lábios dele percorreram-lhe o rosto e o pescoço. As suas mãos deslizaram por debaixo do agasalho. Ari ficou mais sensível, mas a camisa de noite continuava a tornar o toque dele suficientemente fugidio para a fazer ansiar por mais. Teve vontade de erguer os braços e de investigar o corpo dele, mas sentiu-os excessivamente pesados para os levantar e sentiu-se incapaz de se concentrar em nada, excepto no percurso dos dedos de Lucian sobre o seu corpo.

Sentiu-se como se fosse de cera derretida por uma chama serena.

— Vem — disse ele, em voz baixa, conduzindo-a ao quarto. Quando chegaram à porta, acendeu-se a vela que estava à beira da cama.

Lucian afastou as cobertas antes de lhe despir o agasalho. Incapaz de resistir à ligeira pressão das mãos dele nos seus ombros, sentou-se no colchão, enquanto o visitante lhe descalçava os chinelos e as meias.

— Põe-te debaixo das mantas — disse ele. — Hoje está frio.

Tremendo um pouco, obedeceu-lhe. Antes de estar completamente instalada, já ele despira toda a sua roupa e se estendia ao lado de Ari.

Lucian segurou-lhe os pulsos com as mãos, levantando-os até os ir depositar junto à cabeça dela.

Ari sentia-lhe a pele quente. Maravilhosamente quente.

— Não é melhor...

Os lábios de Lucian roçaram de encontro as dela, calando-a:

— Chiu.

Onde quer que lhe tocava, Ari derretia-se. Quando a incitou a despir a camisa de dormir, já não se conseguiu levantar sem a ajuda dele.

Quente. Tão quente.

— Ari.

Custou-lhe abrir os olhos. O corpo dela reagia muito melhor às instruções de Lucian do que às dela.

— Ari.

Quando, por fim, abriu os olhos, deparou-se com o rosto dele sobre o seu. Por instantes, ele contemplou-a, depois sorriu. Sentiu-o mudar de posição, sentiu a pressão das pernas dele a afastar as suas. Preencheu-a devagar, depois pareceu satisfazer-lhe ficar quieto enquanto a beijava.

Foram os testículos dele que, por fim, transformaram a sensação de derreter em algo mais intenso, numa fome. Assentaram de encontro ao corpo de Ari, acariciando a pele sensível sempre que Lucian contraía os músculos. O peso deles sobre a pele que nunca antes fora tocada fez com que ela se contorcesse.

— Lucian — gemeu, à procura de algum modo de aliviar aquela tortura saborosa. Cravou os dedos nas nádegas dele, incitando-o a mexer-se.  
— Lucian.

Os lábios deste contorceram-se num sorriso rente ao rosto dela. Então, mexeu-se e cada movimento seu alimentou o fogo da paixão até ela arder.

Lucian saiu furtivo da cama de Ari. Tão silenciosamente quanto pôde, abriu as cortinas e as persianas. A luz parda que em breve daria lugar à aurora chegava para lhe proporcionar visibilidade, portanto vestiu as roupas que encontrou, antes de se esgueirar para fora do quarto.

Abriu as trancas e a porta da frente. A tempestade dissipara-se há muito tempo. Aliás, na verdade, durara pouco mais do que o jantar da véspera, mas duvidava que Ari se tenha apercebido disso.

Onde teria ela metido o resto das suas roupas?, interrogou-se ao fechar a porta e dirigir-se para as traseiras do casebre. Passou em revista a cozinha bem limpa. E onde teria enfiado o resto da comida?

Quando uma rápida revista aos diversos armários não resultou na descoberta de um bule com chá, tigelas com ensopado, nem queijo, abriu a grande caixa de madeira que se encontrava sobre a banca e encontrou o pão, juntamente com os biscoitos que trouxera. Pegou num destes e trincou-o, fazendo uma careta. Por qualquer motivo, não sabiam tão bem ali quanto sabiam em Tir Alainn. Vasculhou um pouco mais na caixa, na espe-

rança de encontrar algo mais do que aquilo que aparentava estar ali, como, por exemplo, alguns daqueles bolos que Ari levava para a praia.

Podia acordá-la. Se ela estivesse desperta também queria tomar chá, não era verdade? Estivesse ela acordada, também não lhe custaria preparar qualquer coisa para ele comer.

Estava à porta do quarto quando lhe ocorreu que ainda tinha de decidir como lidar com a tradição de dar dádivas em tais ocasiões. Talvez uma amante satisfeita gostasse de ser presenteada com algo diferente daquilo que uma mulher ensonada e rabugenta queria se lhe exigissem que preparasse o pequeno-almoço. Seria mais sensato resolver a questão do presente, antes de fazer menção a comida.

Desconfiava que as regras subjacentes à oferenda que recebera na praia lhe davam todo o direito a ignorar o costume de presentear a amante, mas gostara muito mais do que esperava do tempo que passara com Ari e uma prenda deixá-la-ia mais ansiosa pelo regresso dele. Isso porque ele havia de ali voltar. Ela estava ao seu dispor desde o começo da lua cheia até esta desaparecer e Lucian pretendia desfrutar da sua companhia enquanto pudesse.

E queria tomar o pequeno-almoço.

Entrou no quarto e sentou-se na cama. Ela continuava a dormir, aconchegada debaixo das cobertas. Estendeu um braço para lhe tocar no ombro e a abanar de mansinho, para a ajudar a acordar, mas a sua mão continuou a deslizar até lhe tocar nos cabelos.

— Mmmfff — emitiu ela, sonolenta. — Os pássaros disseram-lhe que estava na hora?

Na hora de quê?

— Os pássaros?

O acenar da cabeça dela empurrou ainda mais o seu rosto de encontro às almofadas e Lucian interrogou-se se Ari se estaria a preparar para se afundar novamente em sono profundo antes de ter tido tempo de falar com ela.

— Os pássaros sabem sempre quando está na hora — acrescentou Ari, depois de um minuto de silêncio. — Assim que a luz começa a mudar, começam a ouvir-se os primeiros chilreios, como se estivessem a ajudar o Sol a nascer. — Com um suspiro, enroscou-se ainda mais sob as cobertas. — Ou talvez o estejam a ajudar a si.

— Não preciso que os pássaros me ajudem para me levantar — respondeu Lucian, seco. A tentação de voltar a deitar-se e de lhe mostrar outra variedade de aurora era demasiado forte, mas as palavras de Ari incomodavam-no. Decerto não julgava que... — Sabes que não levantou, realmente, o Sol acima do horizonte, não sabes? Ele é perfeitamente capaz de fazer isso sozinho.

— Ah, ainda bem — resmungou. — Sempre me perguntei o que aconteceria se te deixasses dormir até mais tarde. Mas os pássaros haviam de te acordar.

Lucian observou-a atentamente por instantes, antes de abanar a cabeça. Ou tinha demasiado sono, ou estava demasiado desperta para que aquela conversa fizesse sentido.

— Ari?

— Mmmfff.

— Quando um homem gosta da companhia de uma mulher, é tradição fazer-lhe uma dádiva para demonstrar a sua gratidão.

— Uma dádiva? — Franziu momentaneamente o sobrolho. — Dar-lhe uma prenda?

— Sim — confirmou Lucian, em vias de se impacientar. — Uma prenda. Ari suspirou.

— Ninguém me dá prendas desde que a minha mãe morreu.

Lucian recuou, já não sabia como reagir. Tinha a intenção de lhe propor meia dúzia de artigos que o clã guardava na sua caixa de jóias, bugingangas que não lhe custaria nada oferecer-lhe. Nunca achara as humanas suficientemente sedutoras para ceder com frequência aos encantos delas, mas, segundo constava entre os Fae do sexo masculino, eram criaturas algo parecidas com os corvos: gostavam de objectos reluzentes. Como as jóias tendiam a acabar por regressar aos cofres do clã, mesmo que não àqueles de onde haviam originalmente saído, não havia lá nada que nunca tivesse sido oferecido.

Na véspera, ele reparara que não estava mais ninguém no casebre, mas presumira que os outros ocupantes simplesmente teriam passado o dia fora. Aquele sítio tinha tanta «presença» que não lhe ocorrera que ela pudesse estar absolutamente só. Ciente desse facto e de quanto o presente que lhe desse agora a desiludiria, ou deliciaria, sentia-se na obrigação de lhe oferecer o que quer que quisesse, por mais gananciosa que pudesse vir a ser a solicitação.

Debruçando-se para Ari, disse-lhe:

— Que tipo de presente gostarias que te desse?

— Posso escolher?

— Sim, podes escolher.

Ela sorriu.

— Quero sol.

Olhou-a fixamente. Seria um modo enviesado de lhe pedir um colar com pedras de âmbar ou citrinas? Seria sinónimo de ouro?

— Sol?

Ari anuiu com um aceno.

— Hoje, tenho trabalho para fazer no quintal. Era bom que fizesse sol.  
— A sua testa franziu-se. — Mas sem calor em demasia.

Lucian acariciou-lhe a face com os lábios.

— Sol que aqueça, mas não queime. — Quando a viu acenar novamente com a cabeça, perguntou-lhe: — E o que mais?

— Mais? — Depois de um longo intervalo, disse-lhe: — Um dragão.

Lucian suspirou baixinho. Um dragão? Mesmo que tais criaturas existissem e lhe fosse possível apanhar uma, o que julgava ela que faria com uma fera assim?

— Um dragão — respondeu-lhe, com a voz cansada.

Ari riu-se.

— Um dragão feito de nuvens atrás de um rebanho de nuvens como ovelhas felpudas.

Pela primeira vez, interrogou-se quantos anos a menina teria. Evidentemente, ainda era bastante nova, mas o corpo do qual desfrutara na véspera fora o de uma mulher e não de uma criança. Não tinha importância. Como não fora ele o primeiro amante, decerto teria idade suficiente.

Tornou a beijá-la na face.

— Agora tenho de me ir embora, mas volto logo à noite.

— Logo à noite — resmungou.

Sem fazer barulho, Lucian saiu do quarto. Os alforjes estavam pendurados numa das cadeiras à mesa de jantar, mas ainda não tinha descoberto onde ela arrumara o resto das suas roupas, bem como as suas botas. Encolheu os ombros. De momento, não lhe faziam falta e haveria de voltar mais tarde.

Foi um homem quem abriu a porta da cozinha e saiu do casebre. Porém, foi um cavalo negro que galopou ao encontro da estrada resplandecente para Tir Alainn.

Piu-piu, piu-piu, piu-piu.

Os pássaros estavam a festejar com entusiasmo a chegada do dia.

Com demasiado entusiasmo, pensou Ari, encaracolando-se debaixo das cobertas para se esconder da luz que jorrava pela janela do quarto.

Luz?

Espetou a cabeça de fora e abriu os olhos com relutância. As cortinas estavam abertas e as persianas também. Dois pardais e um tentilhão olhavam-na fixamente do lado de fora do vidro.

Piu-piu, piu-piu, piu-piu.

Acorda, acorda, acorda e dá as boas-vindas ao dia.

— Pronto, pronto, já estou acordada — resmungou, sem fazer qual-

quer esforço adicional por saudar o novo dia. Já passava das hora a que habitualmente se levantava, mas, assim que começasse a tratar das tarefas diárias, a noite anterior passaria a ser coisa do passado e apetecia-lhe saborear um pouco mais as sensações que perduravam, pensando sobre o sonho maravilhoso que tivera de manhã cedo. Lucian oferecera-se para lhe dar uma prenda e pedira-lhe algo de absurdo, que só um Senhor dos Fae poderia proporcionar-lhe.

Claro que tudo isso fora um disparate, apenas um divertimento que o seu espírito sonhara para se distrair enquanto o corpo dormia, porque, se ele lhe tivesse, realmente, oferecido um presente a troco de sexo, a noite anterior deixaria de ser a união de duas pessoas para seu mútuo prazer; passaria a ser a prestação de um serviço a soldo.

Avessa ao rumo que os seus pensamentos tomavam, Ari rolou e saiu da cama. Enfiou os pés nos chinelos e arrastou-os até à sala. À medida que ia abrindo cortinas e persianas, os pardais e o tentilhão perseguiram-na de janela em janela.

Piu-piu, piu-piu, piu-piu.

— Não deviam estar à caça de minhocas, ou de outro bicharoco qualquer? — perguntou-lhes Ari.

Piu-piu.

— Bem, vejam se não tocam nas minhas alfaces. Têm tantas outras coisas para comer, que escusam de estragar a minha horta.

Piu-piu!

Sorridente, Ari abanou a cabeça e deu meia-volta, para olhar a lareira. O fogo apagara-se. Paciência. Tinha a impressão de que o frio que se fazia sentir no casebre era algo que ficara da véspera e de que se dissiparia assim que abrisse meia dúzia de janelas e a parte de cima da porta da cozinha.

Quando se dirigiu para esta, reparou que os alforques continuavam pendurados na mesma cadeira em que os deixara.

Tinha a certeza de que Lucian se fora embora. Assim sendo, porque os teria deixado ali? Onde teria arrumado a sua muda de roupa? Perfeitamente desperta, atravessou, apressada, o corredor estreito que saía da cozinha e se estendia até à despensa e à casa de banho.

Já se encarregara de recolher a roupa molhada e de a estender quando se levantara para usar o bacio. As vestes dele continuavam penduradas na casinha, tal como as deixara.

Ligeiramente perturbada, abriu a janela da pequena divisão para a arejar e voltou à cozinha para aquecer água e preparar o chá da manhã.

A bomba do poço pareceu-lhe algo perra e chiou quando foi encher a chaleira de água. Talvez precisasse de óleo. Não se lembrava da última vez que tratara disso. Suspirou. Mais um assunto para a preocupar e para lhe

ocupar o dia. Mais um assunto que a mãe e a avó teriam resolvido quando as três ainda eram vivas e repartiam as tarefas.

No entanto, não se lembrava de alguma vez as ter visto tratar daquilo, portanto deviam pedir a alguém que o fizesse por elas. A quem pediria uma família de bruxas ajuda? Decerto não seria ninguém de Ridgeley. Talvez Ahern? Mas esse já consertara a porta. Não lhe podia pedir mais auxílio antes de ter oportunidade de lhe retribuir. Neall? Geralmente, este predispunha-se a auxiliá-la com pequenos afazeres, isso quando o Barão Felston não lhe ocupava o dia com tantos recados, que pouco tempo lhe deixava sequer para respirar. Mas Neall... Havia razões para se sentir relutante em pedir-lhe que a ajudasse.

Depois de acrescentar mais achas no fogão, Ari pôs a chaleira ao lume, para a aquecer. Abriu um armário e retirou dali uma chávena. A sua mão pairou à frente dos frascos junto à loiça, antes de escolher aquele onde guardava a sua mistura especial de ervas. Conseguia calcular com exactidão o seu período fértil através de alterações subtis no comportamento do seu corpo. A véspera da chegada da primeira Lua do Verão devia ter marcado o seu fim, mas era escusado correr riscos. Beber diariamente uma chávena de chá preparado com aquelas ervas durante alguns dias era uma precaução sensata: precaução que tomava todos os meses desde que a sua mãe falecera. Não fora o medo de que um homem pudesse violá-la que a tornara tão diligente no consumo daquele chá, embora o modo como Royce e alguns dos seus amigos a olhavam ultimamente a deixasse nervosa. Era de si própria que tinha medo, temia que pudesse ceder à solidão, ou aos desejos amorosos do seu próprio corpo em algum dia cujas consequências lhe pudessem sair mais caras do que alguns minutos de prazer.

Havia alturas em que julgava que seria maravilhoso ter uma filha para acarinhar e com quem partilhar o mundo. Mais dias havia, particularmente nos últimos tempos, em que dava graças por ser improvável que alguma vez engravidasse. A sua filha seria tão marginalizada quanto ela em Ridgeley e igualmente indesejada. A alegria de cuidar de Brightwood não escondia a sua de solidão e havia alturas em que essa felicidade lhe parecia um fardo. Aquelas terras eram a sua herança e eram da sua responsabilidade, mas alguém que não a filha-que-nunca-haveria-de-nascer teria de pegar no testemunho quando Ari partisse.

Assim sendo, seria sensato beber daquela infusão durante alguns dias mais, para se assegurar assim, dentro do possível, de que não conceberia uma criança.

No entanto... talvez Lucian gostasse de ter filhos.

Abanando a cabeça, Ari preparou o seu chá. Deixou-o assentar na

banca e levou um cântaro com água e a chaleira para a casa de banho, encheu a bacia e lavou-se rapidamente com uma esponja.

A perspectiva de ter filhos era perigosa por ser aliciante. Todavia, não era aliciante quanto bastasse. Com certeza que Lucian fora um esplêndido amante e comprovara, para além de todas as expectativas dela, que nem todos os homens eram como Royce. Só de pensar naquilo que lhe fizera com as mãos e a boca fazia com que sentisse um arrepio por dentro. Porém, isso não implicava que ele visse com bons olhos um filho gerado com uma bruxa. Além disso, Lucian desapareceria com a lua cheia, ou mais cedo ainda, visto que talvez lhe viessem as regras antes disso.

— E tanto quanto sabes, talvez já tenha esposa e filhos — murmurou Ari, de volta à cozinha para tomar o seu chá. Os homens casados não deviam aceitar convites feitos na noite da primeira Lua do Verão, mas muitos faziam-no. Porque haveriam os Fae de ser diferentes dos demais?

— Porque não queres que ele seja tão... ordinário, tão parecido com o Royce, ou com o Barão Felston e os outros fidalgos de Ridgeley. Queres que o coração dele lhe refreie os impulsos da carne. — Ari cortou uma fatia de pão e barrou-a com doce. — Mesmo que tenha esposa, foi ele que escolheu aceitar a oferenda e vir aqui ontem à noite. — Porém, seria uma profunda desilusão se viesse a saber que ele era casado com uma mulher a quem devia ter sido fiel.

Decerto Neall não estaria de acordo com o facto de ela ter acolhido um homem casado na sua cama, quer os Fae subscrevessem, ou não, um conjunto de preceitos morais diferentes dos deles.

Com um suspiro, Ari continuou a beber o seu chá. Deixou o pão na banca e foi vestir-se para o quarto.

Em determinados sentidos, Neall era tão marginalizado em Ridgeley quanto ela. Porventura seria por isso que, quando eram crianças, tinham travado amizade. Continuavam a ser amigos, embora já não se vissem muitas vezes. Agora ele parecia mostrar-se mais... cauteloso... na presença dela.

— O que não quer dizer nada — afirmou Ari para consigo, num tom firme. — Não tem o direito de te dizer como deves viver a vida, nem cuja companhia podes apreciar.

Constatando que essas palavras não lhe pareciam indiferentes quando ditas em voz alta, Ari apertou os lábios com força. Bem podia negá-lo, mas a opinião de Neall tinha importância para ela. Tanta importância como tinha a opinião de Ahern. Talvez por serem as únicas pessoas que ainda se preocupavam com ela.

Bem, era improvável que algum dos dois viesse a descobrir que teria um amante Fae durante mais alguns dias, por isso só estava a inventar preocupações, como a sua avó tinha o hábito de dizer.

Depois de ter vestido as suas calças mais velhas e a sua túnica, Ari dedicou-se a entrançar os cabelos. Não faria sentido vestir roupas melhores, quando ia passar o resto do dia na lavoura. A única pessoa que com quem pretendia estar era Ahern e a única coisa para que este teria olhos era o pão doce que lhe queria levar. Assim sendo, ia dar um salto à quinta dele e, depois, passar o dia a trabalhar no quintal.

Fora isso, não tinha a intenção de – aliás, recusava-se a – estragar a satisfação que sentia ao amanhar a terra matutando sobre homens. Simplesmente deixaria de pensar neles. Não pensaria sobre Neall, nem Ahern. Sobretudo, não pensaria sobre o Lucífero, nem se interrogaria se ele planeava regressar naquela noite.

## CAPÍTULO NOVE

Embora tivesse a impressão de que eles teriam preferido ver-se livres de outra companhia que não a deles, Dianna demorou-se a tomar o pequeno-almoço com Lyrra e Aiden numa das salas comuns da casa do clã. Lucian voltara de manhã cedo e pretendia estar com ele como se não se tivesse passado nada, depois de ter passado tempo suficiente para não mostrar que estava a espera que ele voltasse, para saber o que acontecera na noite anterior.

Lyrra levantou as pernas e apoiou os pés no banco almofadado, envolvendo os joelhos com os braços.

— Talvez hoje segrede ao ouvido de alguém e o inspire a escrever uma grande epopeia — disse ela, com um sorriso.

— Se o fizeres, tenta escolher alguém com o mínimo talento para a escrita — redarguiu Aiden, reclinando-se na cadeira. A voz saiu-lhe branda, mas os olhos azuis luziram.

Fincando os pés no chão, Lyrra sentou-se direita, empertigada.

— Não me vais querer convencer de que todos aqueles em quem tocas têm dedos de ouro ou voz de prata. Já ouvi os balidos que hoje passam por cantares...

— Não o nego, mas, pelo menos, uma má canção não tem de ser suportada durante muito tempo, já uma má epopeia...

Estremeceu exageradamente.

— Ah, já estou a ver o que o dia nos reserva — comentou Dianna. — Alguém vai escrever uma péssima epopeia interminável, sujeita a adaptação musical. Vai chamar-se: «A guerra do Bardo e da Musa». A música será desafinada, com o andamento trocado. As palavras, originalmente escritas em prosa, serão coladas a eito sobre a melodia sem qualquer sensibilidade para o ritmo. Onde quer que a peça seja executada, vão correr muitas lágrimas, absolutamente alheias à história propriamente dita.

Ficaram a olhar para ela.

— Talvez a Senhora da Lua pudesse ser a heroína da epopeia — atirou Lyrra, fria, depois de um intervalo demorado.

— Talvez... — contribuiu Aiden, em voz baixa.

Não surgiu qualquer brilho nos olhos de Aiden, nem se ouviu qualquer sinal de amizade na voz de Lyrra. Pelos vistos, só a Musa e o Bardo podiam provocar-se um ao outro sem serem penalizados pela brincadeira.

— Peço-vos perdão — disse Dianna, irritada pela necessidade que

sentiu de proferir aquelas palavras. Principalmente perante Lyrra. A Musa pertencia a um clã que se fixara um pouco mais para norte, mas suficiente próximo do dela para se visitarem com bastante frequência e as duas eram amigas há muitos anos. Aiden era oriundo de um clã do centro do reino e, antes de ter visitado a casa do clã dela, para a ajudar a descobrir maneira de impedirem a destruição de Tir Alainn, só se haviam cruzado em meia dúzia de ocasiões, apesar de serem primos afastados. As poucas semanas que Aiden passara junto do clã de Dianna tinham chegado e sobrado para ela aprender a reçar a argúcia do seu espírito e a acutilância das suas palavras.

— Estava só a provocar-vos, como vocês estavam a fazer — prosseguiu Dianna. — Parece que não tenho jeito para essas brincadeiras e... de momento, estou algo apreensiva.

— Ai sim? — replicou Lyrra.

Antes que Dianna pudesse decidir quanto devia revelar-lhes, Falco entrou na sala e avançou em passos largos para eles.

— Já estiveste com o Lucian? — quis ele saber.

— Ainda não — admitiu Dianna. — Porquê?

— Está um pouco estranho. Nem imaginas o que pediu às Irmãs das Nuvens.

Apercebendo-se do olhar veloz de preocupação que Lyrra lhe deitou, Dianna manteve-se concentrada no Senhor dos Falcões.

— O que lhes pediu?

Falco abanou a cabeça.

— Tens de falar com ele, Dianna. Tens de descobrir porque é que hoje está... diferente.

Dianna sentiu-se arrepiada. Insistira com Lucian para que visitasse o casebre na véspera. Se lhe tivesse acontecido algo de mal por causa disso... No entanto, o que poderia ter acontecido que modificasse a postura dele? Que raça de criatura seria aquela mulher?

— Talvez esteja apaixonado — disse Aiden, com alguma malícia.

A cabeça de Dianna voltou-se repentina para o Bardo. Saberia Aiden onde Lucian fora na noite anterior? Saberia que se referia à possibilidade de um Fae se apaixonar por uma fêmea humana? Não tinha importância. A farpa que lhe atirara naquele tom seco atingira o objectivo.

Com certeza que havia Fae que se enrolavam com humanas e, não só perdiam toda a noção de decoro e propriedade, como tinham o desprante de se afeiçoarem às criaturas. Todavia, nenhum deles ocupava a posição de Lucian, o Lucífero. Se ele se deixasse enlear...

— Dianna? — disse Lyrra, com suavidade.

Esforçando-se por se mostrar tranquila, Dianna inclinou ligeiramente a cabeça na direcção de Falco.

— Obrigado por me teres chamado a atenção para a situação, Falco. Vou ter uma conversa com o meu irmão.

— Aconselho-te que não deixes passar muito tempo — replicou. — É perturbante para o resto do clã vê-lo comportar-se de modo tão estranho.

Ninguém teceu comentários enquanto Falco não abandonou a divisão.

— Cruzei-me com o Lucian hoje de manhã — anunciou Aiden.

— E então?... — incitou-o Dianna. — Como te pareceu estar?

— Satisfeito. — Aiden fez uma pausa. — Não passou a noite aqui.

— Não.

— E não foi visitar outro clã.

Dianna abanou lentamente a cabeça.

— Mas o sítio onde estive não diz respeito a ninguém, excepto...

— Não pertenço a este clã, mas eu e o Lucian não deixamos de ser parentes da parte dos nossos pais — atalhou Aiden, com rispidez. Observou-a com os olhos semicerrados. — Tal como nós dois, por conseguinte, somos parentes. É a minha vez de pedir perdão. Não devia ter reagido tão mal à tua provocação.

— As regras são diferentes quando se brinca com a família? — perguntou Dianna, fazendo um sorriso forçado.

— São — confirmou Aiden, sem retribuir o sorriso. — Falas com ele?

«Para lhe dizer o quê?», interrogou-se ela.

— Ainda não. — Levantou uma mão para travar as queixas que Lyrra e Aiden pareciam prestes a fazer. — Tenho de resolver um assunto antes de conversar com o Lucian.

— Não demores muito — aconselhou Aiden. De seguida, trauteou algumas estrofes da «A Elegia do Amante».

Compreendendo a advertência, Dianna levantou-se.

— Voltamos a conversar logo à noite.

— Boa caça — desejou-lhe Lyrra, em voz baixa.

Dianna inclinou a cabeça e saiu da divisão.

«Boa caça», pensou, à medida que se dirigia, apressada, para os seus aposentos. Sim. Não se tratava da caça habitual, mas não deixava de ser uma caçada. Enquanto não visse pelos seus próprios olhos a famosa criatura, era como se tivesse uma aljava vazia e não argumentos acutilantes com os quais pudesse alcançar os seus objectivos.

Se Lucian adoptara, realmente, um comportamento tão estranho quanto Falco sugerira, precisaria de argumentos suficientemente acutilantes para lhe trespassar o coração.

...

Neall não precisou de atentar no marco de pedra para perceber que chegara ao troço da estrada que atravessava Brightwood. Apercebeu-se da mudança subtil no ambiente e o seu espírito reagiu à alteração ganhando ânimo. Até a sua montada, que nascera e fora criada na quinta de Ahern, pressentia os limites das terras de Ari, aliás, pressentia-os com demasiada nitidez.

Refreando suficientemente *Darcy*, para que este não se desconcentrasse, Neall disse-lhe:

— Vamos aproximar-nos num trote digno, em vez de galoparmos pelo quintal adentro, como potros sem maneiras.

*Darcy* resfolegou, antes de pôr à prova a determinação de Neall com uma mudança de velocidade que converteu o trote ligeiro num andamento mais estugado.

— Não vamos zangar-nos — avisou Neall. A sua voz pareceu não indicar a sinceridade que deveria ter transmitido, mas as mãos permaneceram firmes nas rédeas. O resultado foi aquele com que contava: um meio-termo, alcançado pela atenção do cavalo às indicações que as mãos nas rédeas lhe davam, atendendo, no entanto, também ao tom na voz do dono.

Paciência. Assim acabariam por chegar ao casebre mais cedo e Neall não tinha nada contra isso.

Ontem fora um dia miserável. Ao pequeno-almoço, bastara olhar para a cara de Odella para perceber que o homem com quem estivera na noite da primeira Lua do Verão não lhe agradara e que os seus dotes como amante – ou a ausência deles –, o tinham tornado ainda menos aliciante para ela. O facto de não poder rejeitá-lo enquanto a lua cheia não passasse sem que a magia de que a oferenda estava imbuída se voltasse contra ela piorava ainda mais a situação. Teria sido mau quanto bastasse suportar um encontro com um homem que a tivesse desiludido, mas passar por esse suplício vezes e vezes sem conta...

A infelicidade que descortinou no rosto da sua prima fizera com que Neall tivesse mais compaixão por Odella, mas pouca e francamente diluída. A prima não só era culpada do que lhe estava a acontecer por ter comprado o feitiço de amor à Avó Gwynn, como, além do mais, com as piores intenções, encurralara Ari juntamente com ela.

Royce estava a convalescer de uma noite dura passada na companhia de uma garrafa, excesso que talvez julgasse capaz de amortecer o medo que o tolhia desde que assistira à Caçada Selvagem, mostrando-se, por isso, ainda mais agreste do que lhe era habitual.

Então, o Barão Felston começara a fazer comentários maliciosos, insinuando que Neall, virtuoso como era, tinha passado a noite da primeira Lua do Verão na sua própria cama, em vez de ter ido «exercitar os músculos», como qualquer outro jovem. O facto de saber que teria sido duramen-

te criticado se os tivesse «exercitado», principalmente se alguma jovem tivesse aparecido semanas mais tarde, acusando-o de a ter engravidado, não contribuiu para que as farpas do barão o magoassem menos.

Apesar daquilo que o tio por vezes sugeria, ansiava tanto quanto qualquer outro jovem pelos prazeres que o corpo feminino podia proporcionar, mas a noção de que Felston não hesitaria em tentar obrigá-lo a casar-se com uma mulher que o amarrasse ali, tornava-o ainda mais cauteloso no que respeitava a aceitar convites de jovens que procurassem marido e casa para o seu futuro. O prazer fugaz que lhe poderiam dar não era comparável à necessidade que sentia de retornar à terra da sua mãe. Além disso, entregara o seu coração a Ari há tanto tempo, que já não se lembrava de alguma vez ter vivido sem estar apaixonado por ela.

Para agravar aquilo que fora um mau começo para o dia, Royce achava por bem acompanhá-lo na inspeção das quintas dos rendeiros para saberem o que precisava de ser feito nessas propriedades. Contava que Royce se fartasse de brincar aos castelões e voltasse para casa, ou seguisse para Ridgely, ao encontro dos seus amigos na taverna. Porém, Royce, com os seus comentários contundentes e as suas queixas constantes, teimara em passar aquele dia inacabável com ele.

Fora por esses motivos que não aparecera em Brightwood na véspera e inclusive evitara deslocar-se aos feudos contíguos aos terrenos de Ari, particularmente depois da segunda sugestão feita por Royce no sentido de irem lá. Interrogara-se por que motivo teria o primo insistido em passar pelo casebre enquanto estivesse com ele e perguntara-se porque não teria simplesmente ido lá sozinho. Só quando se aproximaram de casa e Royce acabou por sossegar, compreendeu a situação. Provavelmente, o primo quisera ir a Brightwood para averiguar onde Ari passara a noite da primeira Lua do Verão, mas tivera medo de ir sozinho, não fosse cruzar-se com a Caçadora e os seus cães sombrios. Aliás, pura e simplesmente tivera receio de ir onde quer que fosse sozinho, mas não lhe apetecera ficar em casa, sob o olhar crítico do Barão Felston. Assim sendo, Neall passara todo o dia atormentado, em silêncio, pela imagem da porta arrombada na cozinha de Ari e a impossibilidade de lá ir consertá-la enquanto estivesse com Royce.

Porém, isso fora na véspera. Agora era outro dia, tinha o casebre à sua frente e uma hora livre para o visitar.

Quando passou a trotar pela casa de Ari, com o intuito de amarrar *Darcy* junto ao estábulo inutilizado, algo lhe chamou a atenção. Puxou as rédeas com força, obrigando o corcel a fincar as patas traseiras no chão, antes de fazer um pedido de desculpas silencioso à montada enquanto olhava fixamente para a porta principal do casebre.

Estava aberta. Não se encontrava escancarada, a abertura não era evi-

dente. Nem sequer teria reparado, se uma ligeira rabanada de vento não a tivesse empurrado o suficiente para lhe chamar a atenção e mais ninguém teria pensado duas vezes sobre o assunto.

Ele, por seu lado, frequentava Brightwood desde a infância, sabia que a porta da frente raramente era usada e nunca ficava aberta, a não ser que alguém da família estivesse a trabalhar mesmo à frente dela.

Agora preocupado, desmontou e levou *Darcy* para o estábulo, fazendo o mínimo barulho possível, antes de voltar para a frente do casebre e observar a porta.

Talvez Ari a tivesse aberto por qualquer motivo de manhã e não houvesse reparado que o trinco não ficara bem fixo quando voltara a fechá-la. Talvez tivesse querido analisar o estado dos canteiros sem pisar o chão lamacento. Este, tal como a estrada, ia secando depressa na sequência das chuvadas da véspera, mas Ari levantava-se ao raiar do dia, altura em que devia estar muito empapado. À luz parda da aurora, poderia facilmente ter deixado escapar o facto de a porta não estar bem fechada.

Alternativamente, talvez algo estivesse muito errado ali.

Abrindo a porta com um empurrão, não passou a soleira, sentindo um formigueiro na pele em reacção aos feitiços defensivos.

— Ari? — chamou.

Não teve resposta.

Fechou os olhos, sentiu o poder agitar-se dentro de si. Astra, a avó de Ari, reconhecera o poder que ele tinha. Não era tão refinado como a magia de uma bruxa, tão-pouco poderia rivalizar em intensidade, mas permitia-lhe pressentir coisas de que mais ninguém se apercebia, proporcionava-lhe um conhecimento instintivo das criaturas dos bosques e ajudava-o a sentir a presença de magia, quando era usada perto de si. Se a sua mãe fosse viva, talvez o tivesse ensinado a utilizar aquele dom. Ou talvez o pai, que era por si só meio Fae, pudesse tê-lo treinado melhor, visto que, tanto quanto se recordava, a magia diluída que este tinha a capacidade de usar era mais semelhante à do seu filho. Nas presentes circunstâncias, o pouco que sabia sobre o poder que herdara, aprendera-o de modo passivo, no trato com as bruxas de Brightwood, e através dos exercícios a que se dedicava sozinho.

Não tinha importância. Tinha capacidade suficiente para resolver aquela situação.

Levantando a mão direita, encostou-a àquela barreira mágica invisível que impedia a entrada de pessoas, a não ser que fossem convidadas a passar.

— Conheceme — disse, em voz baixa, sentindo a magia do feitiço defensivo pressioná-lo à medida que canalizava as suas próprias energias para os dedos. — Conheceme. Já me receberam nesta casa. Deixa-me entrar. Assim desejo, assim será.

A magia do feitiço defensivo não se abriu à imagem de uma cortina, como teria acontecido se fosse Ari a convidá-lo a entrar, mas dissipou-se, deixando de parecer um muro de pedra invisível e adquirindo a textura de um véu espesso de teias de aranha.

Quando Neall passou a soleira, estremeceu face à sensação de que pequenos fiapos lhe roçavam na mão e no rosto. Sacudiu de si essa impressão, o que não lhe foi difícil, tendo em conta que os sentidos tinham outros estímulos com os quais se distraírem.

Alguém estivera ali. Uma pessoa nova, diferente, desconhecida. Conseguiu sentir vestígios dessa presença, que se sobrepunham à impressão familiar que Ari deixava no seu casebre.

Ela não estava em casa. Neall também pressentia isso. Ainda assim, deu uma espreitadela ao quarto, para se assegurar de que não estava ali, depois à sala de costura onde se encontravam os teares, as rodas de fiar e as cestas de fios que Ari utilizava quando tecia.

A caminho da cozinha, o seu olhar incidiu sobre uma cadeira ligeiramente afastada da mesa... e estacou. Perdeu conta do tempo que passara de olhos fixos nos alforjes, quando ouviu Ari dizer:

— Neall?

Detivera-se à entrada, com um ar confuso. Apresentava-se vestida com as peças mais velhas do seu guarda-roupa, aquelas que usava quando ia trabalhar no quintal e segurava um cestinho vazio com uma mão. Tinha as faces coradas e os cabelos morenos, soltos, pareciam ter andando a dançar ao sabor do vento. Custava-lhe olhar para ela, com um ar tão desalinhado mas lindo. Especialmente agora.

Passando o limiar da porta, Ari olhou para trás de si e depois para ele.

— Tinhas a porta aberta e fiquei preocupado — justificou-se Neall, esforçando-se por manter a voz tranquila.

Ela deitou um olhar carrancudo para a porta, mas o modo como descontraiu os ombros indicou-lhe que devia saber o porquê de a ter deixado aberta.

— Mas... como é que entraste? — perguntou-lhe Ari, voltando-se de novo para ele.

Num dia, haveria de lhe falar dos seus pais e do poder que tinha, mas hoje, não. Agora, não.

Tentou sorrir e respondeu:

— Já me recebeste aqui muitas vezes ao longo dos anos, Ari. Calculo que os feitiços me tenham reconhecido. — O sorriso esbateu-se. Os alforjes continuavam pendurados na cadeira entre eles. — Ou talvez tenha sido por causa da minha preocupação que os feitiços me deixaram entrar. Aliás, não me fizeram a mesma impressão que fazem quando estás cá.

Ela inclinou ligeiramente a cabeça para um lado e deitou-lhe um olhar pensativo.

— Que impressão te fizeram?

— Pareceu-me que estava a atravessar uma camada espessa de teias de aranha.

Ari fez uma careta e passou com uma mão ao longo da bochecha, como se ela própria sentisse as teias.

— Saíste cedo — comentou Neall. «De quem são os alforges, Ari?»

Ela pousou o cestinho na mesa.

— Levei um pão doce ao Ahern, para lhe agradecer por ter arranjado a porta da cozinha.

Portanto nem isso Neall tivera oportunidade de fazer por ela.

Sentiu uma dor no peito. Seria aquilo que era descrito nas cantigas e nas histórias como um coração apertado?

— Tens companhia — disse Neall, olhando para os alforges.

— Não — respondeu-lhe, precipitada. — Isso é... — Desviou o olhar.

— Conheceste-o na noite da primeira Lua do Verão?

Ari espetou os ombros para trás e o queixo para cima. Estava a defender o seu orgulho. Ele compreendia a reacção.

— E se tiver conhecido?... — perguntou-lhe, em tom de desafio.

— Deste-lhe a oferenda? — Quando ela o olhou com um ar cauteloso, a mágoa deu lugar aos primeiros sinais de raiva. — O Royce não guardou esse segredo, Ari. Sei que ele vinha até cá e sei com que objectivo.

— Não foi o Royce.

— Então, quem foi?

Ela encostou-se à mesa, com um ar desgastado.

— Ninguém que conheças. Não é... não é de cá.

Neall fechou os olhos por instantes. Havia nisso algo de misericordioso. Pelo menos, não se sentiria tentado a olhar para todos os homens de Ridgeley, das propriedades e quintas vizinhas, a pensar se seria algum deles quem estava a aproveitar-se de Ari.

— Diz-me o seguinte, ele... — Era uma pergunta impossível de articular. Ao mesmo tempo era impossível de omitir. — Foi amável contigo?

Ela descontraíu-se um pouco, mas não deixou de o observar com toda a atenção.

— Sim, foi amável.

— Nesse caso, ainda bem. Isso é bom. — Foi assaltado por diversas sensações: ciúmes, angústia... e alívio por Ari não estar apavorada com o regresso do desconhecido. Porque haveria de voltar. Os factos de não ter levado os alforges tornava isso evidente. Se continuasse a regressar até a lua cheia desaparecer...

Engoliu em seco, para aliviar o aperto que sentia no peito.

— Ari, se por acaso engravidares...

Ela abanou imediatamente a cabeça.

— Se engravidares — repetiu, teimoso —, e ele não ficar contigo... apoio-te eu.

Olhou-o fixamente, como se nunca o tivesse visto antes. Como se algo de conhecido se tivesse subitamente transformado.

— Estarias disposto a isso? Assumirias os compromissos de um marido em nome do filho de outro homem?

— Do teu filho — corrigiu, num tom feroz. — Teu. E se fosse eu a criá-lo contigo, também seria meu, independentemente de quem fosse o pai verdadeiro.

— Neall... — sussurrou ela.

— Não respondas já. Só quero que saibas que não te abandono. Não precisas de continuar sozinha.

Sentindo necessidade de fugir, dirigiu-se em passos largos para a porta aberta.

— Neall — disse Ari, indo ao encontro dele. Deu-lhe um beijo na face. Foi um beijo de amiga e magoou-o, por querer que fosse muito mais do que isso. — Que a Mãe te abençoe, Neall.

Estreitou-a entre os braços, apertando-a de encontro ao peito. «Ari, Ari, a minha paixão, a minha vida.» Seria realmente capaz de partir de Ridgely sem ela, ou isso seria despedir-se de parte tão importante de si próprio que se veria reduzido a pouco mais do que um fantasma?

Não podia pensar sobre isso. Agora, não.

Separou-se dela e deu um passo atrás.

— Que a Mãe te abençoe, Ari.

A custo, conseguiu manter os passos tranquilos e regulares quando se encaminhou para onde *Darcy* estava preso. Talvez a sua tranquilidade aparente tivesse enganado Ari, mas não enganaria o cavalo. *Darcy* fez cabriolas, agitado. Segurou as rédeas, para o obrigar a caminhar normalmente e aceitou com uma mão para Ari, que se mantinha diante da porta, antes de dar folga às rédeas, para permitir que *Darcy* trocasse.

Assim que se apanhou em segurança, longe da vista dela, Neall conduziu *Darcy* para o caminho por onde viera, mas não na direcção de Brightwood. Precisava de outro pretexto para se encontrar naquela estrada, não fosse cruzar-se com alguém que pudesse dizer ao barão que o tinha visto. Não se sentia suficientemente firme para lidar com os reideiros que lhe competia visitar naquela manhã, mas havia um sítio para onde se podia encaminhar onde as emoções que ainda não conseguia esconder dariam nas vistas, mas não seriam comentadas.

Incitou *Darcy* a galopar pelo meio dos terrenos arados rumo à quinta de Ahern.